

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PRÁTICAS E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS CULTURAIS NAS MÍDIAS, COMPORTAMENTOS E
IMAGINÁRIOS DA SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO

SANDRA MARA GARCIA HENRIQUES

**O FATOR DA MOBILIDADE NAS
REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO:
UM ESTUDO SOBRE AS POTENCIALIDADES
DA PLATAFORMA LOCAST**

Porto Alegre

2011

SANDRA MARA GARCIA HENRIQUES

**O FATOR DA MOBILIDADE NAS REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS DE
COMUNICAÇÃO:
UM ESTUDO SOBRE AS POTENCIALIDADES DA PLATAFORMA LOCAST**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda

Porto Alegre

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H519f Henriques, Sandra Mara Garcia

O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação : um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast / Sandra Mara Garcia Henriques. – Porto Alegre, 2011.

187 f.

Diss. (Mestrado em Comunicação) – Fac. de Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda

1. Comunicação e Tecnologia. 2. Interação Social.
3. Redes Sociais. 4. Espaços Urbanos. 5. Tecnologia – Aspectos Sociais. 6. Locast Civic Media. I. Pellanda, Eduardo Campos. II. Título.

CDD 301.243

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

SANDRA MARA GARCIA HENRIQUES

**O FATOR DA MOBILIDADE NAS REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS DE
COMUNICAÇÃO:
UM ESTUDO SOBRE AS POTENCIALIDADES DA PLATAFORMA LOCAST**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Raquel da Cunha Recuero – UCPel

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS

Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda – PUCRS

Dedico este trabalho a meus pais, Elô e Osmar,
pelo apoio e carinho incondicionais.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a meus pais pelo amor e dedicação.

Ao meu amor, pelo incentivo, apoio, compreensão e por tornar os meus dias mais felizes.

Aos meus amigos, por fazerem parte da minha vida.

Aos professores, pela motivação e conhecimento.

Ao meu orientador, pela parceria e confiança durante esta caminhada.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da Bolsa de Mestrado que possibilitou a realização deste trabalho.

“A mente que se abre a uma nova ideia
jamais voltará ao seu tamanho original.”

Albert Einstein

RESUMO:

As tecnologias móveis de comunicação e informação, através das conexões via internet sem fio, vêm possibilitando novas formas de socialidade e de propagação da informação na sociedade pós-moderna, remetendo a outras percepções dos espaços urbano e virtual. Este trabalho, busca compreender os impactos que as redes sociais móveis têm nas novas apropriações das cidades e nas manifestações sociais dos indivíduos. O objeto de estudo desta dissertação é o projeto Locast Civic Media, uma plataforma móvel e *online*, que possibilitará compreender como se desenvolvem estas novas redes sociais no atual contexto móvel. A netnografia proposta por Kozinets é a metodologia que permeia os estudos sobre o Locast, auxiliando na percepção de como se desenvolveram as ações entre os participantes do Projeto e suas motivações para publicar conteúdos sobre os locais da cidade. Desta forma buscou-se compreender como as redes sociais, potencializadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação, podem incentivar os indivíduos a se manifestarem socialmente, e quais os impactos que estas redes sociais móveis possuem do desenvolvimento das cidades e da socialidade entre os indivíduos. Com os estudos realizados foi possível compreender que as redes sociais móveis causam uma alteração nas relações sociais dos indivíduos, pois estas estão diretamente arraigadas aos locais das cidades, mas utilizando para sua comunicação uma plataforma digital, tornando os espaços híbridos. As transformações percebidas demonstram que há uma nova apropriação dos espaços pelos indivíduos remetendo a estes novos significados e experiências que revelam as potencialidades das redes sociais móveis na sociedade atual pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Interação social; Redes sociais móveis; Espaço urbano e virtual; Tecnologias móveis de comunicação e informação; Locast Civic Media

ABSTRACT

The advent of mobile information and communication technologies based on wireless internet connectivity has created new possibilities for socializing and for disseminating information in postmodern society, leading to new ways of understanding both urban and virtual spaces. The present study seeks to understand how mobile social networks affect the ways in which individuals appropriate cities and express themselves socially within them. This dissertation takes for its focus the Locast Civic Media Project, a web and mobile platform intended to allow users to chart the development of new social networks emerging in the current mobile context. The studies conducted on Locast derive their methodology from Kozinets' discipline of netnography which serves as a useful adjunct in understanding how Project users interact with each other and what motivates them to generate content relating to the various areas of their city. The present study has sought to understand how social networks, enhanced by mobile communication and information technologies, can provide incentives for individual social expression, and to determine their impact on the development of cities and on the growth of social interaction between individuals. It has thus been possible to conclude that mobile social networks bring about an alteration in social relations between individuals, since they are directly rooted in physical locations within cities, but using a digital platform for communication, transforming such locations into hybrid spaces. The transformations observed have shown that spaces are being appropriated by individuals in a new way, leading to these new definitions and experiences which demonstrate the potential of mobile social networks in present-day postmodern society.

KEYWORDS: Social interaction; Mobile social networks; Urban and virtual space; Mobile information and communications technology; Locast Civic Media.

Lista de ilustrações

Gráfico 1: Enfoque das reportagens realizadas no projeto Locast.....	99
--	----

Lista de figuras

Figura 1: Site Imity.....	74
Figura 2: Site City Sense.....	74
Figura 3: Site Google Latitude.....	75
Figura 4: Site Brightkite.....	76
Figura 5: Site iRovr.....	76
Figura 6: Site Next2friends.....	77
Figura 7: Site OndeEstou.....	78
Figura 8: Site Foursquare.....	79
Figura 9: Site Gowalla.....	79
Figura 10: Página online Locast Civic Media.....	94
Figura 11: Plataforma móvel Locast Civic Media.....	94
Figura 12: Funcionamento Projeto Locast.....	96
Figura 13: Reportagem realizada durante o Projeto Locast.....	98
Figura 14: Cast – Categoria Cotidiano.....	100
Figura 15: Cast – Categoria Local.....	100
Figura 16: Cast – Categoria Nacional.....	101
Figura 17: Cast – Categoria Entretenimento.....	101
Figura 18: Cast – “Este bairro é o coração de Porto Alegre?”.....	109
Figura 19: Cast – “Tempestade em Porto Alegre”.....	110
Figura 20: Cast – “Hidrantes em risco na capital”.....	114
Figura 21: Ferramenta comentários – Plataforma Locast.....	116
Figura 22: Geolocalização – Plataforma Locast.....	118
Figura 23: Cast – “Comerciante protesta contra demora no conserto de buraco”.....	122

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 A SOCIALIDADE DOS INDIVÍDUOS.....	17
2.1.1 A sociedade em rede: a interação entre os indivíduos	29
2.1.2 Redes sociais na internet	35
2.1.2.1 Dinâmicas das redes sociais na internet.....	37
2.2 ESPAÇOS HÍBRIDOS.....	43
2.2.1 Espaços urbanos e cidade	43
2.2.2 Mobilidade e cibercidade	45
2.2.3 Espaços híbridos de socialidade	48
2.3 REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS MÓVEIS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: NOVOS CONTEXTOS, NOVAS APROPRIAÇÕES.....	57
2.3.1 Tecnologias móveis de comunicação e informação	58
2.3.2 Tecnologias móveis de comunicação e informação e a convergência midiática	63
2.3.3 Manifestações sociais e Tecnologias móveis de comunicação e informação	68
2.3.4 As redes sociais móveis	70
3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	87
3.1 O APORTE METODOLÓGICO: A NETNOGRAFIA.....	87
3.2 TÉCNICAS DE PESQUISA.....	90
3.2.1 Observação participante	91
3.2.2 Procedimentos qualitativos e quantitativos	92
3.2.3 Questionário	93
3.3 O OBJETO DE ESTUDO.....	93
4 COMPREENDENDO O OBJETO: OS RESULTADOS	97
4.1 OBSERVAÇÃO: PROJETO LOCAST CIVIC MEDIA.....	103
4.2 COMPREENSÃO: PROJETO LOCAST CIVIC MEDIA.....	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
7 ANEXOS	136

1 INTRODUÇÃO¹

Procurar compreender como os indivíduos se manifestam individualmente e em coletivos, sempre fez parte das indagações sociais. Na sociedade atual, na qual o ciberespaço é o lugar comum de interação de milhares de pessoas no mundo inteiro, novas relações sociais vêm sendo construídas diariamente. Diante deste contexto, da sociedade em Rede (CASTELLS, 1996), é possível perceber que a ampliação das tecnologias é fator determinante para a potencialização da comunicação entre os sujeitos, que passam cada vez mais a interagirem entre si através da mediação de computadores e tecnologias de acesso à internet sem fio (telefones celulares, Wi-Fi).

No ciberespaço, as redes sociais observadas na relação entre atores (pessoas, instituições e grupos) e suas conexões, tratando-se de uma abordagem focada nas estruturas sociais (RECUERO, 2006), são ampliadas devido à potencialidade da interação mediada pelo computador, salientando uma organização social diferenciada realizada entre os internautas. No entanto, o que se percebe no contexto da atual sociedade pós-moderna, são as trocas de informações e as interações cada vez mais sendo realizadas também através de sistemas de internet sem fio e tecnologias móveis de comunicação e informação. São as tecnologias nômades (*laptops, palms* e celulares) que proporcionam aos indivíduos interagirem e expandirem seus contatos através destas redes telemáticas (LEMOS, 2005).

As relações sociais na Pós-modernidade são caracterizadas pela rapidez e pela fluidez das interações entre os indivíduos (MAFFESOLI, 2000). Num contexto das redes sociais na internet não poderia ser diferente, o que demonstra que embora o indivíduo seja o centro do processo, a valorização das relações e do cotidiano das redes é fator que determina as relações entre os sujeitos. O desenvolvimento da internet vem proporcionando a formação de tribos que se reúnem pela vontade, pela identificação dos indivíduos formando assim as redes sociais. Com o desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação, as redes sociais móveis estão emergindo rapidamente na sociedade

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

atual pós-moderna, mostrando que uma nova forma de agrupamento nas cidades pode ser construída, possibilitando novas apropriações dos espaços físico e virtual por parte dos indivíduos.

Com a interação mediada pelo computador tornou-se possível desconectar-se da presença física como empecilho da sociabilidade e reconectar-se aos demais unicamente através computador (RECUERO, 2006). No entanto, o que se percebe atualmente é a emergência de uma interação realizada também em espaços físicos, devido ao fato dos indivíduos estarem cada vez mais utilizando as tecnologias móveis de comunicação e informação para unirem o espaço físico e virtual durante o processo de interação social. Desta forma, busca-se observar como as redes sociais podem ser potencializadas por estas tecnologias, que vêm causando profundas modificações nas práticas sociais cotidianas principalmente no que se refere aos espaços de socialidade. Assim, este trabalho busca compreender os impactos que as redes sociais móveis têm nas novas apropriações das cidades e nas manifestações sociais dos indivíduos através do uso de tecnologias móveis de comunicação e informação.

Para tal compreensão, realizou-se no primeiro capítulo do trabalho uma revisão de como se desenvolve a socialidade dos indivíduos no contexto da sociedade pós-moderna. Pretende-se assim, dissertar sobre como se criam os grupos, como os sujeitos se unem em redes sociais a partir das emoções compartilhadas construindo laços sociais, procurando salientar algumas características da sociedade em rede e como esta proporciona algumas particularidades quando se trata da formação de redes sociais na internet. O objetivo deste capítulo é entender como os indivíduos se agrupam na sociedade atual.

Os espaços urbano e virtual são eixos fundamentais na construção deste trabalho, pois permitem que se observem os processos de significação que os indivíduos agregam aos locais. Desta forma, procura-se no segundo capítulo deste trabalho, construir uma reflexão sobre como se dá a percepção dos espaços pelos indivíduos em relação à construção de sua socialidade. Um dos temas a ser destacado trata dos espaços híbridos, que são uma forma de cooperação entre os espaços urbano e virtual, assim, neste capítulo, objetiva-se observar como se caracterizam os processos de construção dos espaços urbano e virtual nas cidades contemporâneas, e com este enfoque, busca-se compreender um dos problemas,

das indagações desta dissertação, ou seja, como os espaços urbanos passam a ter novos significados através das tecnologias móveis de comunicação e informação?

Neste capítulo sobre espaços, ainda é proposto uma revisão acerca da mobilidade e qual os efeitos que estas, juntamente como as tecnologias móveis de comunicação e informação, causam nas cidades, como modo de compreender os impactos das novas tecnologias na apropriação dos espaços urbanos pelos indivíduos.

No terceiro capítulo, irá se delinear uma revisão sobre as tecnologias móveis de comunicação e informação, onde se busca compreender como se desenvolvem as redes sociais diante destes novos contextos, destas novas apropriações. Nesta parte serão revisados diversos conceitos a fim de perceber como o uso das tecnologias móveis de comunicação e informação pode potencializar novas formas de socialidade, novas tribos urbanas – redes sociais móveis. Para este fim, serão realizados estudos acerca das potencialidades da convergência midiática, bem como se observará alguns exemplos de como as tecnologias móveis auxiliam os indivíduos na publicação e produção de conteúdos, assim, serão pontuados acontecimentos nos quais o uso dos telefones celulares foi algo decisivo principalmente em situações adversas vividas pelos sujeitos. Neste capítulo irá se desenvolver aspectos que são fundamentais para a compreensão do fator da mobilidade em redes sociais, pois para tal construção alguns objetivos tornam-se fundamentais. Primeiramente se procurará entender como se formam as redes sociais móveis na sociedade atual. Este entendimento é necessário para que se possa compreender outro problema desta dissertação - como vêm se desenvolvendo as redes sociais potencializadas pelas tecnologias móveis?

Assim, irá se chegar a um conceito e algumas características que permitirão esclarecer o que são as redes sociais móveis, buscando observar quais mudanças podem ser percebidas, com estas redes dispersas nas cidades.

Para a construção deste trabalho, além das revisões teóricas já apresentadas, propõe-se estudar o Projeto Locast Civic Media, uma plataforma móvel (aplicativo em telefone celular) e *online* (site), desenvolvida com a parceria entre PUCRS e Massachusetts Institute of Technology (MIT), que teve seu início no ano de 2009, e contou com a participação de alunos de graduação e pós-graduação, além de

professores da PUCRS e pesquisadores do MIT. O Projeto tem como objetivo compreender como as redes sociais móveis impactam na cidade e na representação do espaço urbano na mídia, levando ao cidadão a possibilidade de publicar e produzir informações sobre os locais onde vive. O Locast tem seu foco de pesquisa na cidade de Porto Alegre. Cabe salientar, que os estudos realizados sobre a plataforma foram direcionados ao período de 2009, enquanto a plataforma estava em teste, descobrindo as potencialidades de seu funcionamento. O Projeto deverá ter continuidade, pois a pesquisa realizada em 2009 serviu para identificar quais as possibilidades geradas com a plataforma.

O que se pretende com os estudos sobre o período inicial de pesquisas sobre a plataforma Locast é observar os tipos de conteúdos gerados pelos participantes do Projeto, descobrindo quais os potenciais gerados, para que, futuramente, a plataforma possa ser expandida para o uso dos indivíduos. Para alcançar este objetivo, utilizar-se-á como estratégia metodológica a netnografia, na qual a autora desta dissertação procurará compreender os aspectos relacionados ao grupo estudado (participantes do Projeto Locast), buscando apreender o possível das particularidades do que ocorreu durante o Projeto. Assim, a observação participante da autora, que participou do Projeto, permitirá entender o grupo pesquisado e observar o desenrolar dos fatos. Outra técnica de pesquisa que será utilizada no trabalho é o questionário, encaminhado aos participantes, contendo perguntas qualitativas e quantitativas que deverão permitir o esclarecimento das percepções dos participantes do Projeto Locast. Este passo da dissertação pretende observar se o objeto de estudo pode ser considerado uma rede social móvel.

Diante destes aspectos salientados, procura-se, perante o referencial bibliográfico e as observações relacionadas ao objeto de estudo, observar como as redes sociais, potencializadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação podem incentivar os indivíduos a se manifestarem em prol do desenvolvimento das cidades. Este contexto será percebido diante das considerações realizadas no desenvolvimento do trabalho como um todo, buscando salientar quais os impactos que a mobilidade tem quando relacionada às redes sociais, ao cotidiano dos sujeitos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção deste trabalho, serão apontados os referencias teóricos que permitirão compreender quais as novas percepções da sociedade pós-moderna diante do contexto das novas tecnologias móveis de comunicação e informação. Com esta proposta, será primeiramente observado o contexto da socialidade dos indivíduos e sua participação em grupos sociais. Em um segundo momento, se dissertará sobre a apropriação dos espaços urbanos e das cidades, e como estes vêm sendo hibridizados aos espaços virtuais no cotidiano dos indivíduos. Por fim, neste capítulo se buscará a compreensão das novas apropriações, dos novos sentidos dados pelos indivíduos às cidades e às redes sociais, quando estes passam a utilizar tecnologias móveis de comunicação e informação, podendo formar assim redes sociais móveis.

2.1 A SOCIALIDADE DOS INDIVÍDUOS

Os indivíduos possuem características referentes aos seus próprios sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios, e de algum modo deveriam decidir com segurança interna entre suas diversas possibilidades de comportamentos. Enquanto ser social, a determinação de orientações de ação dos grupos sociais seria caracterizada por uma “lei natural” que impulsiona as relações entre os indivíduos (SIMMEL, 2006) que a manifestam através de símbolos. Desta forma, é possível inferir que cada grupo se forma mediante um contexto que une os sujeitos em função de determinados interesses, que são compartilhados pelo grupo, formando assim redes sociais a partir das relações entre os indivíduos e a sociedade.

As vontades dos indivíduos, na Pós-modernidade, são mais destacadas do que a imposição de regras sociais, de normas que o induziriam a realizar determinadas ações. Quando inseridos em grupos, as vontades são compartilhadas entre todos e dentro de cada um, somando-se e fazendo valer a unidade que irá mobilizar a o grupo (SIMMEL, 2006). Assim se constroem as redes no contexto

social atual, embasadas nas trocas, em que um indivíduo exerce efeito sobre os demais, e também sofre efeitos por parte deles. É o que Simmel (2006) denomina “sociação”, ou seja, tudo o que está presente no indivíduo de modo a engendrar ou mediatizar sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos mesmos.

Embora não se referindo diretamente ao termo “redes sociais”, Simmel salienta que as “massas” - os grupos - partilham de um mesmo sentimento e motivação que faz com que surja uma espécie de coletivismo que pode ser direcionado para os mais diversos fins e que, em grupo, o indivíduo vai além das noções de consciência individual, “esse fenômeno se deve provavelmente à influência mútua, ocorrida por intermédio das emanações de sentimentos difíceis de detectar” (SIMMEL, 2006, p. 52). Esses sentimentos podem demonstrar uma satisfação de estar juntamente socializado.

Os grupos sociais possuem direções para suas ações muito mais definidas do que o indivíduo. A busca pelo alcance de um objetivo comum seria a finalidade das ações grupais, a unidade de uma rede é fortalecida pela diversidade de sujeitos que a compõem. As trocas entre os indivíduos são partilhadas almejando algo que lhes é de vontade comum. Segundo Simmel (2006) a própria sociedade, em geral, significa a interação dos indivíduos, e esta surge a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades compartilhadas. Estes interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana. Assim, Simmel enfatiza: “(...) quando se considera o indivíduo em si e em seu todo, ele possui qualidades muito superiores àquelas que introduzem na unidade coletiva.” (SIMMEL, 2006, p. 48)

As diferenças que permeiam as relações entre os indivíduos e os grupos sociais passam por um aspecto importante destacado por Simmel “a imortalidade fundamental dos grupos se contrapõe à transitoriedade do indivíduo humano” (SIMMEL, 2006, p. 39) e “a unidade do grupo que se sustenta sobre os indivíduos, seus componentes, (...) precisa ser tratada como se ela fosse um sujeito com vida, lei e características internas próprias” (SIMMEL, 2006, p. 40). Assim, pode-se considerar que o sujeito não é mais o único ângulo de ataque para a compreensão da vida do indivíduo e de suas relações com o meio social e natural “é possível que

este seja mais dirigido do que ator, mais submetido do que mestre e possessor, em primeiro lugar, de si mesmo e, em seguida da natureza.” (MAFFESOLI, 1992, p. 154)

Maffesoli (1992, p. 156) enfatiza que vivemos atualmente em uma “ambiência objetual” na qual o objeto toma lugar do sujeito, onde o indivíduo não é mais o “eu” poderoso e solitário, mas um objeto entre outros, intercambiável à vontade, e que nisto pode haver um espécie de prazer. A prevalência do objeto é uma forma de se pensar o coletivo: o “eu” cede lugar ao “nós”.

Não podemos deixar de assinalar a eflorescência e a efervescência do neo-tribalismo que, sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente. (MAFFESOLI, 2000, p. 105)

Com o desenvolvimento da Pós-modernidade é possível perceber que a crença numa única verdade que explique os fenômenos sociais perdeu espaço para muitas indagações acerca do atual contexto vivido. Valoriza-se mais o cotidiano, do que a racionalidade das questões que podem ser comprovadas cientificamente. O que une a sociedade são as vontades humanas, exaltando o individualismo, sem deixar de lado uma forma de solidariedade voltada às emergências dos outros indivíduos.

As relações sociais são mais efêmeras e inconstantes, mas o desejo de construção dos laços sociais permanece e é constantemente potencializado pelas novas tecnologias. Os vínculos sociais se renovam a cada dia, a partir de elementos minimalistas que envolvem e constroem o cimento social. O coletivismo se manifesta através da sinceridade sucessiva, da vivência do aqui - agora, desenhando os contornos, os enquadramentos da vida social.

Para Michel Maffesoli, sociólogo francês, a Pós-modernidade é uma sinergia entre a tecnologia de ponta e o arcaico. O arcaico representa o desejo da existência do laço social; a tecnologia potencializa a construção desses laços. Segundo ele:

“(…) a pós-modernidade não seria unicamente uma nova fase no processo dialético da história, ou um novo momento na grande marcha real do progresso, mas antes uma sensibilidade específica que, sempre e novamente renasceria em lugares e épocas diferentes.” (MAFFESOLI, 1996, p. 61)

A partir de sua ótica, a Pós-modernidade inaugura uma forma de solidariedade social, não contratual, mas elaborada a partir de um processo de emoções, repulsões, atrações e paixões. É nesse contexto que essa nova maneira de ver o mundo se constrói, as relações são mais espontâneas e realizadas a partir da vontade dos indivíduos. Para Maffesoli a Pós-modernidade é uma mistura orgânica entre elementos arcaicos e contemporâneos. Neste sentido, acredita-se ser importante salientar alguns tópicos apontados por Maffesoli (2007), que possibilitam compreender como se desenvolve a sociedade pós-moderna:

- 1) O sujeito é o ponto de referência obrigatório, e o conhecimento se caracteriza tratando menos do objeto, que determina a maneira, e mais à intenção que move as pessoas. É a “sociologia do lado de dentro”, como propõe Maffesoli (2007, p. 31). É o pensar o ser como um todo, situado num plano interno, manifestando uma visão de dentro, uma intuição, que não deve ser motivo de abstração, mas que faz parte daquilo que ele vive e descreve no seu cotidiano individual e em grupo.
- 2) As formas de uma sociedade cristalizam-se em objetos técnicos, instituições e no imaginário. Para Maffesoli (2007), a forma parece adequada para descrever os contornos, os limites e a necessidade das situações e das representações constitutivas da vida cotidiana. Ela está relacionada às motivações e maneiras de ser. Não é somente racional ou sensível. Ela remete a um sentido das coisas.
- 3) Maffesoli (2007) enfatiza que não se pode mais explicar a sociedade somente por um conjunto de leis econômicas, e, que passar a se observar somente a partir deste aspecto, pode-se conduzir as observações a uma visão reducionista da vida social. É necessário compreender a sociedade por um aspecto mais amplo, como o da comunicação (correspondência, analogia, socialidade) juntamente com o desenvolvimento tecnológico.
- 4) Há um estilo no cotidiano, de gestos, palavras, de que se deve dar importância e visualizar contornos. É uma forma de esteticismo correlato

de uma reflexão formista. Uma retroalimentação constante entre forma e empatia.

- 5) Para o autor, a sociedade pós-moderna possui como característica a liberdade do olhar, na qual o senso comum e o cotidiano são elementos fundamentais. Segundo Maffesoli (2007, p. 49) é preciso que se libertem as amarras de um questionar apenas científico, para que se possa perceber a vida social como um todo.

Nas relações pós-modernas, a ética, que agrega o grupo, se transforma em estética, torna-se emoção e enaltece o comum. O laço social torna-se emocional e caracteriza-se pela ordem da proximidade. Na sociedade atual, observa-se um processo de agrupamento de pessoas ao redor de um interesse comum, proporcionando, através da interação, a construção de laços sociais entre os indivíduos.

Como uma colcha de retalhos, a pós-modernidade é feita de um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes feitas de agressividade ou de amabilidade, de amor ou de ódio, mas que não deixam de constituir uma solidariedade específica que é preciso levar em conta. (MAFFESOLI, 1996, p. 15-16)

O conceito trazido por Maffesoli trata as relações diante do contexto atual, como socialidade, na qual ele ressalta que os indivíduos se agregam de forma espontânea e por afinidades, não por uma relação formada por regras e instituições.

Durante o processo de socialização, os sujeitos buscam uma forma de interação, que envolva elementos que levem à troca de ideias e contextos vividos. Os laços sociais se constroem a partir das conexões que se fazem perante aquilo que os indivíduos possuem em comum. Para Maffesoli (2000), é a “força da atração” daqueles que pensam e sentem como o outro, é ela quem faz com que a interação ocorra entre aqueles que têm os mesmos interesses e vontades “a ligação entre a emoção compartilhada e a comunalização aberta é que suscita essa multiplicidade de grupos, que chegam a constituir uma forma de laço social, no fim das contas, bem sólido” (MAFFESOLI, 2000, p. 18).

Este laço social é algo que está relacionado a uma questão de estar-junto, de troca, de pertencer ao grupo. Pode-se avaliar que há uma relação de prazer no contato com o outro. Para o autor, o essencial se encontra na invariabilidade do homem em sociedade, na comunhão, na mais-valia do vivido. A doura ignorância, e o senso comum são formas importantes de perceber o contexto social e as relações humanas, deixando de lado apenas um processo racional.

Para Maffesoli, a sociedade passa por uma reconfiguração. As novas tribos urbanas emergem demonstrando que o estar-junto por vontade, por interesse em comum é o que predomina na vida social. “Ao lado da existência de uma sensação coletiva, vamos assistir ao desenvolvimento de uma lógica de rede” (MAFFESOLI, 2000, p. 121), ou seja, os processos de atração entre os indivíduos se farão por escolha. É o que o autor chama de sociedade eletiva. Na sociedade atual os “nós” construídos com outros indivíduos são potencializados pelas novas tecnologias, demonstrando que um outro aspecto tribal está se constituindo de forma a impulsionar a construção de novas formas de socialidade. Maffesoli (2000) aponta que, contrariamente a estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, as reuniões pontuais e a dispersão. É assim que se pode descrever o espetáculo das ruas das megalópoles modernas.

Trata-se de um estar-junto grupal que privilegia o todo em relação aos seus diversos componentes. Os indivíduos se reúnem em grupos por sua própria vontade, sem uma normatização ou regras. O senso comum dos membros ordinários da sociedade revela que a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. Este mundo se origina no pensamento e na ação dos indivíduos comuns, sendo afirmado como real por eles. A realidade da vida cotidiana é partilhada, e essa experiência ocorre na situação de estar face a face com o outro, caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste. (BERGER e LUCKMANN, 1966).

As relações sociais constroem-se também através de aspectos relacionados à cultura na qual estas estão inseridas. Observar como se constrói a essência do indivíduo enquanto ser humano é fator fundamental para a construção de laços sociais entre os grupos. Na sociedade atual, valoriza-se mais o cotidiano do que a

racionalidade das questões que podem ser comprovadas cientificamente. Atualmente o que une os indivíduos são as vontades humanas.

A pessoa nasce num mundo que já existia e que, logo de partida, não é um mundo simplesmente físico, mas também um mundo sócio-cultural. Esse último é um mundo pré-constituído e pré-organizado, cuja estrutura especial é resultado de um processo histórico e diferente, portanto, em cada cultura e sociedade (SCHUTZ, 1979, p. 79). A observação dos fenômenos cotidianos por parte dos indivíduos permite que estes questionem sua cultura, seus modos de apreensão do sentido das coisas e os faz repensar sua existência no mundo.

As novas tecnologias potencializam esta relação de liberdade cultural, pois os processos de interação social são ampliados, bem como o sentido das ações individuais, segundo Schutz:

O mundo da minha vida diária não é de forma alguma meu mundo privado, mas é, desde o início, um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos nós. (1979, p. 159)

Na interação mediada pelo computador, o objeto se torna parte do sujeito, e o sujeito se torna parte do objeto, havendo uma total sintonia entre eles, e, como um dos produtos desta relação, encontra-se as redes sociais enraizadas neste processo. É a alteridade que começa na relação com o outro, e que tem como potencializador a mediação da tecnologia.

Como os fatos sociais são vitais, carregados de experiências, as redes sociais abarcam uma mistura de conhecimentos elaborados pelos indivíduos em relação a si mesmos, aos outros e ao mundo. Os significados gerados nas redes sociais são dados pelas experiências dos indivíduos sobre determinado fato ou objeto ao qual se relacionam.

Schutz (1979) observa que cada indivíduo constrói o seu próprio mundo a partir das experiências que vivencia, e é por este viés que se podem entender os fenômenos cotidianos. “O mundo da vida é um mundo social, que, por sua vez, é preestruturado para o indivíduo” (SCHUTZ, 1979, p. 17). No mundo social, através da cultura, são dadas ao indivíduo interpretações, fenômenos e relacionamentos, o

que muitas vezes podem impedir de realizar uma observação subjetiva acerca de determinado contexto. Assim, segundo Schutz, as vivências cotidianas são pontos fundamentais para que seja possível observar os fenômenos que ocorrem com os sujeitos.

O mundo da vida cotidiana é a cena, e também o objeto de nossas ações e interações. Temos de dominá-lo e modificá-lo de forma a realizar os propósitos que buscamos dentro dele, entre nossos semelhantes. Assim, trabalhamos e operamos não só dentro do, mas também sobre o mundo (SCHUTZ, 1979, p. 73).

Os laços sociais podem ressaltar uma compreensão de um indivíduo em relação ao próximo, um entendimento da experiência que um sujeito social tem do outro. São os atos intencionais dirigidos para uma pessoa ou para o objeto que o cerca, e destes atos o resultado deve ser a interação entre os sujeitos, uma compreensão do outro e dos significados que são trocados nesta relação.

O homem no estado natural, então, compreende o mundo através da interpretação de suas próprias experiências dele, sejam elas experiências de coisas inanimadas, de animais ou de seres humanos, seus semelhantes. E assim, nosso conceito inicial de compreensão do outro eu é simplesmente: “a nossa explicação das experiências que vivemos dos seres humanos, nossos semelhantes, como tais”. O fato de que o Tu que me confronta é uma pessoa, um semelhante, e não uma sombra numa tela de cinema – noutras palavras, que ela tem duração e consciência – é uma coisa que descubro ao explicar as minhas próprias experiências dele. (SCHUTZ, 1979, p. 165)

A interação entre os indivíduos está carregada das experiências vividas por ambos. Estas são orientadas por um sistema de relevância, buscado pelo indivíduo durante suas ações cotidianas e também no momento da interação com outro, nos quais os seus atos são baseados em estruturas relevantes para os sujeitos (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973). Este sistema de relevância orienta as ações dos indivíduos no contexto da vida cotidiana, nas quais estes resgatam as experiências passadas para projetar as ações futuras, formulando hipóteses para estas, a partir da busca do conhecimento gerado em ações anteriores, interpretando e utilizando este conhecimento para determinadas situações.

Assim como no dia-a-dia cotidiano do sujeito em interações face a face com os outros, nas relações mediadas pelo computador durante um processo interativo em redes sociais na internet, esse processo ocorre da mesma forma. O indivíduo

também busca suas experiências para se comunicar com o outro, formando laços sociais a partir de relacionamentos gerados por um interesse em comum. A situação interativa determina quais os tipos de experiência e de conhecimento, nos quais os indivíduos irão expor durante a interação. Estas experiências fazem parte do mundo da vida dos sujeitos.

O mundo da vida é simplesmente toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos. (WAGNER, 1979, p. 16)

O mundo da vida cotidiana é uma realidade constituída, assim, é preciso tomar como dados os fenômenos particulares que surgem dentro dela. A realidade da vida cotidiana é presença imperiosa na consciência do indivíduo, estando organizada em torno do “aqui” do meu corpo e do “agora” do meu presente. Para Luckmann e Berger é o *realissimum* de minha consciência.

Experimento a vida cotidiana no estado de total vigília. Este estado de total vigília de existir na realidade da vida cotidiana e de apreendê-la é considerado por mim normal e evidente, isto é, constitui minha atitude natural. (2001, p. 38)

A condição de existência do indivíduo no mundo da vida cotidiana se dá num processo de interação e comunicação com os outros. Desta forma, pode-se compreender que a interação entre os indivíduos, mediada pelo computador, ocasiona um processo de percepção do que apreendemos do outro diante da participação em redes sociais. Segundo Schutz:

Não poderíamos ser pessoas para os outros e nem mesmo para nós próprios se não pudéssemos encontrar com os outros um ambiente comum como contrapartida intencional de nossas vidas conscientes. Esse ambiente comum é estabelecido pela compreensão que, por sua vez, se fundamenta no fato de que os sujeitos motivam-se reciprocamente em suas atividades espirituais. Assim originam-se os relacionamentos de compreensão mútua (*Wechselverständnis*) e o consentimento (*Einverständnis*), e conseqüentemente, um *ambiente comum de comunicação*. (1979, p. 161) (grifos do autor)

É um processo de consciência de alguma coisa e a intencionalidade é este direcionamento da consciência a um objeto e às ações que estes provocam. Num ambiente comunicacional as pessoas não são referidas como objetos, mas como contra-sujeitos que participam de uma mesma comunidade social. A intencionalidade aqui se procede de forma a direcionar a consciência para a

interação, o sujeito tem consciência do outro, e assim pode constituir uma socialidade através dos atos comunicativos nos quais um indivíduo se volta para o seu próximo.

A fusão da comunidade pode ser perfeitamente desindividualizante. Ela cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro (o que remete ao político), mas antes estabelece uma relação oca que chamarei de relação táctil: na massa a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam. (MAFFESOLI, 2000, p. 102)

Estas relações tácteis criam uma ambiência especial, as quais possuem um *ethos* específico, segundo Maffesoli (2000) estamos sendo confrontados com uma forma de “comunhão dos santos” onde:

As agências informáticas, as redes sexuais, as diversas solidariedades, os encontros esportivos e musicais são todos indícios de um *ethos* em formação. É isto que delimita esse novo espírito do tempo que podemos chamar de socialidade. (MAFFESOLI, 2000, p. 103)

E neste novo espírito é que está amparado o neotribalismo, caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão, diferentemente das tribos clássicas as quais eram constituídas de uma estabilidade grupal. Para aclarar o significado de socialidade, Maffesoli (2000, p. 108) aponta o que para ele constitui a diferenciação: No *Social*, o indivíduo tinha a característica de possuir uma função na sociedade no âmbito de um partido, associação ou grupo estável. Na *Socialidade* o indivíduo representa papéis sociais, indo de acordo com seus gostos, assumindo o seu lugar a cada dia nas diversas peças do *theatrum mundi*. “À autenticidade dramática do social corresponde a tragédia superficial da socialidade” (MAFFESOLI, 2000, p. 108). Com a socialidade, o autor salienta que se vive atualmente em um período de reencantamento do mundo em uma época na qual o encadeamento dos grupos se dá com intencionalidade estilizada, mas exigente, pois os indivíduos buscam suprir seus desejos e vontades. E neste sentido Maffesoli (2000, p. 121) enfatiza que a vida enquanto obra não é mais assunto de alguns, mas tornou-se um processo de massa, onde a estética não é mais vista no sentido do gosto ou do objeto, mas o que interessa a sociedade é a forma estética pura, ou seja, como se vive e como se exprime a sensação coletiva, constituindo, desta forma, uma lógica

de rede: “os processos de atração e de repulsão se farão por escolha” (MAFFESOLI, 2000, p. 121):

Podemos dizer, com efeito, que a lógica de rede, e o afeto que lhe serve de vetor são essencialmente relativistas. Será necessário dizer como convém, que os grupos que constituem as massas contemporâneas não têm ideal? Talvez fosse melhor observar que eles não têm uma visão daquilo que, em termos absolutos, deve ser uma sociedade. Cada grupo é para si mesmo, seu próprio absoluto. (MAFFESOLI, 2000, p. 125)

E neste sentido pode-se compreender que em cada grupo existe uma multiplicidade de estilos de vida, que podem ser conflituosos ou harmoniosos. As relações sociais na Pós-modernidade tendem a favorecer o recolhimento do grupo, mas também um aprofundamento destas relações no interior destes (MAFFESOLI, 2000, p. 126).

A ligação entre os indivíduos em grupo, não se caracteriza mais pela rigidez como era observado nos modos de organização social na modernidade, onde a racionalidade é que fundamentava as relações, o que se vê hoje está mais direcionado aos estilos de vida que privilegiam a aparência e a “forma”, tratando-se de um inconsciente coletivo que serve de matriz a essa multiplicidade de experiências, situações e ações grupais (MAFFESOLI, 2000, p.139). A forma seria a ênfase dada ao modo como se dão os agrupamentos no cotidiano, não tanto pelo conteúdo originado pelas relações, o que não significa que laços sociais não possam ser construídos “[...] existe um laço estreito entre o espaço e o cotidiano. E o espaço é, certamente, o repositório de uma socialidade que não se pode mais negligenciar” (MAFFESOLI, 2000, p. 174). Segundo o autor, com as tribos há uma nova perspectiva nas relações espaço-tempo, onde a ênfase está colocada no que é próximo e no afetual, ou seja, “aquilo que nos une a um lugar, lugar que é vivido em conjunto com outros.” (MAFFESOLI, 2000, p. 177). No entanto, Maffesoli salienta que a ênfase no espacial não é um fim em si, pois, se existem as relações afetuais, oriundas destes agrupamentos, é por que se permite a existência das redes de relações.

A proxemia remete essencialmente, ao surgimento de uma sucessão de “nós” que constituem a própria substância da socialidade (...) a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função

de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação. (MAFFESOLI, 2000, p. 193-194)

Este sentimento de pertença pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico, onde o modelo de uma nova aldeia global é impulsionado pela interatividade proporcionada pelo meio digital. Para Maffesoli (2000, p. 194), os grupos desenvolvidos com este meio não deixam de lembrar as estruturas arcaicas das tribos e dos clãs das aldeias. Segundo ele, a única diferença notável, característica da galáxia eletrônica, é a temporalidade própria dessas tribos. O tribalismo é efêmero e se esgota na ação, e através de múltiplos vieses se constituem tribos, na qual cada uma delas tem durações de tempo variáveis conforme o grau de investimento de seus protagonistas. Neste contexto, surgem diversas formas de socialidade graças à rapidez do circuito oferta-procura, inerente ao procedimento informático (MAFFESOLI, 2000).

Estas formas de agrupamento, cada vez mais fazem parte da vida cotidiana, onde os indivíduos devem constantemente reafirmar seu sentimento de pertença pelo grupo, de aceitação ou rejeição aos rituais que permitem a este se sentir a vontade perante a relação. Desta forma:

Ao mesmo tempo, como o projeto, o futuro, o ideal, já não servem mais de cimento para a sociedade, o ritual, confirmando o sentimento de pertença, pode representar esse papel, e assim, permitir que os grupos existam. (MAFFESOLI, 2000, p. 196)

Os grupos sociais possuem seus próprios valores e rituais que dão forma a seus territórios e ideais. A cadeia que liga as pessoas é menos composta de indivíduos do que de microambientes, onde a informação circula de pequeno em pequeno nóculo. Para Maffesoli (2000) essa nodosidade estrutura a informação recebida e depois a remete ao nóculo seguinte. “No limite, o indivíduo a quem a informação diz respeito, importa pouco, a *fortiori* aquele que a transmite. Tanto um quanto o outro são apenas peões intercambiáveis de um “efeito de estrutura” específico”, (MAFFESOLI, 2000, p. 205), mas enfatiza “o que não impede, por pouco que se saiba ver, que nela esteja agindo uma organicidade sólida que sirva de base às novas formas de solidariedade e de socialidade (MAFFESOLI, 2000, p. 206). A rede das redes, então, não seria mais um espaço onde os indivíduos se justapõem,

onde as atividades se ordenam de acordo com uma lógica de separação, mas sim um espaço onde tudo isso se conjuga.

No quadro de uma sociedade complexa, cada um vive uma série de experiências que não têm sentido senão dentro do contexto global. Participar de uma multiplicidade de tribos, as quais se situam umas com relação às outras. Assim cada pessoa poderá viver sua pluralidade intrínseca, ordenando suas diferentes “máscaras” de maneira mais ou menos conflitual, e ajustando-se com outras máscaras que a circundam. (MAFFESOLI, 2000, p. 207)

Desta forma, o cimento social que liga as redes é composto pela proximidade, pelo afetual, àquilo que nos remete ao cotidiano, “a rede das redes se apresenta como uma arquitetônica que não vale senão pelos elementos que a compõem” (MAFFESOLI, 2000, p. 207). Assim, estas formas de agrupamento representam a flexibilidade, a mobilidade, a experiência, o vivido, ultrapassando o individual e dando ênfase ao sentimento coletivo.

2.1.1 A sociedade em rede: a interação entre os indivíduos

A partir da segunda metade do século XX as tecnologias da informação entraram num processo rápido e constante de aperfeiçoamento. O que na década de 50 começou com o desenvolvimento da informática e da cibernética, 40 anos depois se transformou em uma rede mundial de computadores interligados por todo o planeta. Assim, com o surgimento da web, as possibilidades de uma maior aproximação entre os sujeitos vêm estimulando a interação social e a interferência destes naquilo que é produzido no ciberespaço. Este novo contexto mistura-se ao atual ambiente cultural quase que de maneira imperceptível.

Através do rápido progresso tecnológico surgem novas formas de socialidade que são proporcionadas e difundidas através de redes estabelecidas pelos meios digitais. Novas concepções sociais estão sendo construídas, revelando particularidades que são características da emergência que a sociedade atual tem em interferir no processo comunicacional. Neste sentido, pode-se observar que as formas dos indivíduos interagirem são alteradas pelo desenvolvimento da internet e

da web e pela potencialidade na qual esta última possui na ampliação do contato entre os indivíduos. Com sua descoberta, as referências de espaço-tempo que determinavam territorialmente o processo de comunicação entre os sujeitos foram sendo caracterizadas pela possibilidade de uma interação virtual mediada pelo computador.

Com a revolução das tecnologias da informação os processos de comunicação entre os indivíduos passam por uma reconfiguração. Como afirma Castells (1999) a sociedade passa a ser entendida ou representada em suas ferramentas tecnológicas. Segundo o autor cinco características são importantes ao pensar as tecnologias da informação. A primeira ressalta que a informação é sua matéria-prima: são as tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia. A segunda refere-se aos efeitos das novas tecnologias, salientando que, como a informação é parte integral da atividade humana, com o novo meio tecnológico todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados. (CASTELLS, 1999, p. 78)

A terceira está relacionada à lógica de redes e sua morfologia, que parece estar bem adaptada à crescente complexidade da interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação. Como quarta característica está o sistema de redes, baseado na flexibilidade, onde não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo alteradas pela reorganização de seus componentes. O aspecto tecnológico possibilita uma reconfiguração de uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional. Por fim, a quinta característica está relacionada à convergência de tecnologias, na qual as telecomunicações agora são apenas uma forma de processamento da informação; as tecnologias de transmissão e conexão estão, simultaneamente, cada vez mais diversificadas e integradas na mesma rede operada por computadores. (CASTELLS, 1999, p. 78-79)

As características elencadas por Castells mostram os aspectos de construção de novas formas de socialidade desenvolvidas com o advento das tecnologias de informação e comunicação, o que vem proporcionando a formação constante de grupos que se utilizam da web como espaço de interação e troca de informações. Com a desterritorialização dos fluxos econômicos, políticos e sociais um grande eixo

parece estar tornando-se fundamental nos estudos das relações mediadas pelo computador:

[...] a transmissão, a educação, a integração, a reorganização do laço social deverão deixar de ser atividades separadas. Devem realizar-se do todo da sociedade para si mesma, e potencialmente de qualquer ponto que seja um social móvel a qualquer outro [...] (LÉVY, 1998, p. 45)

Com o avanço das tecnologias, o ciberespaço² passou a ser um local de interação entre os indivíduos. Sua abertura “permitiu conceber novas formas de organização econômica e social centradas na inteligência coletiva e na valorização do humano em sua variedade” (LÉVY, 1998, p. 54). Para Lévy, a distribuição de uma inteligência por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, resulta em uma mobilização efetiva das competências, nisto se traduz a inteligência coletiva, onde há o conhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas. Nesse aspecto, as tecnologias de comunicação deveriam permitir aos membros de coletivos mal-situados, interagirem, em uma paisagem móvel de significações, assim, “o ciberespaço tornar-se-ia o espaço móvel de interações entre conhecimentos e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados” (LÉVY, 1998, p. 29).

Segundo Lévy (1998, p. 31), os coletivos inteligentes interagem com diversos grupos, nos quais os indivíduos são ao mesmo tempo singulares, múltiplos, nômades e em vias de metamorfose (ou de aprendizado) permanente. Com a possibilidade proporcionada pelas interações mediadas por computador, de comunicação “um-um” “todos-todos” (LÉVY, 1998; PRIMO, 2007) pode-se observar que existem particularidades na interação entre os indivíduos. “Não é demais repetir que interagir não é algo que se faz sozinho, em um vácuo (...) quer se insistir que interação é um processo no qual o indivíduo se engaja.” (PRIMO, 2007, pp. 71-72).

As ações geradas durante a interação redefinem o relacionamento, mas esse processo só pode ser percebido durante a interação “o próprio relacionamento tem uma forma que afeta como as pessoas se comportam diante dos outros participantes.” (PRIMO, 2007, p. 117). Para Primo (2007), a interação mediada pelo

² Para Lévy (1998) o ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores.

computador se dá em dois processos: A *interação reativa* é realizada de forma automatizada, sem um processo espontâneo de troca entre os sujeitos. “Enquanto as interações mútuas se desenvolvem em virtude da negociação relacional durante o processo, as interações reativas dependem da previsibilidade e da automatização das trocas.” (PRIMO, 2007, p. 149). Na interação reativa, a interação é constituída por um processo prévio, condicionado, como por exemplo, salvar um arquivo no computador.

Já a *interação mútua* se dá através de coordenação partilhada, portanto, não pode ser considerada uma mera somatividade. A interação deve ser percebida como um todo. À temporalidade, uma das características dos processos de interação mútua, o autor salienta que os relacionamentos estão em permanente redefinição.

Durante a vida, participa-se de relacionamentos com muitas pessoas. Em cada relacionamento, uma visão particular de mundo se desenvolve, podendo parecer coerente para os interagentes. Por outro lado, a visão de mundo desenvolvida em um relacionamento raramente será idêntica a de outra relação. (PRIMO, 2007, p. 111)

Juntamente com a temporalidade, a historicidade também é característica da interação mútua. As relações atuais são de certa forma, afetadas pelas relações anteriores. Esse desenvolvimento se dá “por processos recursivos, tendo em vista que cada comportamento tem implicações sobre outros e sobre a definição do próprio relacionamento.” (PRIMO, 2007, 112). As ações geradas durante a interação redefinem o relacionamento, mas esse processo só pode ser percebido durante a interação “o próprio relacionamento tem uma forma que afeta como as pessoas se comportam diante dos outros participantes.” (PRIMO, 2007, p. 117). É da interação mútua que surge o processo de construção de tribos, grupos, redes sociais.

Dentro dos processos comunicacionais, o interacionismo simbólico foi uma das primeiras escolas a estudar a interação social. A interação social entre os indivíduos ocorre através da troca de símbolos que são reconhecidos por ambos. A primeira teoria a tratar sociedade a partir da ótica da comunicação e da interação simbólica nasceu no século XX: o interacionismo simbólico. Segundo Rüdiger:

“A sociedade se confunde com a cultura e é escandida por duas tendências fundamentais. As tendências à socialização e integração dos indivíduos constituem o seu próprio cimento; as tendências à

individualização e competição entre seus membros constituem se fator de renovação.” (1998, p. 35)

Nesse sentido, a comunicação é o elo entre o indivíduo enquanto ser humano e enquanto ser social, promovendo um movimento de modificação da sociedade. O aspecto cultural é constantemente alterado pelo desenvolvimento das sociedades. A comunicação, processo mediado simbolicamente, é um dos fatores determinantes neste desenvolvimento, remetendo um sentido nas trocas simbólicas entre os indivíduos que reciprocamente compartilham gestos, palavras, símbolos e se apropriam, dando um significado que é reconhecido e reproduzido em determinado contexto social. “A comunicação representa um processo estruturado simbolicamente, constitui o emprego de símbolos comuns com vistas à interação, que funda a própria sociedade.” (RÜDIGER, 1998, p. 36)

A produção de significado deve ser vista como um produto da interação social e como uma condição de possibilidade da comunicação. As relações sociais se fundamentam nestes significados, e, através da influência que os indivíduos possuem no mundo social em que vivem, conseguem alterar seu contexto e reestruturar novos significados que ao longo dos tempos vão sendo propagados e apropriados pelos indivíduos.

Assim, o interacionismo simbólico contém um núcleo de premissas comuns entre a comunicação, a interação e a sociedade. De forma ampla, envolvendo diversas teorias, salienta-se que o interacionismo é uma orientação teórica, que permite analisar a sociedade a partir da interação entre os indivíduos.

A mente, o eu e a sociedade constituem processos de interação pessoal e interpessoal, que remetem à troca entre os seres utilizando como mecanismo a linguagem, e, fazendo com que os indivíduos internalizem os processos sociais. O indivíduo define a situação de interação, e constitui o seu eu a partir de definições sociais e pessoais. “(...) a pessoa tem a sociedade em si mesma (...)” (LITTLEJOHN, 1982, p. 66)

O homem é um ser social, e a partir da interação com outros seres humanos constrói uma realidade social. A comunicação, nesse sentido, pode ser vista como um processo de construção da própria civilização. Considerado o pai do

interacionismo simbólico, Georg Herbert Mead, definiu sociedade, ou vida em grupo, em um aglomerado de comportamentos cooperativos por parte de seus membros. A cooperação é um dos aspectos que diferencia a sociedade humana da sociedade dos animais. O pensar as ações e intenções do outro e responder de modo apropriado é um primeiro passo na cooperação, é a essência da comunicação interpessoal - a resposta mútua.

O uso consciente de simbologias durante a interação é comportamento único do homem em sociedade. Estes símbolos geram um significado, são interpretados pelo receptor. No entanto, ele já deve possuir um significado para ser compartilhado pelos indivíduos – um símbolo significante. “Em virtude de nossa capacidade para vocalizar símbolos significantes, podemos literalmente ouvir-nos e, assim, responder a nós próprios como os outros nos respondem.” (LITTLEJOHN, 1982, p. 70). Os símbolos pressupõem um consenso, estruturando não só a interação, mas o convívio social.

Apóstolo de Mead, Herbert Blumer foi o cunhador do termo interacionismo simbólico, e destacou a importância do significado para as relações sociais. Nenhuma ação humana existe sem interação, dessa forma, todo processo comunicacional é fundamental para o convívio social. O objeto adquire uma importância, pois é a ele que remetemos um significado, este objeto pode ser de três tipos: a) físico (coisas); b) sociais (pessoas) e c) abstratos (ideias). Os objetos possuem significados diferentes para as pessoas, que se apropriam e dão um valor a eles a partir do contexto social no qual estão inseridos. O indivíduo por possui um “eu”, atua em relação a si mesmo como um objeto. Essa relação entre a ação e o “eu” é fundamental no desenvolvimento da vida humana. (LITTLEJOHN, 1982). Os homens não agem em função das coisas, mas sim do significado que elas possuem.

Blumer (LITTLEJOHN, 1982) ainda faz referência à ação social ou em grupo. Para ele as ações geradas de forma grupal partem da ligação de ações individuais. Esses atos consistem em padrões instituídos que se baseiam em significados comuns e pré-estabelecidos. No entanto, Blumer adverte que mesmo em padrões grupais altamente repetitivos, as ações não são permanentes, os contextos sociais e culturais se alteram. Cada caso deve começar novamente com a ação individual, podendo formar amplas cadeias, como redes sociais, ligando atores distantes entre

si, formando, através da interação simbólica, macrogrupos e instituições na sociedade.

A interação tem um caráter social que compreende estudar a comunicação entre os indivíduos, as relações de trocas e o sentido dado a estas mensagens.

2.1.2 Redes sociais na internet

Como já se viu anteriormente, o foco deste estudo está direcionado aos grupos e tribos que se desenvolvem na sociedade atual. Para caracterizar o ambiente, se dissertará sobre as redes sociais construídas e desenvolvidas através das novas tecnologias de informação e comunicação. A partir do contexto da interação entre os sujeitos, o objetivo é observar algumas particularidades destes agrupamentos sociais.

Através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador, a possibilidade de expressão e socialização dos indivíduos foi ampliada, tornando a interação, proporcionada por este meio, um reflexo do cotidiano dos indivíduos em sociedade. O ciberespaço é o local de interação, de trocas, que desde o surgimento da web na década de 90, vem fazendo parte do cotidiano social quase que de forma imperceptível.

Estes grupos expressos na internet constituem uma rede social, que pode ser definida como um conjunto entre os atores (indivíduos, instituições ou grupos: os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais), e nela se observam os padrões de interação de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores (RECUERO, 2009, p. 24).

Para Recuero (2009), os atores são o primeiro elemento de uma rede social, pois atuam de forma a moldar as estruturas sociais através da interação e dos laços. Estes atores podem ser representados em algumas construções identitárias no ciberespaço. Um ator pode ser uma pessoa em um perfil de um site de relacionamento, assim como um blog coletivo ou de uma empresa, por exemplo. “As apropriações das ferramentas funcionam como uma presença do “eu” no

ciberespaço, um espaço privado e ao mesmo tempo público” (RECUERO, 2009, p. 27).

As interações no ciberespaço possuem um diferencial das realizadas face a face. Com a mediação do computador os atores não são conhecidos imediatamente, e as ferramentas proporcionadas pelo meio permitem que a interação aconteça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço. Segundo Recuero (2009) as relações são a unidade base de análise de uma rede social, e estas independem do seu conteúdo, que auxilia na definição do tipo de relação, mas não pode ser confundido com a relação em si, que pode ter conteúdos variados.

Para compreender como estas interações se constroem em redes sociais, Recuero enfatiza a importância do laço social:

O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos na interação. Ele é resultado, deste, modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social. (2009, p. 38)

Nesse sentido, observa-se que um laço é constituído através das relações, das interações entre os indivíduos pertencentes a uma rede social. É o que Recuero (2009, p. 38) denomina como laço relacional, podendo este ser fraco ou forte, como se viu anteriormente, vai depender do grau de investimento dos indivíduos,

a internet facilitou o contato off-line, aumentando o conhecimento entre vizinhos e aumentando a frequência de contato com outros vizinhos. Estas conclusões são importantíssimas, na medida em que salientam o fato de que os laços sociais na internet, muitas vezes, são laços também mantidos off-line. (RECUERO, 2009, pp. 43-44)

Para esta afirmação, Recuero remete ao que Wellman (2002) trata como uma característica das redes sociais, o “glocal”, pois muitas destas redes funcionam conectando principalmente vizinhos.

Os laços sociais entre os indivíduos são formados pelas conexões em redes sociais. Eles partem das interações, e se dão de forma natural e espontânea, construídos de forma emocional (MAFFESOLI, 1996). Para Lévy (1994), o laço social está relacionado ao saber. Através das interações com os outros, desenvolvem-se competências, mediante a iniciação e a transmissão se faz viver o

saber. Lévy (1994) relaciona os laços sociais à inteligência coletiva, distribuída por toda parte, incessantemente valorizada coordenada e mobilizada em tempo real pelos atores sociais.

Estes laços desenvolvidos pelos indivíduos podem ser fracos e fortes, dependendo do investimento dos indivíduos na interação (GYARMATI e KYTE, 2004). Eles são delimitados de duas formas: laços fortes, nos quais há uma maior aproximação entre os sujeitos, determinada por diversos fatores como a localidade, por exemplo; O laço forte é relacionado a uma maior intimidade entre os indivíduos. Já os laços fracos são mais determinantes quando há um distanciamento geográfico entre os indivíduos. A ausência de conexão direta com a interação social é um dos fatores característicos dos laços fortes demonstrando que a troca de capital social é mais difícil de ser encontrada entre os sujeitos.

Um laço social pode revelar também a confiança entre os indivíduos, percebido não somente nas conexões, mas no grau de intimidade entre eles. Numa rede social na internet ele pode ser observado pelas ligações, pelo número de interações recíprocas entre os atores, levando, em certos casos, à construção de reputação social de um ou mais indivíduos. “Basear o laço social na relação com o saber consiste em encorajar a extensão de uma civilidade desterritorializada, que coincide com a fonte contemporânea da força, ao mesmo tempo em que passa pelo mais íntimo das subjetividades.” (LÉVY, 1998, p. 27)

2.1.2.1 Dinâmicas das redes sociais na internet

Uma das formas de analisar as redes sociais é a partir de sua estrutura. Recuero (2009) elenca algumas topologias que permitem estudar a estrutura construída através dos laços sociais entre os atores³. Este trabalho, no entanto, irá se ater a estudar as dinâmicas das redes sociais na internet, pois se acredita ser este o foco que irá permitir o desenvolvimento deste estudo.

³ Como análise da topologia das redes sociais na internet, a autora enfatiza os aspectos estruturais dos agrupamentos, ou seja, a estrutura construída através dos laços sociais. Neste estudo, o foco principal é como ocorrem estes processos, suas dinâmicas entre os atores.

Recuero (2009, p. 79) observa as redes sociais como um elemento em constante mutação no tempo, “redes são dinâmicas e estão sempre em transformação”. Segundo a autora o que potencializa esta dinâmica são as interações, “é possível que existam interações que visem somar e construir um laço social e interações que visem enfraquecer ou mesmo destruir outro laço.” (RECUERO, 2009, p.79). Durante a interação social os indivíduos possuem motivações que permeiam as trocas.

Como se produzem entre todos e dentro de cada um, os sentimentos acabam por se somar, em cada um deles, a uma excitação que não se explica nem pela coisa, nem pelo indivíduo em si. (SIMMEL, 2006, p. 52)

Os grupos, ao interagirem, compartilham de um mesmo sentimento, de uma mesma motivação. Segundo Simmel “(...) a própria sociedade, em geral, significa a interação entre os indivíduos.” (2006, p. 59). Assim, o autor enfatiza que a interação entre os sujeitos surge a partir de determinados impulsos ou da busca de determinadas finalidades. Para ele “essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente uma sociedade.” (2006, p. 60)

Como se salientou, as redes sociais estão em constante transformação, influenciadas pela interação entre os indivíduos. Um aspecto importante de se observar as dinâmicas em redes é a sua emergência. São propriedades que o sistema complexo possui, e envolvem o comportamento em larga escala, e que não podem ser encontradas individualmente, somente nos estudos das redes sociais. Segundo Recuero (2009, p. 80), “a emergência aparece com o surgimento de comportamentos coletivos, não centralizados. Como sistema complexo, o sistema social também tenderá a mostrar comportamentos emergentes coletivos, nessa dinâmica.” Estes processos são capazes de impactar na estrutura de uma rede.

Ao trocar informações, reflexões sobre assuntos cotidianos, os indivíduos constroem a interação de forma recíproca. A expectativa é um dos fatores principais da reciprocidade entre os indivíduos, levando muitas vezes à satisfação na interação entre ambos. A reciprocidade faz a passagem de algo, de uma pessoa ou grupo, para outra ou outro, sem qualquer caráter de obrigatoriedade, pelo contrário,

voluntariamente. São formas de trocas horizontais, onde cada indivíduo conserva suas especificidades, mas agrega novos elementos ao seu contexto social.

A reciprocidade está diretamente ligada à consolidação e manutenção do laço social, entre os indivíduos nas redes sociais. No entanto, aspectos como a reputação social também são fatores importantes das dinâmicas das redes sociais.

Almejar a visibilidade diante do outro, com a construção de seu espaço de expressão em sites, por exemplo, parece um dos pontos fundamentais na construção de redes. Esta visibilidade está diretamente ligada à manutenção das redes sociais (RECUERO, 2009), ampliando os valores construídos entre os atores, e gerando certa reputação social. A reputação pode ser compreendida como a percepção que um indivíduo tem do outro no contexto das redes, sendo construída a partir das formas como eles se representam. É uma percepção da qualidade das interações relacionadas aos valores agregados nestas. Esse processo pode não se dar de forma consciente, haja vista que a troca entre os sujeitos durante a interação pode ser realizada de maneira desproposita, apenas buscando a interação entre ambos, a valorização das conversas e trocas informacionais. Porém, consciente ou inconscientemente essa reputação se constrói a partir de certa credibilidade dos atores perante a rede social. Para Casare, “a principal questão que se coloca sobre as redes sociais é quem são as pessoas que o indivíduo conhece, enquanto nas redes de reputação a questão é por quais pessoas esse indivíduo é conhecido e o que pensam dele” (2005, p. 24).

Para Recuero (2009, p. 83) a competição e o conflito são também essenciais para a formação de redes sociais, pois “enquanto a cooperação é essencial para a criação e a manutenção da estrutura, o conflito contribui para o desequilíbrio”. Ambos não são processos distintos, mas fenômenos naturais emergentes das redes sociais. Assim como a cooperação e o conflito são importantes, Recuero (2009) elenca que o processo de ruptura e agregação também são dinâmicas esperadas em grupos sociais. Estas são capacidades relacionadas a dois fatos: de uma rede agregar mais pessoas e de rompimento do grupo. Desta forma, “o processo de conflito seria tão importante quanto o de cooperação, para permitir que os grupos continuassem em tamanhos nos quais fosse possível a todos os seus membros interagir socialmente.” (RECUERO, 2009, p. 87).

Como as redes sociais na internet, assim como no cotidiano, são dinâmicas é necessário um processo de adaptação dos indivíduos, de auto-organização. Recuero ressalta:

(...) o estudo dos elementos da rede social na Internet passa também pelo fato de que essas redes não são estáticas, paradas e nem independentes do contexto onde estão inseridas. Essas redes são, quase sempre, mutantes e tendem a apresentar comportamentos criativos, inesperados e emergentes. (2009, pp.91-92)

Com isso, observa-se que a formação de redes sociais na internet é um dos fenômenos mais destacáveis dentro dos processos de interação no ciberespaço. Na sociedade atual, podem ser observados diversos tipos de agrupamentos que se utilizam do ciberespaço para manifestações sociais, uma forma de potencialização das interações. Acredita-se que ao nomear a seguir algumas tribos, que pela proposta e pelas conexões que possibilitam podem formar redes sociais na internet bem fortificadas, poderá se observar de forma mais clara como estes agrupamentos vem formando novas formas de relações sociais não só vivenciadas no ciberespaço, mas também nos espaços urbanos das cidades.

Inspirados na cultura *hacker*, de democratização e descentralização da informação e conteúdos, o *cyberpunk* é parte importante do desenvolvimento da cibercultura, pois está relacionado às posições artísticas do indivíduo, bem como à sua postura em relação ao mundo seja essa atitude encontrada na ética, na ideologia e no comportamento dos hackers (AMARAL, 2005). Fundamentado por teorias culturais e sociais pós-modernas, o *cyberpunk* reconhece o enfraquecimento do espaço público e o aumento da privatização da vida social, na qual os laços sociais fortes não existem mais (AMARAL, 2003), e se utiliza do ciberespaço como um não-lugar de interação, misturando o espaço físico das cidades com a simulação advinda da ficção científica.

Partindo da premissa de que passamos de um momento de conexão para uma era de mobilidade (Lemos, 2005), visualizamos as tecnologias móveis (celulares, redes wi-fis etc) como “herdeiras” estéticas das propostas ficcionais dos *cyberpunks*. (AMARAL, 2006)

Como movimento, o *cyberpunk* é parte fundamental da construção de novas formas de socialidade na Rede, pois tende a hibridizar a fronteira entre o real e virtual utilizando a web para protestos contra a sistemática vigente das grandes

corporações. No contexto cyberpunk a rede de computadores tende a dominar os aspectos da vida cotidiana.

Amparado nas mesmas premissas de democratização da informação e liberdade de expressão, o ciberativismo ou ativismo digital pode ser considerado uma alternativa aos meios de comunicação de massa. Com o desenvolvimento da web novas formas de participação social passaram a ser desenvolvidas por indivíduos na Rede. O ciberativismo é um ativismo que ocorre em redes na internet, em busca de apoio a causas de cunho ambiental, político ou social, procurando estabelecer redes de solidariedade entre indivíduos com causas e comprometerimentos em comum.

Elas facilitam a intercomunicação de indivíduos e agrupamentos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos. Servem de estuários para a defesa de identidades culturais, a promoção de valores éticos e a democratização da esfera pública. (MORAES, 2001, p. 2)

Estes grupos podem representar algumas militâncias em prol de mudanças sociais, e não são características apenas da sociedade em rede, eles utilizam a Rede para potencializar suas ações, como forma de amplificar e disseminar sua proposta para diversos públicos. Assim, pode-se enfatizar que a internet ampliou as possibilidades de mobilização, de ativismo destes grupos, possibilitando através de e-mail, chat, sites, fóruns e atualmente através da tecnologia móvel de comunicação e informação, uma forma de manifestação ampliada de forma global.

Com a migração para a Web, as entidades aderem à comunicação em tempo real, sem centros fixos de enunciação. A cada nó, incorporam-se novos usuários, os quais se convertem, potencialmente, em produtores e emissores de informações, em condições de serem consumidas a todo instante.” (MORAES, 2001, P. 3).

Estes grupos podem formar redes sociais que se agrupam com um fim específico, e buscam manifestar suas opiniões a respeito de um determinado assunto. Assim como, pode-se compreender que as redes sociais na internet podem ser formadas pelos indivíduos com o intuito de apenas interagirem, sem, inicialmente, possuírem nenhum ideal comum. Observam-se estes casos em sites

de redes sociais, como o *Orkut*⁴, *Facebook*⁵, *Myspace*⁶, *Flickr*⁷, entre outros. Estes sites proporcionam que os indivíduos se encontrem, se agrupem em comunidades de interesse comum, e expressem sua opinião sobre determinado contexto. Já o *Twitter*⁸, um serviço de microblog, possui um viés mais colaborativo de expressão, e contém uma peculiaridade: ao contrário da maioria dos sites de redes sociais na internet - a relação de seguir e ser seguido no *Twitter* não requer reciprocidade. Ele propicia e potencializa trocas entre os indivíduos, porém, na maioria das vezes esta troca não está diretamente relacionada com a popularidade dos indivíduos no *Twitter*. Nos demais sites de redes sociais, os indivíduos, para formarem grupos e interagirem com outros participantes, devem ambos fazer parte de uma rede social, um aceitando ser “amigo” do outro.

Desta forma, buscou-se observar como se constroem as redes sociais no cotidiano dos indivíduos e na internet. Estes estudos permitem compreender como se desenvolve o processo de trocas sociais entre os sujeitos e quais as motivações que estes possuem durante a interação social. A proposta, a partir de agora, é de observar como estas redes são potencializadas com o desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação, com o objetivo de compreender quais os impactos que estas novas tecnologias causam nas relações sociais.

⁴ Disponível em: <http://www.orkut.com.br>

⁵ Disponível em: <http://www.facebook.com/>

⁶ Disponível em: <http://www.myspace.com/>

⁷ Disponível em: <http://www.flickr.com/>

⁸ Disponível em: <http://twitter.com/>

2.2 ESPAÇOS HÍBRIDOS

2.2.1 Espaços Urbanos e Cidades

Para a compreensão das cidades e dos espaços urbanos se observará a relação entre os indivíduos e estes espaços. Para Gist e Halbert (1961) a sociedade urbana possui dois aspectos inseparáveis, o pessoal e o social, estes, constituem o ambiente urbano refletindo nele seus interesses, atividades e valores. Observa-se nos espaços urbanos a constituição de grupos formais, amparados e constituídos por regras e instituições, as quais muitas vezes definem a conduta dos indivíduos, através de constituições, leis e outros acordos formais, ou então através de consenso (GIST e HALBERT, 1961, p. 412). Porém, as cidades não são apenas formadas de grupos formais, as unidades sociais sem estrutura formal representam um dos tipos mais importantes de agrupamento humano, são os grupos informais. Estes “podem não possuir nomes, regras, acordos formais ou propósitos definidos, os laços sociais que unem seus membros baseiam-se essencialmente em atração mútua de personalidades ou em satisfações intelectuais proporcionadas pela associação íntima.” (GIST e HALBERT, 1961, pp. 426-427).

Essas associações formais e informais existem numa estrutura institucional que representa o modo pelo qual a vida é organizada em torno dos interesses básicos e das necessidades do povo. À medida que a sociedade se urbaniza progressivamente, ou pelo menos se metropolitaniza, essas estruturas tornam-se maiores e mais complexas. (GIST e HALBERT, 1961, p. 412).

Segundo Santos (1994) há uma confusão ao se tratar de urbano e cidade. Para ele o urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. Já a cidade é o particular, o concreto, o interno. “Entre as possíveis histórias do urbano estaria a história das atividades que na cidade se realizam” (SANTOS, 1994, p. 69). Para Santos (1994, p. 71), a cidade é, ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com a qual se confunde. O autor salienta ainda que a cidade, principalmente a grande cidade, é a união mais representativa do tempo e espaço, na qual este espaço é o casamento indissolúvel

entre sistemas de objetos e sistemas de ações “a construção dos diversos tempos sociais combina a inflexibilidade dos objetos à flexibilidade das ações.” (SANTOS, 1994, pp. 82-83). Lefebvre (1999) afirma também que o urbano não pode ser definido como uma realidade acabada, situada em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas, ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora. O espaço urbano torna-se o lugar do encontro das coisas e das pessoas, da troca (LEFEBVRE, 1999, p. 22). Para Lefebvre (1999), o espaço urbano não é apenas projeção das relações sociais, mas lugar e terreno onde as estratégias se confrontam. Este espaço não é fim, nem objetivo, mas meio e instrumento de ação.

Sendo um espaço um meio de ação como afirma Lefebvre, pode-se compreender que ele existe a partir do instante em que nele se estabelecem ações entre os indivíduos e entre estes e as cidades. Neles há a apropriação dos indivíduos como lugares de socialidade e de pertencimento. Para Augé (1994) se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. Para o autor, estes não-lugares são pontos de passagem, do provisório e do efêmero, o qual proporciona um objeto novo de dimensões inéditas, o não-lugar existe como um lugar: “ele nunca existe sob uma forma pura, lugares se recompõem nele, relações se reconstituem nele (...)” (AUGÉ, 1994, p. 74). Segundo Augé (1994) a distinção entre lugares e não-lugares está associada à oposição entre lugar e espaço. Para a existência de um lugar é necessário um sentido escrito e simbolizado, um lugar antropológico, no qual este sentido dado seja posto em ação, possibilitando que o lugar se anime e que outros percursos se efetuem. Já o termo “espaço” é mais abstrato do que o termo “lugar”, pois de acordo com Augé (1994) ele remete a um acontecimento, a um mito ou a uma história. Para o autor, que usa como exemplo um viajante em uma cidade desconhecida, o espaço é uma prática dos lugares e não do lugar, pois para o viajante o olhar e a paisagem fazem parte de visões parciais instantâneas, como um espetáculo, no qual se pode chamar de espaço à prática dos lugares que define especificamente a viagem. Para Augé (1994, p. 80) “o espaço do viajante seria, assim, o arquétipo do não-lugar.” Estes não-lugares são impostos pela supermodernidade (AUGÉ, 1994), que impõe aos

indivíduos experiências e vivências de solidão, segundo Augé (1994) vive-se como os viajantes, sempre em instância de partida.

Desta forma, pode-se compreender que as cidades são compostas de lugares e não-lugares, de espaços produzidos pela sociedade em sua própria existência. “Se de um lado o espaço é um conceito abstrato, de outro tem uma dimensão real e concreta como lugar de realização da vida humana, que ocorre diferencialmente no tempo e no lugar e que ganha materialidade por meio do território” (CARLOS, 2001, p. 11). Para Carlos (2001) o espaço se compõe de experiência, além de permitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram marcas, projetaram suas utopias, seu imaginário.

2.2.2 Mobilidade e cibercidade

Este contexto parte das noções de que para a comunicação entre os indivíduos, a mobilidade é central. Comunicar é mover os signos que se utilizam como estratégias de transporte de mensagens. Para Lemos (2009, p. 29) “não podemos dissociar comunicação, mobilidade, espaço e lugar. A comunicação é uma forma de “mover” informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade, espacialização.” Assim, para a comunicação a mobilidade é fundamental, pois através dela movem-se signos, mensagens, informações, e toda mídia serve de estratégia para transportar estas mensagens afetando nossa relação com o tempo e o espaço (LEMOS, 2009).

A mobilidade é o movimento dos corpos em espaços, localidades e entre espaços públicos e privados. Através da mobilidade amplia-se a possibilidade dos indivíduos trocarem informações sobre um determinado fato, ampliando a capacidade das trocas e proporcionando a formação de grupos. Esta mobilidade proporcionada pela tecnologia possibilita tornar os espaços inteligentes, onde quer que se esteja, através de objetos inteligentes interativos. “Tornamo-nos verdadeiros habitantes de ambientes eletronicamente mediados, e não mais simples usuários de aparelhos computacionais.” (MITCHEL, 2002, p. 78)

Os espaços, a comunicação e a mobilidade, são eixos que estão arraigados nas formas como os indivíduos se relacionam com o espaço urbano e as cidades, desencadeando diante da cultura pós-moderna, novas formas de nomadismo das

tribos urbanas. No entanto, deve-se ressaltar que ao tratar de nomadismo, não está se referindo a algo novo, potencializado pelas tecnologias atuais, o nomadismo está inscrito na própria estrutura da natureza humana, quer se trate do nomadismo individual ou social (MAFFESOLI, 2001). Para Maffesoli (2001), o que move o nomadismo é o desejo de evasão. “É uma espécie de pulsão migratória incitando a mudar de lugar, de hábitos, de parceiros, e isso para realizar as facetas de sua personalidade” (2001, p. 51), desta forma, pode-se pensar o nomadismo como uma característica essencial da espécie humana. Os indivíduos necessitam “soltar as amarras” desligando-se dos espaços por alguns momentos, sem a obrigatoriedade da consciência destes desligamentos, “há o fato de querermos estar aqui e ali, o desejo e a insatisfação, a dialética constante contra a estática e a dinâmica” (MAFFESOLI, 2001, p. 77). Na sociedade atual, os artefatos de comunicação proporcionam formas de nomadismo, pois “há, nas relações sociais, movimento e repouso, isolamento e agregação, compulsão social e necessidade do isolamento. A comunicação se estabelece nessa dinâmica do móvel e do imóvel. Comunicar é deslocar.” (LEMOS, 2009, p. 28).

Quando se comunica se dá novos sentidos aos espaços, O nomadismo é uma das características das novas tribos urbanas, e é possibilitado pela mobilidade, pressuposto central para a discussão sobre o espaço urbano na apropriação das cidades. Segundo Lemos (2009), a mobilidade está presente desde as primeiras necrópoles, e no decorrer da história humana se reflete com a expansão dos meios de transporte e das mídias de massa. Para o autor, vivemos hoje, no século XXI, a cidade informacional que se encontra fundamentada na cultura da mobilidade, na qual as pessoas, objetos, tecnologias e informação são móveis. A mobilidade e o nomadismo são inerentes à vida social e às cidades. Os significados dados aos espaços somente são validos quando se atribui valores aos lugares, seja de aceitação ou estranheza. Estes significados são disseminados através da comunicação entre indivíduos, sociedade e espaços sociais.

O nomadismo, como já se observou, não faz parte apenas da sociedade atual, mas a potencialidade que as tecnologias digitais possuem, atribuem novos significados às formas de nomadismo. Os povos que se denominam nômades, sem habitação fixa, continuam mudando permanentemente de lugar, mas o que se pode

perceber na conjuntura social do século XXI é que o desenvolvimento tecnológico possibilita formas de nomadismo, seja este individual ou em grupo. Refere-se aqui aos nômades virtuais, que criam territorializações em meio a movimentos no espaço urbano, buscando novos espaços - os territórios informacionais. De acordo com Mitchell:

[Os] efeitos da infra-estrutura mundial de telecomunicações digitais são poderosos e abrangentes, mas isso não quer dizer que eles vão causar a morte da distância, o fim do espaço e a virtualização de praticamente tudo. (Tudo que é sólido se desmancha mesmo nesse ar quente.). Em vez disso, é mais útil e esclarecedor reconhecer que as novas ligações vão nos propiciar meios radicalmente novos de produção e organização dos espaços habitados, e de nos apropriarmos deles para nossos múltiplos propósitos humanos. (2002, p. 57)

Mitchell refere-se à ideia de que um espaço não pode ser entendido em um sentido apenas geométrico, mas que pode ser entendido como uma produção social, remetendo aos estudos de Lefebvre sobre os espaços urbanos:

A rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (café, teatros, salas diversas). (...) Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada. (LEFEBVRE, 1999, p. 29)

Os espaços urbanos são os locais de uma cidade em que há a apropriação dos indivíduos, com a virtualização dos espaços, possibilitada pelas tecnologias comunicacionais e informacionais, nas quais o ciberespaço passou a ser o espaço de fluxos (CASTELLS, 1999), estes espaços das cidades passaram a ser espaços híbridos, unindo tanto o virtual, possibilitado pelas tecnologias, e o físico, locais onde os indivíduos se organizam nas cidades. Estas novas formas de apropriação dos espaços, possibilitados por todas as conexões trabalhando em conjunto, passaram a construir novos contextos para as atividades cotidianas. Estes espaços “são lugares onde as ações físicas invocam processos computacionais e onde processos computacionais se manifestam fisicamente.” (MITCHELL, 2002, p. 61)

Neste sentido pode-se compreender como se processam as novas tribos nômades que se desenvolveram nesta mistura entre os espaços virtuais e físicos, nas quais a união dos locais de interação possibilita não só a mobilidade dos indivíduos, mas também informacional e comunicacional. Esta mobilidade já faz

parte da vida cotidiana dos sujeitos que passam por este processo quase que de forma imperceptível.

2.2.3 Espaços híbridos de socialidade

Com o desenvolvimento da internet e da web, o mundo virtual surgiu como um processo de transformação de um modo de ser num outro. Com o ciberespaço, as noções de espaço sofreram algumas transformações, principalmente quando se trata da difusão das tecnologias móveis, como telefones celulares, laptop, PDAs, conexões via internet sem fio (WI-FI). Para se observar estas transformações são necessárias observações de como o espaço é apropriado pelos indivíduos de formas diferentes, e em níveis diferenciados, dependendo do contexto vivido.

Como se observou, as relações entre espaço e lugar não podem ser separadas da experiência dos indivíduos. Santaella (2007) salienta que embora o espaço seja intangível e difuso, ele pode ser dividido em alguns tipos, de acordo com a vivência dos indivíduos:

- a) Espaço primitivo: Trata-se do espaço do conhecimento instintivo, dos movimentos, das ações inconscientes. Nos animais este instinto é mais aguçado do que nos indivíduos que precisam desenvolver algumas noções espaços-temporais, associadas com o movimento do corpo e dos sentidos. “Neste nível é difícil separar espaço de lugar” (SANTAELLA, 2007, p. 165).
- b) Espaço perceptivo: Este espaço trata do complexo perceptivo diferenciador de cada espécie. Nos indivíduos este espaço está sempre no sujeito que percebe, munido de um avançado sistema de direções, que muda conforme o corpo percebido se movimenta (SANTAELLA, 2007). Este espaço se concretiza na construção realizada pelo indivíduo, o

espaço é vivido, e não apenas percebido, adquirindo assim conteúdos específicos derivados das intenções ou imaginações individuais.

- c) Espaço de existência: É o espaço em que vivem os indivíduos, a partir de suas experiências como membros de um grupo sociocultural. Ele é ativo e assim, constantemente construído e recriado pelas atividades humanas. “Portanto, enquadram-se nesta rubrica todos os espaços definidos e construídos pela cultura” (SANTAELLA, 2007, p. 168). Santaella ainda acrescenta, “de fato, todos esses espaços compõem a tessitura de nossas experiências vivenciais. Evidentemente, eles não precisam estar efetivamente presentes todo o tempo, mas estão sempre potencialmente presentes.” (2007, p. 169).

- d) Espaço da arquitetura e do planejamento urbano: Ambos são indissociáveis, eles são as construções das cidades experienciadas pelos indivíduos como pólos de associações humanas e fontes de significações.

- e) Espaço cognitivo e espaço abstrato: O espaço cognitivo significa que o indivíduo é capaz de pensar sobre o espaço. Já o espaço abstrato é criado por relações lógicas que permitem descrevê-lo sem que seja necessário fundar essas descrições em observações empíricas.

A autora ao referenciar estes espaços como forma de compreensão do significado que estes possuem para o contexto atual vivido pela sociedade, salienta que a leitura destes, deve ser revista com a revolução tecnológica, na aceleração sofrida com o impacto das novas tecnologias. Os espaços vêm sofrendo uma hibridização, na qual o virtual, trazido pelas tecnologias, designado como ciberespaço, e o urbano vivido no contexto das cidades, passam a constituir um novo espaço com características próprias que não deixam de carregar consigo as características dos espaços, observados até este momento. O ciberespaço, nascido através das redes, advém do espaço virtual, global, pluridimensional, sustentado e acessado pelos computadores, o qual qualquer indivíduo pode se comunicar com outro em qualquer ponto da esfera terrestre. O estudo do ciberespaço não é algo

novo, porém sua conexão com os espaços físicos, as cidades é algo que precisa ser apontado. Segundo Santaella (2007, p. 180) “[...] a palavra “espaço” que compõe o “ciberespaço” tem um sentido muito mais abstrato e matemático do que o termo “espaço” quando referido a espaços físicos.” Muito se falou sobre a oposição entre o “mundo virtual” e o “mundo real”, no entanto percebe-se que não há oposição entre ambos, mas sim uma intensificação entre estes espaços. É o que Castells denomina de espaço de fluxos.

O espaço de fluxos não é um espaço sem espaço; tem uma reconfiguração territorial relacionada com os nós das redes de comunicação. A estrutura e significado do espaço de fluxos não estão relacionados com um local específico, mas com as relações construídas no processamento de fluxos de comunicação específicos. (2009, p. 219)

Este espaço de fluxos é a organização material da interação social simultânea à distância, através da comunicação em rede. Com o desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação surgiu um potencializador na difusão do espaço de fluxos enquanto estrutura do cotidiano (CASTELLS, 2009). Para Lemos (2004), o espaço de fluxos é a organização de uma nova estrutura específica, definida pela concentração e descentralização territorial articulada por redes telemáticas - o ciberespaço.

O espaço de fluxo reestrutura as cidades e dá forma às cidade contemporâneas. A rede telemática é a infraestrutura central da cidade-ciborgue. Os espaços de fluxos caracterizam-se assim por integração das redes e é construído de nós que se estruturam a partir da conexão e atividades em uma dada localidade. Ele é feito e preenchido por diversos atores sociais que operam a rede, seja em espaços residenciais, de trabalho ou lazer. No entanto o espaço de fluxo mostra sua intersecção com o espaço de lugar já que ele se caracteriza também pelos espaços físicos compostos de cabos, servidores, roteadores, hubs e toda a infra-estrutura necessária ao livre trânsito das informações digitais. (LEMOS, 2004, p. 6)

Os espaços físicos, ditos também como espaços de lugar que compõem as ruas, monumentos, praças que passam a ser hibridizados pelo espaço de fluxos, através dos dispositivos móveis de comunicação e informação. Lemos ainda salienta que “esses espaços passam a ser complementares do espaço de fluxo e podemos ver mesmo a persistência do espaço de lugar como a forma mais usual da existência espacial das sociedades contemporâneas (LEMOS, 2004, p. 7).” Com as tecnologias móveis, os “nós”, que antes eram representados pelos roteadores e servidores de

uma internet fixa, passam a ser móveis, carregados por indivíduos que se deslocam pelo espaço físico, apontando assim para uma ruptura com uma interface estática, a qual o indivíduo, para estar conectado, necessitava estar diante de um computador cheio de cabos e fios. Com os telefones celulares, por exemplo, a interface passa a ser móvel, hibridizando assim os espaços físico e virtual (digital). Assim, Santaella (2007) enfatiza que há um novo problema a ser respondido e desenvolvido, não mais se deve pensar apenas em “como construir espaços digitais?”, mas também em “como o espaço digital é reconceitualizado pela conectividade da mídia digital?”

Esta hibridização dos espaços somente é possível com o desenvolvimento das tecnologias móveis e a mobilidade proporcionada por estas. Estas tecnologias conectam práticas sociais em vários locais, para Castells (2009, p. 220) “o espaço de interação social é redefinido mediante a criação de um subespaço de comunicação destinado a construir uma rede de comunicação com outros espaços.” Este espaço é definido inteiramente dentro dos fluxos de comunicação. O autor ainda ressalta que “os lugares existem, portanto, incluindo os locais de residência e os locais de trabalho, mas existem como pontos de convergência das redes de comunicação criadas e recriadas segundo o objetivo das pessoas.” (CASTELLS, 2009, p. 220). Castells (2009) enfatiza que as pessoas, para se encontrar, planejam sempre um encontro, um “*rendez vous*”, que para o autor refere-se à coordenação geográfica informal, de pequenos grupos que se realizam em espaços físicos.

De facto, é precisamente no contexto da sociedade em rede móvel que este conceito alcança o seu sentido pleno, porque o objectivo do *rendez vous* é para que os indivíduos se reúnam e participem na subsequente actividade de grupo. (CASTELLS, 2009, p. 220)

Souza e Silva (2005) define espaços híbridos como espaços sociais criados pela constante mobilidade de usuários que carregam aparelhos portáteis constantemente conectados à Internet, e a outros usuários. A autora enfatiza que são espaços de sociabilidade mediados pelas tecnologias digitais, que possuem como consequência uma mudança nos padrões de sociabilidade, bem como uma redefinição de espaços públicos e privados. Pode-se compreender que estes espaços são construídos pelos indivíduos durante a interação social, provocando uma reestruturação das relações sociais, bem como uma nova percepção dos espaços

urbanos (SOUZA E SILVA, 2005). Santaella (2007) classifica estes espaços como “espaços de hipermobilidade”, pelo fato da intersecção entre a mobilidade física do cosmopolitismo frequente ser acrescida da mobilidade virtual das redes. “Com os aparelhos móveis, ambas as mobilidades se entrelaçaram, interconectaram-se, tornaram-se mais agudas pelas ações de uma sobre a outra.” (SANTAELLA, 2007, p. 187).

Com a hibridização dos espaços físico e virtual, percebe-se que há uma mudança na apropriação dos indivíduos com relação às cidades. As tecnologias móveis têm papel determinante nestas novas formas de se observar os espaços urbanos, bem como altera os processos de interação entre os indivíduos. As cidades também passam a conter novos significados,

As cidades se desenvolvem como “sociedades em rede” (física, simbólica, cultural, política, imaginária, econômica). A particularidade contemporânea é a hegemonia de um conjunto de redes, as redes telemáticas, que passam a integrar, e mesmo a «comandar» (cibernética), as diversas redes que constituem o espaço urbano e as diversas formas de vínculo social que daí emergem. (LEMOS, 2007, p. 122).

É o que Lemos denomina de cibercidades, cidades amplamente conectadas, onde as infra-estruturas digitais já são uma realidade. Segundo Lemos (2007) este é um conceito que visa acentuar a ligação entre as novas tecnologias de comunicação e informação em interface como o espaço urbano – a cibercidade é a cidade da cibercultura. Lemos ainda aponta:

Não se trata de uma nova cidade ou da destruição das velhas formas urbanas, mas de reconhecer a instauração de uma dinâmica que faz com que o espaço e as práticas sociais sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicação e das redes telemáticas. (2007a, p. 10)

Trata-se a cibercidade como um ambiente que envolve o indivíduo em plena mobilidade, interligando máquinas, pessoas e objetos urbanos, onde nas cidades contemporâneas estão se desenvolvendo locais de acesso e controle da informação, transformando-se em lugares de conexão permanente e ubíqua, nos quais a mobilidade, a troca de informações e a socialidade podem se desenvolver em qualquer lugar e em qualquer tempo (LEMOS, 2007a).

Nesse aspecto observa-se que há a apropriação das cidades, dos espaços urbanos de formas diferenciadas. Atualmente passa-se a interagir através da virtualidade das tecnologias de comunicação e informação em espaços físicos. “O “espaço entre” dois lugares geográficos deixa de ser ignorado para ser ocupado – não importa mais onde se esteja (...)” (PARAGUAI, 2008). O acesso à informação de qualquer local geográfico se torna possível e pode ser compartilhada entre os indivíduos através destas tecnologias. Desta forma, compreender a cibercultura só é possível a partir de um pensamento móvel, que dê visibilidade a processos de mobilidade urbana, de cidades globais e nomadismos informacionais. (LEMOS, 2007)

Lemos (2009, p. 29) ressalta que é preciso compreender a mobilidade a partir de duas dimensões: a *extensibilidade*, ou seja, a capacidade de uma pessoa ou grupo superar as dificuldades de movimento, e a *acessibilidade*, ou a potência para alcançar o ponto desejado. Estas duas dimensões são complementares: enquanto a *extensibilidade* refere-se ao poder e à habilidade de se mover, a *acessibilidade* refere-se às possibilidades de alcançar determinados pontos no deslocamento (sejam eles físicos, informacionais ou cognitivos). Com a mobilidade, a própria geografia da web passa a não ser fixa. O fato dos “nós” estarem sempre em movimento e não mais estáticos faz com que o mapa da rede seja mutante. Os dados não só trafegam pela rede como os próprios “nós” também se alteram até em função dos tipos de informação (PELLANDA, 2005, p. 202). Assim, percebe-se que as cibercidades podem ser consideradas cidades da informação, cidades transnacionais, centros de troca de informações digitais na economia mundial, cidades globais (LEMOS, 2007), nas quais o virtual da Rede não se opõe ao real das cidades (LÉVY, 1996), daquilo que é palpável, dos muros e das sensações na epiderme nas quais se podem sentir os objetos. “Nosso corpo é usualmente imaginado estar conectado ao real e atual, e nossas mensagens interconectadas no virtual. (...) A informação, a interação é trocada no ambiente virtual e aplicada no real” (PELLANDA, 2009, pp. 12-13)

As cibercidades estão modificando, redefinindo os espaços públicos e privados os quais, já não se percebe onde termina um e começa o outro em nossa vida cotidiana. Porém, como afirma Lemos (2004), não se podem compreender as

cibercidades como uma novidade radical, pois não se trata de uma nova cidade, ou da destruição das velhas formas urbanas, mas sim de se reconhecer uma nova dinâmica de configuração das cidades através das novas tecnologias de comunicação e das redes telemáticas. “O objetivo deve ser o de criar formas efetivas de comunicação e de reapropriação do espaço físico, reaquecer o espaço público, favorecer a apropriação social das novas tecnologias de comunicação e fortalecer a democracia contemporânea” (LEMOS, 2004, p. 21)

Para Lemos (2004) as cibercidades passam a ser pensadas como formas de restabelecer o espaço público, colocar em sinergia diversas inteligências coletivas, ou mesmo reforçar laços comunitários. O hibridismo entre os espaços virtual e físico pode vir a reforçar os laços entre os indivíduos, renovando ou criando condições sociais para a interação. Neste caso, o ciberespaço é um dos espaços de comunicação e pode ser observado como as cidades. Moraes (2004, pp. 30-31) afirma que o ciberespaço, tal como na cidade do espaço dos lugares, pode ser:

- *Coletivo*, pois tal como na cidade em que é a diversidade que preside a este espaço - a mistura de sons, vozes, cores, unificadas apenas pela unidade digital - é o sinal do seu multiculturalismo e o que conduz à liberdade de expressão como valor essencial.
- *Espacialmente organizado*, aquilo que constitui este espaço, os fluxos de informação, define-se em função de sua localização. Trata-se de um espaço onde a bidimensionalidade é predominante, mas onde a localização continua a caber numa dimensão espacial, mas ainda que constituída por elementos identificadores diferenciados daqueles que reconhecemos no espaço dos lugares.
- *Visualmente concretizado*, tal como nas cidades do espaço de lugar, também aqui preside o espetáculo visual. A cidade privilegia o visual em detrimento do som.

Estas dimensões nos apontam que as cibercidades devem ser observadas como uma “narrativa” das cidades e não sua transposição literal ou espacial. Assim:

A cibercidade é uma descrição/ narração onde os olhos não vêm as coisas, mas simulações de quase-objetos; ícones e símbolos gráficos como praças, ruas, monumentos. O cibercidadão não é um flâneur que passa pelas ruas, mas um ciberflâneur que clica nos links do ciberespaço, tendo uma relação muito mais intelectual do que corporal com o lugar. (MORAES, 2004, p. 30)

As cibercidades integram a informação urbana e criam espaços públicos para os habitantes utilizando como elo as novas tecnologias de comunicação e informação. “Os fluxos de informações destas cidades são os bits que compõem o sistema urbano de tráfego, são os links escolhidos na estrutura hipertextual que definem o traçado, que constituem o espaço, o ciberterritório ocupado” (SCHWINGEL; SILVA; ABREU, 2004, p. 49). Nesse sentido, tanto a cidade territorial quanto a cibercidade redefinem os fluxos de informação e enfatizam a ideia de rede, de organismo. E estas redes são difundidas e apropriadas pelos indivíduos que fazem parte destes territórios. Os fluxos ocorrem com a utilização do ciberespaço em movimento, em mobilidade, nas cidades e nos locais urbanos que a compõem. Desta forma:

Devemos então reconhecer a instauração de uma dinâmica que faz com que o espaço e as práticas sociais sejam reconfigurados com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas. As cibercidades podem ser pensadas como formas emergentes do urbano na era da informação. (LEMOS, 2007, p. 123)

Lemos afirma que o próprio ciberespaço é desterritorializante, ou seja, nos remete ao espaço de fluxos e retira os indivíduos, de certa forma, dos lugares físicos de interação e comunicação, no entanto, esta desterritorialização não existe sem novas reterritorializações (LEMOS, 2007, p. 3), e por isso ele define território “através da ideia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas. Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, se movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído” (LEMOS, 2007, p. 4). Com a cibercidades passa-se a reterritorializar os espaços urbanos, alinhando-os com o ciberespaço e desta forma apropriando-se dos lugares. Assim “quando podemos criar um “território” podemos criar um mundo. As questões de território, territorialização e desterritorialização são essenciais ao homem. (LEMOS, 2007, p. 3) Esta reterritorialização só pode ser alcançada com a hibridização dos espaços

físicos e virtuais de informação, proporcionada pela mobilidade e pelo nomadismo dos indivíduos que se apropriam dos locais urbanos durante a interação.

A mobilidade é um ícone da Pós-modernidade, pois ela proporciona uma rede viva de agentes móveis em prol das atividades cotidianas dos indivíduos, a mobilidade ajuda na formação de redes flexíveis de pessoas em busca de um interesse comum, ou de um sentimento de pertença por um determinado território que acaba sendo permeado de sentido pelo indivíduo, um sentido dado que pode ser fluido e efêmero. O espaço eletrônico está em interface com o espaço urbano, trazendo a possibilidade de novas significações para o espaço das metrópoles contemporâneas. (LEMOS, 2007) “O que está em jogo é a criação de novas possibilidades de sentido para o espaço das cidades contemporâneas através das tecnologias móveis e do espaço eletrônico mundial, o ciberespaço.” (LEMOS, 2007, pp. 15-16). Para Pellanda:

O virtual se desloca no espaço físico e cria com ele uma relação complexa de cooperação. Esta alimentação acontece de maneira semelhante: como os meios de transportes alteraram as cidades, a cultura das ruas passa a ser a cibercultura também. (2005, p. 86)

Desta forma, qualquer espaço pode transformar-se no “meu território” já que passo a controlá-lo informacionalmente. (LEMOS, 2007, p. 11). Assim, percebe-se que as cidades estão se transformando a cada dia com as novas tecnologias de comunicação e informação, as quais estão direcionando novas apropriações dos espaços urbanos, bem como das práticas sociais desenvolvidas nestes espaços. Nesse sentido, se observará quais as tecnologias que propiciam essa hibridização dos espaços físicos e como se desenvolvem estas novas apropriações por parte dos indivíduos.

2.3 REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS MÓVEIS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: NOVOS CONTEXTOS, NOVAS APROPRIAÇÕES

Como se observou, as redes sociais desenvolvidas no cotidiano dos indivíduos, no contexto atual, possuem características que permeiam a fluidez, a efemeridade, a busca de uma compreensão do sujeito em si mesmo e uma forma de neotribalismo que mostra o potencial que se vive hoje na formação de redes que têm como intuito a troca, a interação social, desvelando um sentimento de pertença pelo indivíduo e seu cotidiano e pelos espaços de convivência característicos dos tempos atuais.

As redes sociais na internet mostram que esse cotidiano, atualmente é vivido também através da interação mediada pelo computador, onde o espaço virtual é um dos locais de troca que potencializa o desenvolvimento da socialidade dos indivíduos, que buscam também a construção de laços sociais com outros sujeitos. No entanto, novas mudanças no contexto da interação entre os indivíduos são percebidas. Com o avanço das novas tecnologias de comunicação, as quais são desenvolvidas cada vez mais através da mobilidade tecnológica, o acesso *always on* vem abrindo caminho para uma nova forma de distribuição e colaboração de informação, fazendo com que os indivíduos de culturas e classes sociais diferentes passem a interagir e distribuir informações em tempo real, esta possibilidade passa a fazer cada vez mais parte do cotidiano dos indivíduos. Este novo contexto traz a tona novas apropriações dos espaços urbano e virtual, de forma que eles se tornem híbridos. Estas apropriações se dão através das tecnologias móveis. A informação e a interação são trocadas no ambiente virtual e aplicadas no real (PELLANDA, 2009).

Este novo contexto passa a produzir modificações nas cidades enquanto lugares de apropriação do indivíduo, pois este passa a territorializar os espaços não deixando de lado o espaço virtual, o ciberespaço - que desde a década de 90 tornou-se um local de comunicação cada vez mais emergente – mas, tornando ambos os espaços colaborativos.

Os indivíduos atualmente utilizam as tecnologias móveis como aparatos para se mobilizarem em manifestações sociais nas cidades em determinados

acontecimentos. Diante destes aspectos, se buscará tratar como se procedem algumas mudanças nas redes sociais quando estas são utilizadas e potencializadas a partir de artefatos móveis, e como estas apresentam uma nova forma de apropriação dos espaços.

2.3.1 Tecnologias móveis de comunicação e informação

A mobilidade e o nomadismo tecnológico da sociedade atual estão diretamente relacionados às tecnologias móveis de comunicação e informação, Pode-se perceber, desta forma, que profundas modificações nas práticas sociais vêm ocorrendo com a potencialidade da comunicação sem fio. As trocas de informações e a interação estão cada vez mais sendo realizadas através de sistemas de internet sem fio (“Wi-Fi” e “Wi-Max”) e telefonia móvel, através dos celulares. Estas tecnologias nômades vêm proporcionando que os indivíduos interajam e expandam seus contatos (LEMOS, 2005).

Mitchell (2002) salienta que se habitará em um mundo onde as coisas não ficam paradas, mas pensam no que deviam estar fazendo e decidem o que fazer de acordo com suas funções. Para ele os objetos e espaços inteligentes que proporcionam uma nova apropriação dos espaços urbanos, necessitam de um software, um “gênio do lugar” que ligue os processos interativos. Segundo Mitchell, na Roma antiga acreditava-se que cada lugar tinha seu espírito, que se manifestava quando evocado. “Eles tinham a ideia certa, mas não a tecnologia necessária” (MITCHELL, 2002, p. 89). Atualmente, segundo Mitchell, para equiparmos um lugar com seu “gênio” é uma tarefa simples: implementando um software.

Podem parecer um pouco utópicas as palavras de Mitchell, mas ao observar o desenvolvimento da comunicação sem fio na sociedade atual, percebe-se que os indivíduos estão cada vez mais conectados. Esta conexão se dá hoje com o suporte dos celulares, PDA's, smartphones e outros aparelhos de computação portáteis. Estes suportes de mídia *always on*, fazem parte de um dos anseios humanos, a onipresença, esta se dá pela possibilidade de estar conectado a vários espaços simultaneamente, com um mínimo de deslocamento físico. (PELLANDA, 2005). Para

Mitchell (2002) os lugares de conexão, com as tecnologias móveis podem ser escolhidos, segundo ele, os laptops permitem uma espécie de acampamento eletrônico, onde se pode escolher um lugar - escritório temporário, quarto de hotel, avião, parque, mesa de café – e iniciar as atividades ali. Lemos salienta:

Com o desenvolvimento da computação móvel, o que está em marcha é a fase da computação ubíqua, a era dos computadores coletivos móveis (CCM). O CCM estabelece-se com a telefonia celular 3G, com as redes *wi-fi*, as etiquetas *RFID* e as redes por tecnologia *bluetooth*. Esses dispositivos vão criar fenômenos de des-territorialização a partir da interface entre o espaço físico e o espaço eletrônico, alterando a dinâmica das grandes cidades. (LEMOS, 2007, p. 10)

As tecnologias móveis de comunicação e informação permitem exercer um maior controle sobre o espaço e o tempo, agindo também como ferramentas de territorialização. Por instituir formas de controle, através de uma justaposição do espaço eletrônico e físico, as tecnologias móveis de comunicação e informação criam territorializações e controles informacionais, podendo ou não criar procedimentos nômades (LEMOS, 2007, p. 9). Para o autor, só é possível compreender a cibercultura a partir de um pensamento móvel, que dê visibilidade a processos de mobilidade urbana, de cidades globais e nomadismos informacionais (2007, p. 8). Estas novas formas de nomadismo somente são possíveis, pois se vive em uma cultura da conexão generalizada, em grande parte proporcionada pelas tecnologias móveis de comunicação e informação. Com estas tecnologias as noções entre tempo e espaço se alteram diariamente. De acordo com Green:

A relação entre espaço e tempo na vida contemporânea não é constante, mas sim mediada localmente em um número de níveis, do pessoal, ao institucional e coletivo. Enquanto alguns tempos sociais estão sendo recentemente reconstruído como móveis através de ritmos de uso na vida cotidiana, móveis são novos ritmos igualmente incorporados e familiares, mas localmente definidos e temporalmente praticados. (2002, p. 2)

Green (2002) ressalta que se vive em um “tempo móvel”, proporcionado pelas novas tecnologias. Para o autor, esse novo processo pede uma reavaliação do que se entende por relações de proximidade, distância, presença e mobilidade, sendo importante uma nova forma de pensar as mudanças sociais e culturais nas sociedades ocidentais ao longo do século XX, observando o papel das tecnologias nestas alterações, relacionadas com o espaço e o tempo. Segundo ele, uma das

principais mudanças está na construção da metrópole urbana moderna, onde as interações foram fragmentadas, descontinuadas e as atividades são compartimentadas em uma série de encontros e impressões de pouca duração. O privado, o subjetivo e o emocional são mapeados geograficamente nos espaços públicos da cidade, transformando este espaço em uma continuação da vida privada, das experiências subjetivas, ao invés de experiências coletivas comuns. Segundo ele, as atividades sociais mediadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação incentivam a fragmentação e a individualização da experiência do tempo, prolongando a compressão do tempo-espaço, a convergência, o distanciamento, a velocidade e a intensidade da vida moderna ocidental, localmente compartilhada. Estes fatores que permeiam a vida cotidiana da sociedade atual são possibilitados pelos telefones celulares, que demonstram a emergência destes “tempos móveis”, devendo este ser considerado em qualquer discussão sobre a organização temporal nas sociedades contemporâneas. (GREEN, 2002, p. 5)

Desta forma, pode-se compreender que o celular assume valor social, como reforço do laço grupal e comunitário e, em muitos casos, ele é usado para compartilhar momentos em determinados lugares. Por isto, Lemos (2007) afirma que com as tecnologias móveis de comunicação e informação o “lugar transforma-se, pelo controle e acesso à informação, em um território através de novas formas de controle informacional.” (LEMOS, 2007, p. 11)

Ling (2004) salienta que com o telefone celular é talvez a primeira vez na qual seja possível falar em interação pessoal, individualizada, mediada eletronicamente, e segundo ele este potencial da tecnologia pode significar que existem prováveis alterações na forma como as redes sociais interagem entre si. “A mudança para a telefonia móvel significa que existem novas possibilidades quando se consideram as formas em que a interação é organizada, os grupos são definidos e a ação social tem lugar.”⁹ (LING, 2004, s. p.). Nestas interações, um sentimento de identidade comum pode ser desenvolvido face a face e ser estimulado novamente através da interação mediada. É a capacidade de interação social realizada tanto em

⁹ **Tradução da autora:** The shift to mobile telephony means that there are new possibilities when considering the ways that interaction is organized, groups are defined and social action takes place.

espaços físico e virtual, que vive a sociedade atual, prevista por Manovich (2005, p. 1): “É bem possível que esta década de 2000 vai virar-se sobre o físico – ou seja, o espaço físico e visual repleto de informações eletrônicas.”¹⁰ Lemos lembra que:

Os lugares importam, e muito. Mesmo com os dispositivos móveis e os fenômenos de deslocalização e multilocalização, não há apagamento ou perda do sentido dos lugares. Toda comunicação será balizada por presenças em jogos territoriais. (LEMOS, 2009, p. 32)

A importância dos espaços físicos não é minimizada com o uso das tecnologias móveis, é bem ao contrário disto. Novas experiências cotidianas são desenvolvidas quando se utiliza o espaço virtual em um ambiente físico. São formas de relações entre os espaços que possibilitam novas interações para os indivíduos.

Quando você for assistir a um filme no cinema ou na TV grande conjunto ou jogar um jogo de computador em um console de jogos conectados a esta TV, você está dificilmente consciente do seu ambiente físico; praticamente falando, você está imerso na realidade virtual. Mas quando você está assistindo ao mesmo filme ou jogando o mesmo jogo em um pequeno visor de um telefone celular / PDA que se encaixa na sua mão, a experiência é diferente: você está ainda muito presente no espaço físico, o display acrescenta à sua experiência um fenômeno global. Por isso, depende de como entendemos a ideia de adição: podemos adicionar mais informações para a nossa experiência - ou podemos acrescentar uma experiência completamente diferente.¹¹ (MANOVICH, 2005, p. 5)

Estas experiências estão amparadas naquilo que Manovich (2005) chama de *tecnologias Cellspace*, ou seja, o espaço físico recheado de dados que podem ser acessados pelo indivíduo utilizando um dispositivo de comunicação pessoal. Os exemplos de aplicações *Cellspace* incluem o uso de GPS para determinar suas coordenadas, ou o uso de um telefone celular para o check-in no aeroporto, para a ferramenta de estrada, ou para recuperar informações sobre um produto em uma loja. Para Mitchell (2002, p. 83) as tecnologias móveis de comunicação e informação são objetos inteligentes, que tornaram os computadores pessoais (PC) e

¹⁰ **Tradução da autora:** It is quite possible that this decade of the 2000s will turn out to be about the physical – that is, physical space filled with electronic and visual information.

¹¹ **Tradução da autora:** When you are watch a movie in a movie theatre or on big TV set or playing a computer game on a game console connected to this TV, you are hardly aware of your physical surroundings; practically speaking, you are immersed in virtual reality. But when you watching the same movie or play the same game on a small display of a cell phone / PDA which fits in you hand, the experience is different: your are still largely present in physical space; the display adds to your overall phenomenological experience but it does not take over. So it all depends on how we understand the idea of addition: we may add additional information to our experience – or we may add an altogether different experience.

sua miscelânea de aparelhos periféricos obsoletas, para ele “todos aqueles fios e caixas eram muito problemáticos, e tinham que desaparecer.” E enfatiza:

Com a conexão sem fio e a garantia automática da compatibilidade do hardware, os aparelhos eletrônicos podem se conectar tão facilmente quanto blocos de Lego. As redes de comunicação deixam de parecer condutos fixos e passam a se configurar em configurações capazes de atender a objetivos específicos e temporários. (MITCHELL, 2002, pp. 84-85)

O uso de sistemas de geolocalização, como GPS em dispositivos móveis é fator que influencia nas relações sociais dos indivíduos, bem como nas novas apropriações das cidades através das tecnologias móveis de comunicação e informação. Segundo Licoppe e Inada (2009), o sistema representa uma área de atividade acessível por telas móveis, onde as posições dos indivíduos estão diretamente relacionadas com a sua real posição no espaço. A atividade no espaço virtual é articulada com o espaço urbano, via localização geográfica, constituindo um espaço compartilhado, um meio para a atividade coletiva, onde os indivíduos e seu ambiente informacional são visíveis por meio de telefones celulares. Eles podem contribuir para tornar os encontros significativos e influenciar no curso das interações. Com estes sistemas, os indivíduos identificam que estão perto um do outro em determinados pontos das cidades, perto o suficiente para que possam entrar em uma interação face a face. Segundo Licoppe e Inada (2009), os sistemas possuem algumas potencialidades que proporcionam a interação entre os indivíduos, possibilitando:

- a) O conhecimento de uma forma particular de proximidade com os outros;
- b) Chamar o outro para transformar isso em um conhecimento compartilhado, assim, construir um evento de proximidade;
- c) Apresentar-se como um acaso fortuito, que poderia levar de alguma forma para uma interação face a face.

Através dos telefones celulares com GPS é possível que um indivíduo encontre o outro através de sistema de geolocalização. Estes são fatores importantes, pois podem potencializar a socialidade entre os sujeitos, bem como

criar novas apropriações para as cidades no contexto das trocas sociais e informacionais.

2.3.2 Tecnologias móveis de comunicação e informação e a convergência midiática

O atual desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação configura-se como uma nova fase na cibercultura. Nesta fase observamos a apropriação de novas mídias, desenvolvidas pela comunicação sem fio e pelos computadores ubíquos, portáteis e móveis, podemos compreender que estamos em meio a uma “mobilidade ampliada” que potencializa a dimensão física e informacional. (LEMOS, 2009, p. 29). Lemos enfatiza que na primeira fase de apropriação do ciberespaço, vivia-se a ênfase do *upload* de informações para esse espaço eletrônico, transportando relações sociais, instituições e processos para o ciberespaço fora do “mundo real” (LEMOS, 2009a, p. 90). Para Lemos, o que se vive atualmente é a fase das mídias locativas, as quais podem ser descritas como “os dispositivos, sensores e redes digitais sem fio e seus respectivos bancos de dados ‘atentos’ a lugares e contextos” e assim “as mídias locativas, pelas trocas informacionais nos espaços urbanos criam novos sentidos dos lugares”. (LEMOS, 2009a, p. 91).

Se a mobilidade era um problema na fase do *upload* do ciberespaço (ir ou sair do local de conexão), na atual fase do *download* (ou da internet das coisas), a mobilidade é uma oportunidade para usos e apropriações dos espaços para diversos fins. (LEMOS, 2009a, pp. 91-92)

Lemos (2009a, pp. 94-95) ressalta alguns projetos que utilizam as mídias locativas e as tecnologias moveis:

- a) Anotações urbanas eletrônicas (*geo-annotation*): escrita eletrônica no espaço, indexando dados a um determinado lugar com conteúdos diversos (*Yellow Arrow*¹², *Sonic City*¹³, *MurMur*¹⁴, *Node Explore*¹⁵, *GPS Drawing*¹⁶, *Real Time Rome*¹⁷)

¹² Disponível em: <http://yellowarrow.net/v3/>

- b) Mapeamento: etiquetas geográficas (geotags) e produção de cartografias diversas, vinculando informações como fotos, textos, vídeos, sons a mapas ou conjunto de mapas (*Neighbornode*¹⁸, *Peuplade*¹⁹, *Citix*²⁰)
- c) Redes sociais móveis (mobile social network): sistemas de localização de pessoas criando possibilidades de encontro e/ ou troca de informações em mobilidade através de smartphones (*Imity*²¹, *Dodgeball*²², *Citysense*²³, *Google Latitude*²⁴)
- d) Jogos computacionais de rua (Pervasive computational Games): jogos de diversas modalidades nos quais parte importante da trama se dá no espaço urbano com o uso de LBT e LBS (Geocaching²⁵, Uncle Roy All Around You²⁶, Can You See Me Now²⁷, Pac-Manhattan²⁸)
- e) Mobilizações inteligentes (*Smart e Flash Mobs*): mobilizações políticas e/ou estéticas utilizando LBT e LBS para organizar reuniões efêmeras no espaço público.

Assim, emerge uma nova territorialização informacional, dando novos sentidos aos lugares, e às formas como os indivíduos interagem e se apropriam das informações. Santaella (2007) salienta que vivemos uma nova fase cultural das mídias.

Com a crise da hegemonia dos meios de comunicação de massa (SANTAELLA, 2007, p. 119) desencadeada pela cultura planetária via redes de teleinformática, uma nova forma de pensar a cultura das mídias foi percebida, uma

¹³ Disponível em: <http://www.tii.se/reform/projects/pps/soniccity/index.html>

¹⁴ Disponível em: <http://murmurtoronto.ca/>

¹⁵ Disponível em: <http://www.nodeexplore.com/news.php?newsid=187>

¹⁶ Disponível em: <http://www.gpsdrawing.com/>

¹⁷ Disponível em: <http://senseable.mit.edu/realtimerome/>

¹⁸ Disponível em: <http://www.neighbornode.net/>

¹⁹ Disponível em: <http://www.peuplade.fr/home/nHome.php>

²⁰ Disponível em: <http://www.citix.net/>

²¹ Disponível em: <http://imity.com/pocket-radar>

²² Disponível em: <http://www.dodgeball.com/>

²³ Disponível em: <http://www.citysense.com/>

²⁴ Disponível em: http://www.google.com/intl/en_us/latitude/intro.html

²⁵ Disponível em: <http://www.geocaching.com/>

²⁶ Disponível em: http://www.blasttheory.co.uk/bt/work_uncleroy.html

²⁷ Disponível em: <http://www.canyouseemenow.co.uk/sheffield/>

²⁸ Disponível em: <http://www.pacmanhattan.com/>

lógica cultural na qual os indivíduos podem escolher – e produzir – conteúdos midiáticos através dos processos de comunicação mediados pelo computador e pelas tecnologias móveis.

É a atual convergência das mídias no mundo ciber, na coexistência com a cultura das mídias e com a cultura das massas, juntamente com as culturas precedentes, a oral, a escrita e a impressa, todas ainda vivas e ativas, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a densa rede de produção e circulação de bens simbólicos atingiu nos nossos dias e é uma das marcas registradas da cultura digital (SANTAELLA, 2007, p 130)

Esta nova lógica cultural se constitui perante os processos de desenvolvimento tecnológico, através dos equipamentos e das linguagens, possibilitando a escolha dos conteúdos e a personalização das mensagens, opondo-se à lógica de recepção gerada pelos meios massivos.

Segundo Santaella (2007, p.122) os processos midiáticos atuais possuem características que dão ênfase a todo o processo desta nova cultura da mídia a qual a autora se refere:

- a) *Inovativa*: período de mudança profunda e prolongada no desenvolvimento das novas mídias;
- b) *Transformativa*: fase de experimentação estética e social das novas tecnologias midiáticas;
- c) *Convergente*: cruzamento de múltiplos canais;
- d) *Multimodal*: mesmo conteúdo encontrado em múltiplas representações;
- e) *Global*: interações entre as pessoas ao redor do mundo, apresentando impactos nas culturas locais;
- f) *Em rede*: tecnologias interconectadas, nas quais a mensagem flui de um lugar a outro;
- g) *Móvel*: é possível carregar consigo tecnologias comunicacionais;
- h) *Apropriativa*: as tecnologias facilitam o arquivamento, apropriação e redirecionamento dos conteúdos midiáticos;

- i) *Participativa*: ruptura da linha divisória entre consumidor e produtor de conteúdos, abre-se caminho para o engajamento ativo em torno do conteúdo das mídias;
- j) *Colaborativa*: deliberações e soluções de problemas compartilhados;
- k) *Diversificada*: as mídias fluem através de vários lugares de produção e consumo no contexto de uma sociedade multicultural;
- l) *Domesticada*: mídias estão inteiramente integradas nas interações sociais cotidianas;
- m) *Geracional*: diferentes gerações têm acesso ao conhecimento, com gostos, interesses culturais e formas de participação diferentes;
- n) *Desigual*: o acesso às tecnologias, habilidades, oportunidades de participação é desigualmente distribuído entre a população.

As características que fazem parte da cultura da mídia refletem um processo perceptível no contexto atual. Os distintos tipos de mídia em que se defronta hoje, juntamente com as eras culturais que as conformam, traduzem novas formas de socialização, inseridas em um processo de hibridização que caracteriza a cultura contemporânea. “A cultura contemporânea é global, mundializada e glocal. Ela é uma cultura híbrida, cíbrida. É também conectada, ubíqua, nômade. Além disso, é líquida, fluida, volátil e, por fim, mutante.” (SANTAELLA, 2007, p. 131)

Como cíbrido, Santaella (2007) refere-se à conjunção de ciber e híbrido. É a capacidade que as novas tecnologias possibilitam de habitar dois mundos simultaneamente. Esta conjunção nasce da interconexão entre espaço físico e redes de informação, potencializados principalmente através do surgimento das tecnologias móveis, que por serem portáteis tornam os textos, imagens e sons ubíquos, transformando a apropriação dos meios de comunicação.

É o processo de convergência das mídias, que envolve transformações na forma de produzir e consumir os meios de comunicação. Em nosso contexto atual, a informação é filtrada, administrada e manipulada por nós, para que se torne conhecimento. Para Jenkins (2006) a convergência está amparada no tripé que reúne o conteúdo dos suportes midiáticos, seus múltiplos mercados e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que buscam suas próprias experiências midiáticas. “No mundo da convergência das mídias, toda

história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia” (JENKINS, 2006, p. 27). E, desta forma, a circulação dos conteúdos depende da participação ativa dos consumidores, neste caso, colaboradores. A convergência compreende um processo tecnológico, no qual os aparelhos devem unir múltiplas funções. No entanto, afirma Jenkins (2006, p. 28) “a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros.”

As novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção. (JENKINS, 2006, p. 36). Com o surgimento dos celulares, ocorreu uma mudança na forma como os habitantes das cidades se comportam em ambientes públicos e privados (SANTAELLA, 2007, p. 133). A cultura das ruas passa a ser cibercultura também, uma cooperação entre o espaço físico e o virtual. A cibercultura solta as amarras e desenvolve-se de forma onipresente, fazendo com que não seja mais o usuário que se desloque até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada (LEMOS, 2004, p.2).

O acesso à informação de qualquer local geográfico se torna possível e pode ser compartilhada entre os indivíduos através destas tecnologias. Desta forma, compreender a cibercultura só é possível a partir de um pensamento móvel, que dê visibilidade a processos de mobilidade urbana, de cidades globais e nomadismos informacionais. (LEMOS, 2007)

A própria geografia da rede passa a não ser fixa. O fato de os nós estarem sempre em movimento e não mais estáticos faz com que o mapa da rede seja sempre mutante. Os dados não só trafegam pela rede como os próprios nós também se alteram até em função dos tipos de informação (PELLANDA, 2005, p. 202). Os elementos que constituíam os nós na rede digital eram os roteadores, os servidores. Com as tecnologias móveis, os celulares se tornam os nós, ligando os indivíduos em espaços híbridos. Segundo Santaella (2007, p. 186), coordenar ações grupais e sociais em tempo real só se tornou possível com as tecnologias móveis, coordenação entendida não apenas no sentido de microcoordenação entre

indivíduos, mas a macrocoordenação, como é o caso tão comentado dos *flash mobs*.

2.3.3 Manifestações sociais e tecnologias móveis de comunicação e informação

O uso das tecnologias móveis de comunicação e informação, em especial a telefonia celular e comunicação via internet sem fio, aliadas ao processo de convergência midiática que possibilita aos indivíduos fazerem parte do processo comunicacional, demonstra as potencialidades de mobilização dos sujeitos em situações, em eventos nos quais os meios de comunicação de massa não conseguem estarem presentes no momento do fato ocorrido. Os indivíduos em seu cotidiano conectados *always on* estão no momento em que os fatos acontecem, sendo mais eficientes na hora de transmitir informações do que a mídia de massa. Neste aspecto se salientarão as manifestações sociais propiciadas pela interação entre os indivíduos e potencializadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação.

O telefone celular esteve presente em dois momentos durante os atentados ocorridos no mês de março de 2004, em Madrid. O aparelho foi responsável por detonar as bombas e também por mobilizar os indivíduos após o incidente. O celular seria o instrumento que detonaria as bombas na Estação de El Pozo, porém isto não aconteceu devido ao fato do aparelho ter sido colocado com 12 horas de atraso, prejudicando assim o atentado. Para Pellanda:

Por ter sido detectado este mecanismo ficou evidente que não se tratava de atentados do grupo basco ETA. Esta informação em um primeiro momento não agradou ao governo, que estava a três dias da re-eleição. A questão envolvia a política externa do governo Espanhol que estava alinhada com os Estados Unidos em esforços anti-terroristas. Se ficasse evidenciado isto as eleições ficariam prejudicadas, o que acabou acontecendo. Textos de SMS foram enviados pela população alertando as pessoas sobre o fato. (2005a, p. 7)

A mobilização via SMS ocorreu para que os indivíduos pudessem se reunir e protestar contra a violência formando uma rede de crescimento exponencial.

Segundo Pellanda (2005a, p. 8) “A manifestação resultante foi a de maior público desde o final da Segunda Guerra Mundial.”

Outras manifestações a respeito de uma catástrofe, neste caso ambiental, foram as relacionadas após o Tsunami ocorrido na costa asiática do Oceano Pacífico. Após o trágico incidente não havia comunicação entre os sobreviventes e o resto do mundo, devido ao congestionamento das ligações via chamada de voz, tampouco os meios de comunicação conseguiram informar sobre o que estava acontecendo. Foi novamente o uso do SMS que permitiu que as pessoas pudessem se comunicar. “Empresas de telefonia no Sri Lanka mandaram mensagens SMS para a população na tentativa de localizar sobreviventes. Vieram 2.321 respostas e algumas pessoas que estavam perdidas foram localizadas. (PELLANDA, 2005a, p. 9). Os blogs também foram fundamentais no processo de ajuda às vítimas e na divulgação de informações sobre o local, pois foram os primeiros a noticiar fotos e vídeos sobre a tragédia.

Os celulares também desempenharam um papel importante nas investigações sobre os atentados a bomba na cidade de Londres em 2005. “Pessoas que estavam nas linhas de metrô e nas ruas perto do ônibus onde foi colocada uma das bombas usaram a possibilidade de criar filmes digitais para registrar os acontecimentos.” (PELLANDA, 2005a, p. 9). Cerca de mil fotos e 20 vídeos chegaram à redação da BBC minutos após os acidentes. Uma das fotos enviadas pelo público foi o principal destaque da capa durante a maior parte do dia.

Bruno (2008, p. 46) enfatiza que o uso do telefone celular no relato dos fatos em tempo real possui uma mistura de controle e prazer, “uma lógica e uma *estética do flagrante*, presentes tanto no olhar quanto na atenção vigilante sobre a cidade e os indivíduos que nela circulam”. A convergência que faz parte dos aparatos tecnológicos pode constituir um sistema de vigilância espalhados pelas cidades. No entanto, segundo a autora, nem todos os dispositivos são intencionalmente voltados à vigilância, esse processo vai depender da apropriação que é feita pelo indivíduo. Para Bruno:

(...) um telefone celular com câmera, por exemplo, tem uma função primeira de comunicação e registro visual, mas pode ser apropriado como uma câmera de vigilância em certas ocasiões, tal como

aconteceu no caso do enforcamento de Sadam Hussein, no atentado a bomba no metrô de Londres, entre muitos outros casos. (2008, p. 46)

Nesse sentido, Bruno (2008) ressalta que essas atividades não devem ser vistas como sombrias coercitivas e dominadoras, mas sim como circuitos de prazer entretenimento e voyeurismo, onde vigoram uma atenção vigilante e a captura do flagrante. As câmeras fotográficas e de vídeo, e os telefones celulares multiplicam os olhares sobre as cidades, constituindo-se assim “olhos eletrônicos locais com alcance e conexão global, olhares simultaneamente privados e públicos, individuais e coletivos.” (BRUNO, 2008, p. 48). Estes olhares constituem o que Bruno (2008) chama de estética do flagrante, a qual resulta de um olhar amador que reúne aspectos simultaneamente policiais, libidinais e jornalísticos, potencializando assim, o chamado jornalismo cidadão e participativo. Assim, pode-se compreender que o indivíduo “não apenas assiste ao espetáculo da dinâmica urbana e suas representações visuais como um ponto na massa, mas produz e distribui, com suas câmeras portáteis e conectadas, um micro-espetáculo do cotidiano, sendo ao mesmo tempo testemunha individual, e difusor global da vida urbana.” (BRUNO, 2008, p. 50).

Pode-se observar o papel importante que os indivíduos possuem quando munidos de seus dispositivos móveis, demonstrando a possibilidade que estes possuem em se manifestar socialmente, este fator é fundamental para a compreensão das potencialidades das redes sociais móveis.

2.3.4 As redes sociais móveis

Profundas modificações nas práticas sociais vêm ocorrendo com a potencialidade da comunicação sem fio. Com estas tecnologias, o “cordão-umbilical” da Internet fixa com as paredes se rompe e nasce uma rede nas ruas, nas praças e até em outros lugares entre paredes. (PELLANDA, 2005, p. 84)

As novas formas de comunicação sem fio estão redefinindo o uso do espaço de lugar e dos espaços de fluxos (CASTELLS, 1999). Estes espaços vêm

construindo novas tribos urbanas nômades (MAFFESOLI, 1996), que estão ligadas entre si através de aparelhos móveis conectados à internet. Licoppe e Smoreda (2005, p. 926) salientam que a abordagem dinâmica do viver-junto nos permite conceituar as lógicas de socialidade, examinando a forma como estas se inscrevem no espaço geográfico, no tempo, e nas formas sociais. Estas questões têm surgido com bastante frequência desde que as ciências sociais têm voltado suas atenções para o coletivo visto como um conjunto de coordenações ligadas por temporalidades simultâneas. Este é um dos fatores que potencializam as redes sociais móveis, as temporalidades de interação são concomitantes, pois permitem que pessoas que se conhecem e que compartilham ocasionalmente um mesmo lugar, possam interagir, trocar informações e eventualmente encontrar-se (LEMOS, 2009a, p. 102).

O viver-junto que se destaca em relação às redes sociais móveis, não difere das redes sociais vividas no cotidiano, como observamos no primeiro capítulo deste trabalho, tampouco das redes sociais na internet. A grande particularidade destas novas redes é a hibridização dos espaços físico (cotidiano das cidades) e virtual (internet). Com o uso das tecnologias móveis conferem-se novas apropriações destes dois espaços, que acabam se tornando parte um do outro no dia-a-dia dos indivíduos. Assim “(...) viver-junto é uma ajustada forma de vida coletiva que repousa sobre uma ética de distância. Sua dinâmica, equilíbrio e manutenção pressupõem que o investimento dos indivíduos assume uma forma adequada, particularmente no que diz respeito a esforços para articular o tempo de ausência e de reunião, o tempo de estar presente e junto de forma coexistente.”²⁹ (LICOPPE; SMOREDA, 2005, p. 925)

Estas redes têm a potencialidade de reforçar os laços sociais entre os indivíduos, ou mesmo de criar novos laços. Algumas formas de agrupamentos, já podem ser vistas através da potencialização das tecnologias móveis de comunicação e informação, como as *smart mobs*, grupos formados que se unem em multidões para realizar um conjunto de práticas com finalidades artísticas, ou até

²⁹ **Tradução da autora:** (...) living-together is an adjusted form of collective life that rests on an ethic of distance. Its dynamic equilibrium and its maintenance presuppose that the investment of individuals takes a suitable form, particularly with regard to efforts made to articulate the time of absence and meeting; the time of being present together and coexisting.

mesmo com um cunho ativista em relação a determinado fato. Elas são constituídas por pessoas que são capazes de agirem juntas mesmo sem se conhecer. As pessoas que participam dos *smart mobs* cooperam de maneira inédita porque dispõem de aparatos com capacidade tanto de comunicação como de computação (RHEINGOLD, 2002). Outra tendência na formação destes grupos é chamada de *flash mobs*, que, embora sejam caracterizadas da mesma forma das *smart mobs*, possuem uma peculiaridade: a instantaneidade e a rápida dispersão dos indivíduos. Para Lemos:

Podemos dizer que as “*smart mobs*” são fenômenos de massa. Elas se caracterizam por serem: 1. Abertas que tendem a crescer e onde reina a igualdade (a massa formada é aberta a priori, constituída de indivíduos que não pertencem ao mesmo grupo e que vão exercer o sentimento de igualdade juntando-se); 2. Elas são rítmicas (vão no movimento da convocação – por SMS, e-mails, blogs – onde “a densidade é conscientemente estruturada para esquivar e reaproximar”) e; 3. Elas são rápidas. (2005, p. 13)

O que diferencia as *smart mobs* de outras multidões organizadas é o uso de tecnologias móveis de comunicação e informação como potencializadores destas agregações em espaços públicos. Estes agrupamentos caracterizam as relações sociais pós-modernas, nas quais, como já foi observado, são realizadas de maneira individualista, fluida, instáveis e frágeis, porém a valorização emocional das relações se ressalta, fazendo com que cada vínculo que um indivíduo construa com o outro, seja permeado de sentimentos.

Estas redes marcam lugares físicos de concentração. Reinghold (2004) denomina esses agrupamentos como redes sociais *ad hoc* móveis, termo utilizado para denominar os “coletivos inteligentes”. Segundo Santaella:

Ambos, no entanto, descrevem uma forma social que nasce da soma da computação, comunicação e sensores de localização e é, possibilitada pela conexão móvel. (...) Rede social, por seu lado, quer dizer que cada indivíduo de um coletivo inteligente é um nó que tem laços sociais (canais de comunicação e vínculos sociais) com outros indivíduos. (2007, p. 187)

A proliferação das redes no atual contexto vem sendo potencializada através do acesso de alta velocidade pelos 3G e Smartphones. Com o lançamento do iPhone 3G, o acesso às redes através dos celulares tornou-se cada vez mais

intensificados. Estima-se que até o ano de 2012, o acesso a redes sociais através de celulares será de 975 milhões de internautas em todo mundo³⁰.

Se este viver-junto é o agrupamento flexível de um número limitado de indivíduos que tenta co-existir nas proximidades um do outro, preservando seus próprios ritmos, por que se agrupam em tudo? Nessa flexibilidade, muitas vezes eletiva, associações, não há uma causalidade estrita (o que tornaria o sujeito coletivo a uma lei, às regras e ao determinismo). Pelo contrário, estas associações oferecem um conjunto difuso de objetivos, que são frequentemente expressos e emocionalmente carregados de palavras evocativas. O agrupamento de vida em conjunto define-se, desta forma, em nome de ideais, que devem ser suficientemente vagos para permanecerem relevantes, apesar da evolução das circunstâncias ainda não suficientemente comprometendo-se a realizar um coletivo de fidelidade, como uma máquina homeostática pura que se mantém (LICOPPE; SMOREDA, 2005, pp. 924-925)³¹.

Com as redes sociais, acessadas através de tecnologias móveis de comunicação e informação, os internautas poderão não só observar os perfis das pessoas, mas também ter acesso a sua localização geográfica para enfrentarem novas situações sociais ocorridas no cotidiano. Para Manovich (2005, p.8) as redes móveis têm de negociar a arquitetura de espaços que tentam habitar. Os GPS's, serviços de localização wireless, tecnologias de vigilância e outras tecnologias espaciais aumentam os dados e definem os espaços – se não na prática, ao menos em sua imaginação - como um campo *contínuo* que se estende por completo e preenche *todo* o espaço físico. (MANOVICH, 2005, p.8)

Neste contexto, se apontará alguns sites de redes sociais que podem ser acessadas pelo celular e suas potencialidades na formação de redes sociais móveis:

Imity: Este site tem como foco as relações de proximidade que podem gerar laços entre os indivíduos. Através do Bluetooth, o aplicativo no celular reconhece os indivíduos que estão em volta, e cada pessoa que fizer parte do site terá um livro de visitas pessoais, os quais poderão ser acessados por outros indivíduos. Se o

³⁰ Disponível em: <http://www.instat.com/press.asp?ID=2321&sku=IN0804034MCM>

³¹ **Tradução da autora:** If this living-together is the flexible grouping of a limited number of subjects who try to co-exist in the vicinity of each other while preserving their own rhythms, why should they group together at all? In such flexible, often elective, associations, there is not a strict causality (which would make the collectivity subject to a law, to rules, and to determinism). Rather, these associations offer a diffuse set of aims, which are often expressed via evocative and emotionally charged words. The grouping of living-together defines itself in this way, in the name of ideals—which must be sufficiently vague to remain relevant in spite of changing circumstances yet sufficiently 925 committing to hold the collective's loyalty, like a pure homeostatic machine which maintains itself.

indivíduo encontrar alguém que utilize as mesmas *tags* que ele, o telefone celular irá vibrar para indicar que as duas pessoas têm relações de proximidade, de afinidade.

The screenshot shows the 'imity' website. At the top, there are navigation links: 'About', 'Blog', 'Forum', 'Sign up', and 'Get in touch'. Below this is a sidebar with a calendar listing dates from April 2008 back to June 2007. The main content area features a blog post titled 'We're joining ZYB!' with a green header. The text of the post describes the company's move to a new office and phonebook. To the right of the main text, there is a 'We write about' section with various tags like 'conference', 'presentation', and 'reboot'. Below the main text, there are '6 Responses to "We're joining ZYB!"' and a 'Tune in!' section with a radio icon.

Figura 1: Imity (Disponível em: <http://www.imity.com/>)

Citysense: É uma aplicação móvel que busca, através dos dados obtidos, analisar o comportamento humano e desenvolver um mapa vivo das atividades da cidade de San Francisco. No momento o site não está disponível para novos usuários, somente os já cadastrados

The screenshot shows the 'CitySense™' website. The title 'CitySense™' is prominently displayed at the top. Below it, the text reads 'Coming Soon: CitySense 1.1'. The main body of text describes the application: 'CitySense for San Francisco, released in 2008, for iPhone and Blackberry, was the first mobile application to take millions of data points to analyze aggregate human behavior and to develop a live map of city activity.' It also mentions that the company has made many advances in infrastructure and intelligence and is moving to unveil them in Spring. At the bottom, there is a bulleted list of updates and information for users.

Figura 2: City Sense (Disponível em: <http://www.citysense.com/>)

Google latitude: No Google latitude é possível ver a localização dos amigos no mapa ou em uma lista. É possível compartilhar a localização com outras pessoas, permitindo ao indivíduo, através da tecnologia móvel, dotada de mapas e GPS,

localizar seus amigos, criando “possibilidades de interação social, promovendo encontros face a face nos espaços urbanos” (LEMOS, 2009a, p. 13).

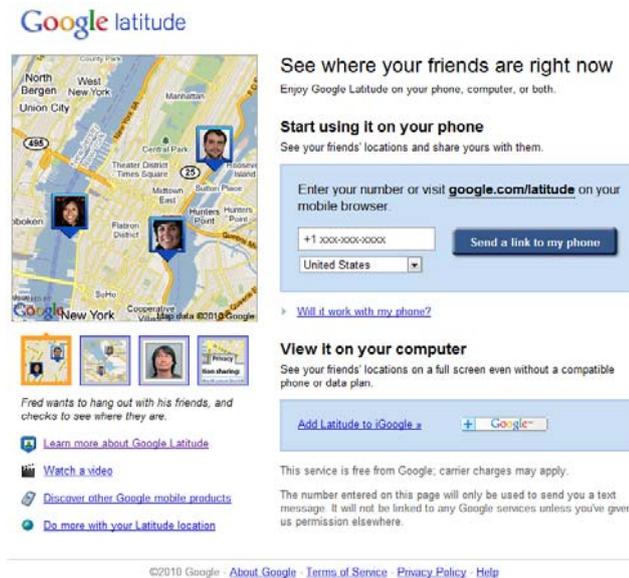


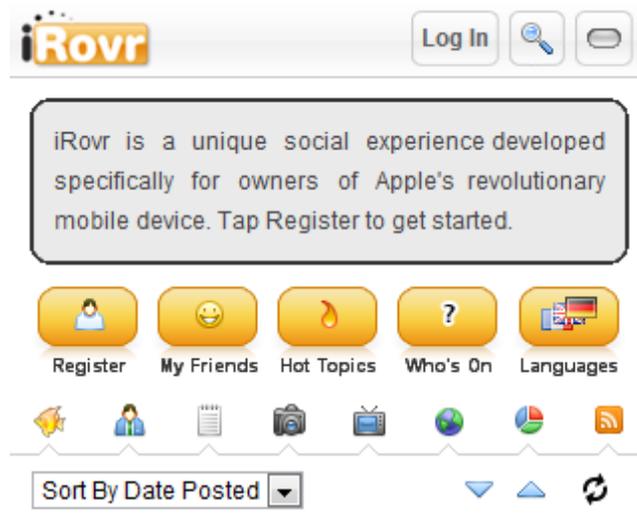
Figura 3: Google Latitude (Disponível em: http://www.google.com/intl/en_us/latitude/intro.html)

Brightkite: Este site permite que os indivíduos cadastrados publiquem sua posição geográfica e aproveitem serviços diretamente relacionados à informação, como amigos ou pontos de interesse (como restaurantes e bares) pela região e atividades feitas por usuários que estão próximos geograficamente em tempo real, através da localização por GPS.



Figura 4: Brightkite (Disponível em: <http://brightkite.com/>)

iRovr: Exclusivo para usuários do iPhone, ele possibilita a criação de perfis onde os internautas podem publicar vídeos, fotos, textos e links que serão associados ao seu perfil. Esta rede gratuita permite que os usuários acompanhem seus amigos e deixem recados nos perfis.



Loading Stream, Please Wait

Figura 5: Irovr (Disponível em: <http://irovr.com/>)

Next2Friends: Além de indicar a posição geográfica de amigos inscritos no serviço, este site permite que usuários publiquem perguntas ou discussões direcionadas apenas aos que estão próximos à sua região. Além de permitir a transmissão de vídeos online por plataforma própria, o serviço também já começou a testar a indicação de usuários com gostos parecidos na rede social quando ambos estão próximo fisicamente, por meio de um alerta em Bluetooth.

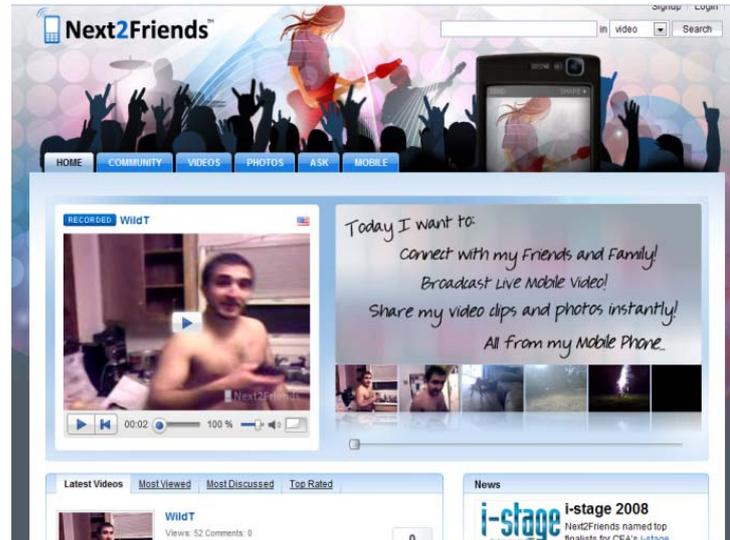


Figura 6: Next2friends (Disponível em: <http://www.next2friends.com/>)

OndeEstou: O site brasileiro nasceu dentro da [junção de Apontador e MapLink](#) com a pretensão de, no futuro, indicar em tempo real os índices de trânsito ao redor do motorista. Neste meio tempo, a rede social permite que usuários, estejam eles em desktop, no Orkut ou no Facebook ou a partir do iPhone ou celulares com Windows Mobile ou Java, atualizem sua localização geográfica. Ele também permite mostrar a localização e qual atividade os usuários estão realizando no momento.

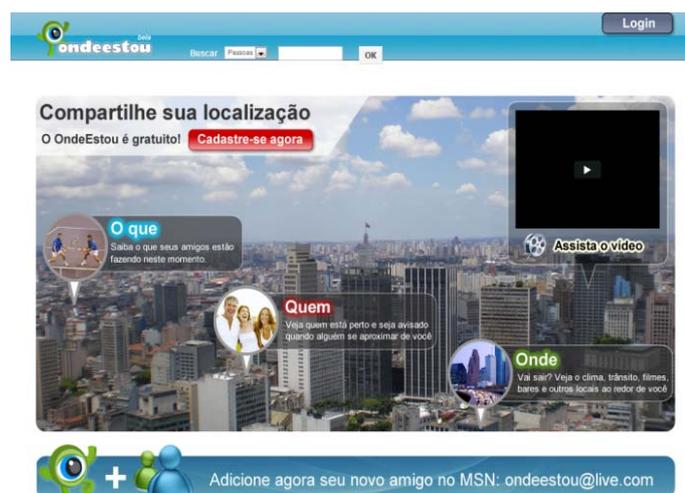


Figura 7: OndeEstou (Disponível em: <http://www.ondeestou.com.br/ondeestou/>)

Foursquare: O Foursquare é um serviço de geolocalização lançado em março de 2009, por Dennis Crowley e Naveen Selvadurai. Seu objetivo é tornar as

idades mais interessantes de serem exploradas. O aplicativo serve como um guia social e um jogo que desafia os utilizadores a experimentar coisas novas, recompensando-os por isso. Através do aplicativo instalado no telefone móvel (iPhone, Android, Blackberry) é possível fazer o check-in do lugar onde se está no momento, mostrando aos amigos a localização do indivíduo. É possível também realizar um check-in privado, o qual não mostrará a localização a ninguém. Os amigos poderão ficar sabendo a localização através do próprio Foursquare, ou também de sites como Twitter e Facebook, caso o indivíduo tenha configurado seu aplicativo para direcionar sua localização para que sejam mostradas nestes sites. O indivíduo também tem acesso aos locais onde estão seus amigos, podendo assim encontrá-los ou mesmo acrescentar algumas informações aos locais onde eles estão.

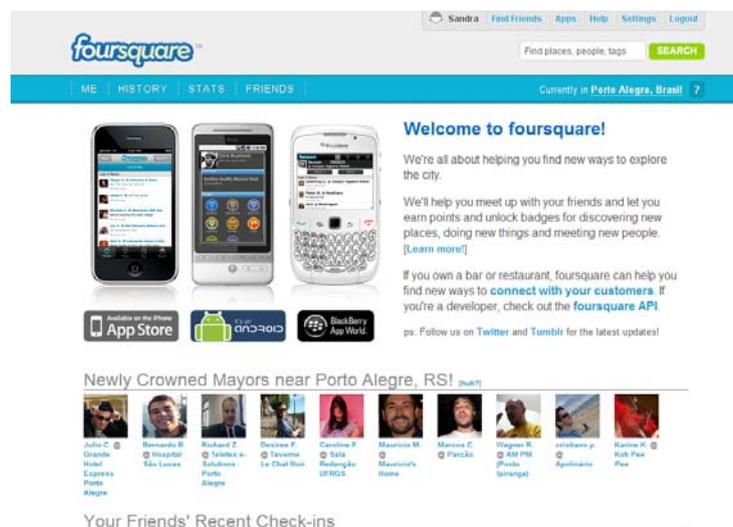


Figura 8: Foursquare (Disponível em: <http://foursquare.com>)

Gowalla: Criado em dezembro de 2009, a rede social é baseada em sistema de geolocalização. Semelhante ao Foursquare, Gowalla permite que o indivíduo acompanhe seus amigos onde eles estejam, através de check-ins realizados em aplicativo no telefone celular. O programa permite que se acompanhem os passos de amigos que estão viajando, possibilitando o conhecimento de novos lugares, e o compartilhamento de fotos e recomendações.

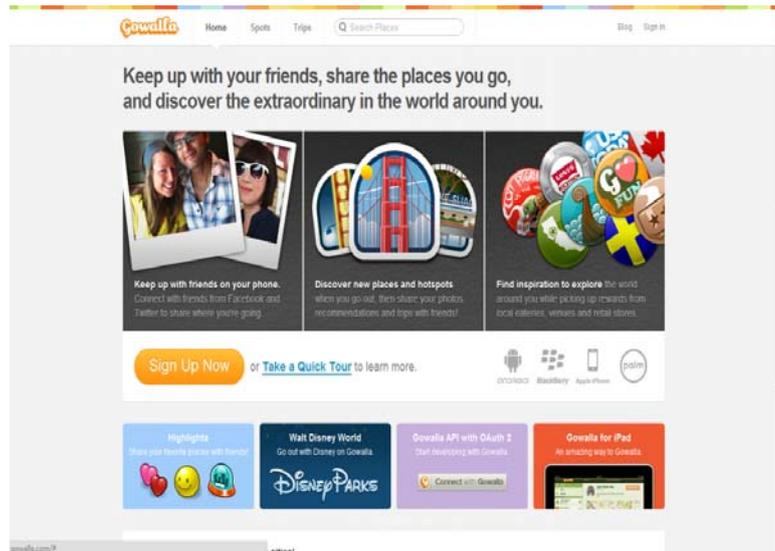


Figura 9: Gowalla (Disponível em: <http://gowalla.com/>)

Estes sites são apenas alguns exemplos de plataformas utilizadas para a potencialização de redes sociais móveis. Isso demonstra a emergência dos estudos acerca das possibilidades de agrupamentos de pessoas através de tecnologias móveis. Os sites de relacionamento Orkut e Facebook, bem como o Twitter, também podem ser acessados através de celulares. Mas, o diferencial que os grupos citados acima têm, é que estes estão baseados na localização das pessoas ao redor, resgatando uma dimensão dos espaços territoriais.

Nesse sentido, pode-se perceber que a busca de uma re-significação dos espaços físicos locais é um dos pontos que vem sendo desenvolvidos pelos sites de redes sociais móveis. A localização das pessoas ao redor através do sistema de GPS nos celulares é um dos fatores determinantes para as novas apropriações dos espaços urbanos.

Desta forma pode-se enfatizar então que as redes sociais móveis possuem três eixos principais para que possam existir como já se viu anteriormente no decorrer dos capítulos deste trabalho:

- 1) **Indivíduos:** Através de suas práticas sociais cotidianas os indivíduos interagem e formam grupos, como algo inerente ao ser humano e à construção da sociedade. São eles os responsáveis pela existência das redes sociais e, com o uso de tecnologias móveis, estas redes passam a

ser potencializadas ganhando mobilidade nos espaços. O cotidiano dos indivíduos é fator fundamental das redes sociais móveis, pois é ele quem estimula a formação destas redes.

- 2) **Tecnologias móveis de comunicação e informação:** Proporcionando a mobilidade dos sujeitos nos espaços, as tecnologias móveis de comunicação e informação, têm papel fundamental no desenvolvimento de redes sociais móveis, pois é através destas plataformas que o indivíduo pode se deslocar de um espaço a outro, interagindo com outros que estão nos mesmos espaços físicos e com outros indivíduos que estão conectados aos espaços virtuais ao mesmo tempo. O acesso à informação, bem como a publicação de informações por parte dos indivíduos se dá em tempo real em qualquer local onde o indivíduo esteja.
- 3) **Espaços Híbridos:** Os espaços utilizados pelos indivíduos com as tecnologias móveis de comunicação e informação são espaços híbridos, espaços que mesclam o urbano, o físico das cidades e os ambientes virtuais. São novas percepções dos espaços que se definem com a potencialidade das redes sociais móveis.

Assim, pode-se definir que redes sociais móveis são interações sociais proporcionadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação ocorridas no contexto dos espaços urbanos das cidades.

O que diferencia as redes sociais móveis dos demais agrupamentos e redes contidos na sociedade é o fato destas tornarem possível que os indivíduos acessem conteúdos na web enquanto estão em movimento. É o contexto móvel no qual a sociedade atual faz parte, que possibilita esta formação diferenciada. Há uma mudança de perspectiva, de ambiente de interação, aliada a uma nova percepção dos espaços.

Desta forma podem-se ressaltar quais as características que possuem as redes sociais móveis e quais os contextos nos quais elas se diferenciam:

- **Dinâmicas sociais:** Sabe-se que as redes sociais são dinâmicas e que os agrupamentos são inerentes à natureza dos indivíduos. Recuero (2009) afirma que

as redes sociais estão em constante transformação, sendo o laço social o fator que determina a consolidação destas redes, e que dependendo do grau de investimento destes indivíduos, este laço tende a se tornar forte ou não.

As redes sociais móveis, por sustentarem esta característica das demais redes sociais, também são mutáveis e estão sempre se transformando. Porém há uma característica que denota uma diferença fundamental nestas redes, o fato dos “nós” da rede serem móveis. As redes sociais móveis mudam sua estrutura de forma muito rápida, se dispersando nos espaços híbridos conforme seu grau de interesse em determinado assunto. Neste caso o laço social se dá pelo sentimento de pertença do indivíduo a determinado assunto ou contexto social, a interação deste passa a não ser apenas entre os indivíduos e o meio que media sua comunicação.

A interação das redes sociais móveis passa a ser entre os indivíduos, o meio e os espaços. Trata-se da liberdade de contato (CASTELLS, 2009) proporcionada pelas tecnologias móveis que conectam práticas sociais em vários locais, convergindo em redes de comunicação que são criadas e recriadas segundo o objetivo dos indivíduos. Estes passam a poder construir seu próprio espaço de interação com os demais. Além das redes sociais estarem em constante transformação, influenciadas pela interação entre indivíduos, com as tecnologias móveis de comunicação e informação elas também passam a ser transformadas pelos locais onde são realizadas estas interações.

- **A geografia da Rede:** Antes do desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação, a interação social entre os indivíduos conectados à Web era realizada em locais estáticos, determinados, que possuíam computadores carregados de fios, proporcionando a conexão global entre os indivíduos. Tratava-se de um período em que os indivíduos interagiam mais com alguém que estava do outro lado do mundo, do que com aqueles que estavam em seu entorno.

A geografia da rede era ampliada globalmente, o que não se difere do uso que os indivíduos fazem quando utilizam a internet para interagir, porém o que se pode ver atualmente é retorno da busca pelo local, pelas interações com os indivíduos próximos. Com as tecnologias móveis os indivíduos passam a ter acesso

e a interagir tanto em contexto global como local, devido a mobilidade permitida pela tecnologia. Esta alteração na geografia da Rede enfatiza um aspecto fundamental para a consolidação das redes sociais móveis. Vive-se atualmente em espaços híbridos, de fluxos comunicacionais, mudando as referências de localização dos indivíduos, definindo os espaços de interação dentro dos fluxos de comunicação. Os nós estão sempre em movimento e não mais estáticos, fazendo com que a rede seja sempre mutante, os dados e os nós se alteram em função dos tipos de informação. A estrutura e o significado do espaço de fluxos não estão relacionados com um local específico, mas com as relações construídas no processamento dos fluxos de comunicação específicos (CASTELLS, 2009). A geografia da Rede muda, pois, agora os indivíduos interagem com outros em locais físicos, sem estar desconectados da internet, podendo interagir tanto com pessoas em espaços físicos como em ambientes virtuais. É o acesso *always on* de distribuição e colaboração de informações, permitindo que lugares possam ser individualizados, mas ligados em rede, de acordo com as redes específicas das práticas dos indivíduos. Os espaços passam a ser apropriados pelas relações sociais que ocorrem dentro deles.

- **O Conteúdo:** Além do acesso a informações em qualquer local através da telefonia celular, os indivíduos possuem a possibilidade de capturar as informações dos fatos em tempo real, no momento em que eles estão acontecendo. O uso das tecnologias móveis de comunicação e informação impulsiona o desenvolvimento de outro modelo de troca de informações, podendo gerar redes sociais móveis.

O conteúdo disponibilizado pelos indivíduos sobre seu bairro, comunidade ou de seu próprio cotidiano talvez não possua tantas pessoas observando este tipo de informação, mas percebe-se que a partir desta possibilidade passam a existir milhares de pessoas produzindo novos conteúdos sobre os mais diversos lugares e contextos. Não é o fato em si que demonstra este outro modelo, mas a ação dos indivíduos em publicar um conteúdo específico, tornando-o disponível na Rede. O uso de telefones celulares para se comunicar indiretamente sobre o lugar em tempo real também acelera a troca de informações de localização social e pode resultar em um impulso coletivo, formando redes sociais móveis.

- **Sistema de geolocalização:** Com o uso destes sistemas, através de conexão sem fio e coordenadas de um GPS, este último usado em telefones celulares, a

atividade dos indivíduos no espaço virtual é articulada com o espaço urbano, via sua localização geográfica, compartilhando os espaços. Estes sistemas podem contribuir para tornar os encontros significativos e influenciarem no curso das interações. Ao informar sua localização, os indivíduos não somente apontam onde estão na cidade, mas também criam um mapa cognitivo do espaço urbano, desenvolvendo espaços itinerantes de socialidade, alterando as experiências destes indivíduos nos espaços. As redes sociais móveis utilizam-se destes sistemas para se conectar, para unir os grupos, para identificar onde está a informação que deseja ter acesso.

- **Narrativas hiperlocais:** As redes sociais móveis possuem a característica de revalorização dos locais, das cidades, das comunidades como forma de trazer a tona aspectos que até então estavam dispersos diante da globalização mundial. As interações sociais dos indivíduos eram realizadas em grande parte de forma desterritorializada, na qual a comunicação se dava mais com pessoas ao redor do mundo e em menor número com outros que estavam ao redor do indivíduo. Com o desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação, principalmente com o tripé - telefone celular, conexão de internet sem fio e sistema de geolocalização via GPS, os locais e as relações sociais entre os indivíduos de uma mesma cidade ou região passaram a ser potencializadas. As redes sociais móveis estão em constante captura dos instantes dos locais, dos fatos e contextos referentes às localidades.

Através das características das redes sociais móveis, é possível compreender que há entre os indivíduos um sentimento e uma motivação compartilhados no coletivismo, no qual o “eu” cede lugar ao “nós”, como afirma Maffesoli (1992) desenvolvendo o que ele chama de ambiência objetal. O que interessa aos indivíduos em uma sociedade pós-moderna é o contexto vivido, o cotidiano dos sujeitos, e, este a todo o momento passa a ser cada vez mais permeado pelas tecnologias móveis de comunicação e informação.

As redes sociais móveis estão amparadas em relações sociais efêmeras, inconstantes, nas quais os laços sociais gerados são potencializados pelas novas tecnologias, tonando-se laços sociais emocionais, ligados pela força de atração que une os sujeitos. Estas novas tribos urbanas constantemente conectadas se interligam pela vontade de estar junto, elegendo o tipo de sociedade a qual deseja

pertencer, seja em reuniões pontuais que rapidamente serão dispersas. As redes sociais móveis alteram o conteúdo do que é produzido, como se viu, valorizando o senso comum, as vontades e percepções dos indivíduos a respeito daquilo que está acontecendo à sua volta. As experiências e vivências individuais são o combustível para o desenvolvimento destas redes, pois é através destes aspectos do mundo da vida do sujeito que suas ações são projetadas.

Com as redes sociais móveis surge uma nova perspectiva nas relações espaço-tempo, unindo os sujeitos ao que está próximo, ao que é da ordem do afetual, ou seja, àquilo que os une em um lugar que é compartilhado com outros indivíduos. Pode-se salientar que a rede das redes (MAFFESOLI, 2000) está diretamente relacionada às redes móveis, pois estas só têm validade pelos elementos que a compõem, pelos indivíduos que fomentam e constituem esta rede.

Outro aspecto fundamental é compreender que com as redes sociais na internet não havia um afastamento dos indivíduos, como afirma Recuero (2009), sendo estas grandes incentivadoras das interações entre os sujeitos e os outros indivíduos que estavam próximos a ele, embora houvesse uma ligação entre eles via site de rede social que conectasse principalmente vizinhos e amigos próximos, era necessário que se estivesse em um ambiente que possuísse um computador conectado a internet. Com as redes sociais móveis os indivíduos potencializam estas interações, unindo a este fato uma aproximação também dos espaços das cidades. Este aspecto trata da união de diversos fatores que são possibilitados pelas tecnologias de comunicação e informação. Através das redes móveis, os laços sociais gerados na interação entre os indivíduos são mesclados em estruturas fortes e fracas de conexão, não sendo mais tão determinados pelo distanciamento geográfico, devido ao fato de ser possível encontrar um indivíduo no qual se possui um laço fraco, através dos sistemas de geolocalização, podendo este, a partir de um encontro e trocas de informações, se tornar um laço forte para o sujeito.

A mobilidade proporcionada pelas tecnologias móveis de comunicação e informação possibilita um nomadismo, tanto referente aos espaços, como referente às relações sociais dos indivíduos, impulsionando estes a soltarem as amarras que os prendiam em determinadas relações de sociabilidade e comunicação, possibilitando a estes sujeitos darem novos sentidos aos espaços e às suas

relações com outros indivíduos. Há nas redes sociais móveis uma reorganização dos espaços habitados, pois com as tecnologias móveis, as cidades e os indivíduos passam a estar amplamente conectados aos locais e as pessoas. É na cibercidade que as redes sociais móveis acontecem. Mitchell (2002) salienta que os indivíduos na sociedade atual, habitam ambientes eletronicamente mediados, os espaços “entre lugares” passam a ser apropriados com a mobilidade proporcionada pelas tecnologias. Esta, para Lemos (2009) é uma nova fase da cibercultura, na qual os “nós” não são mais estáticos, mas estão sempre em mutação. Estes coletivos inteligentes (LÉVY, 1996) agora são móveis, e não resultam apenas de uma mobilização das competências, mas das vivências de cada indivíduo, que, durante a interação afetam uns aos outros, e, desta interação mútua, potencializada pelas tecnologias móveis de comunicação e informação, é que se fortalecem as redes sociais móveis.

Com a utilização do ciberespaço em movimento - em mobilidade - há uma difusão de fluxos de informação, que dão ênfase a ideia de rede, de organismo. Assim surgem as redes sociais móveis, como uma forma de reapropriação dos espaços urbanos, desterritorializados pelo ciberespaço. Com a hibridização destes espaços há uma nova organização em prol das atividades cotidianas dos indivíduos, auxiliando na formação de agentes móveis, de redes flexíveis de pessoas em busca de algo de pertencimento comum. Estes indivíduos, em rede, passam a dar novos sentidos aos espaços, gerando assim o que Mitchell (2002) denomina de espaços inteligentes.

Compreende-se que as redes sociais móveis passam a ser enfatizadas, pois se vive atualmente no que Green (2002) chama de “tempo móvel”, o qual modifica o que se entende até hoje a respeito de relações de proximidade, distância, presença e mobilidade. Os indivíduos vivem em espaços que são uma continuação de sua vida privada, há uma mescla entre aquilo que é público e privado, quando se utiliza as tecnologias móveis de comunicação e informação no cotidiano. É possível que o sujeito esteja em um local público, realizando atividades de cunho privado, pessoal, através de *laptops*, telefones celulares, por exemplo. Esta ação enfatiza de forma clara o que é esta hibridização dos espaços e como ela altera as percepções dos espaços de vivência e convivência dos indivíduos. Assim, compreende-se que as

redes sociais móveis estão inseridas em uma nova lógica cultural, a cultura da convergência que proporciona diversas possibilidades de comunicação em um processo global, e ao mesmo tempo local, ubíquo e nômade, habitando o mundo individual do sujeito e da sociedade como um todo.

Podem-se, citar como exemplos recentes de redes sociais móveis, a utilização de telefones celulares durante a catástrofe que assolou a região serrana do estado do Rio de Janeiro. Muitas das informações³² sobre o que estava acontecendo na região foram coletadas em forma de vídeo, capturados em telefones celulares, por indivíduos que se encontravam nestes locais. Este é mais um fato ocorrido que demonstra a potencialidade que o uso das tecnologias móveis possui na função de unir as pessoas em prol de um fato comum, do inesperado ocorrido. Neste exemplo mostra-se que esta rede social móvel foi gerada pela necessidade que os indivíduos estão tendo de informar sobre o que está acontecendo ao seu redor, de certa forma como um pedido de ajuda. Trata-se da documentação de uma catástrofe de proporções imensas, que deixou mais de 600 mortos³³.

³² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LKCAVHr6Hlw>

³³ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/chuvas-no-rj/noticia/2011/01/com-mais-de-600-mortos-buscas-na-regiao-serrana-entram-no-6-dia.html>

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Nesta etapa serão expostas as bases da construção metodológica às quais irão fundamentar a construção deste trabalho. Através da compreensão do aporte metodológico - a netnografia - busca-se entender juntamente com as técnicas de pesquisa propostas, como se desenvolveram as relações sociais durante a realização do Projeto Locast Civic Media, objeto de estudo deste trabalho. O Projeto se insere neste contexto como uma plataforma móvel e online que pode gerar redes sociais nos espaços urbanos através de dispositivos móveis. A proposta destas estratégias metodológicas está direcionada à compreensão do cotidiano das ações realizadas pelos participantes durante a realização do projeto. Para tal utiliza-se a netnografia ou etnografia virtual como um método utilizado durante os processos de seleção de amostra e de obtenção de dados referentes ao grupo trabalhado.

3.1 O APORTE METODOLÓGICO: A NETNOGRAFIA

A netnografia será utilizada como aporte metodológico para auxiliar na compreensão dos aspectos relacionados à percepção dos indivíduos participantes do Projeto que é o objeto de estudo desta dissertação. A intenção é entender também, suas motivações em relação às situações vividas durante o desenvolvimento do Projeto Locast Civic Media.

Os estudos etnográficos surgiram no final do século XVIII quando começou a se constituir um saber científico que torna o homem o objeto do conhecimento, e não somente a natureza. Nesta época deram início os estudos que aplicam ao próprio homem os métodos até então utilizados em áreas como física e biologia (LAPLANTINE, 2000, p. 13). Esta ciência do homem ganhou o nome de Antropologia. Só pode ser considerada como antropológica uma abordagem integrativa que objetive levar em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade. (LAPLANTINE, 2000, p. 16). Desta forma, para Laplantine

(2000) a antropologia não é senão um certo olhar, um certo enfoque que consiste no:

- a) Estudo do homem inteiro;
- b) Estudo do homem em todas as sociedades, sob todas as latitudes em todos os seus estados e em todas as suas épocas.

Os estudos etnográficos se baseiam na participação e observação em áreas culturais particulares bem como no reconhecimento do emprego e da reflexividade do pesquisador. A etnografia propriamente dita só começa quando o pesquisador percebe que deve ele mesmo efetuar no campo de sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa (LAPLANTINE, 2000, p. 75). Um estudo completo etnográfico deve ter a duração de três ou quatro anos, o que não nos é possível neste trabalho.

Para estudos das relações sociais no ciberespaço, percebe-se que o uso da etnografia não seria contemplado como deve ser necessário, pois “a etnografia extensiva consiste na observação aprofundada de uma tribo, observação tão completa, tão desenvolvida quanto possível, sem nada omitir.” (MAUSS, 1993, p. 27). Optou-se então por uma adaptação dos estudos etnográficos, desenvolvida justamente para os estudos das relações sociais ocorridas no espaço virtual: a netnografia. Como método, “netnografia” é mais rápido, mais simples e menos dispendiosa do que a etnografia tradicional. Ele fornece informações sobre o simbolismo, significados e padrões de consumo dos grupos de consumidores *online* (KOZINETS, 2002).

Para Kozinets (2002) a netnografia, ou etnografia na internet é uma nova pesquisa qualitativa, cuja metodologia se adapta às técnicas etnográficas de investigação nos estudos das culturas emergentes e das comunidades desenvolvidas através de comunicação mediada pelo computador. A netnografia utiliza as informações publicamente disponíveis, levando em conta as ações dos atores, o consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de

comunidades virtuais (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 2). De acordo com as autoras:

Uma etnografia virtual pode observar com detalhe as formas de experimentação do uso de uma tecnologia, se fortalecendo como método justamente por sua falta de receita, sendo um artefato e não um método protocolar, é uma metodologia inseparável do contexto onde se desenvolve, sendo considerada adaptativa. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 4)

Segundo Kozinets (2002), existem duas formas nas quais os pesquisadores devem observar ao aplicar a netnografia. A primeira refere-se às questões específicas para determinados grupos. Já a segunda forma ressalta que o pesquisador deve aprender o possível sobre as comunidades que deseja estudar. Para o autor, algumas etapas precisam ser realizadas nos estudos netnográficos:

- a) **Entreé cultural:** processo no qual o pesquisador prepara o trabalho de campo, selecionando quais questões deseja abordar, e quais os grupos que vão ao encontro de sua proposta de pesquisa;
- b) **Coleta e análise:** o pesquisador coleta os dados encontrados em suas comunidades *online* de interesse, podendo usar filtros para selecionar somente os dados que serão pertinentes ao estudo. A segunda etapa da coleta parte da seleção que o pesquisador faz a partir da observação da interação, simbologia e também de sua participação como estudioso destes grupos. Finalmente, o pesquisador deve observar os dados levantados em entrevistas realizadas com os participantes dos grupos virtuais.
- c) **Ética na pesquisa:** refere-se à crítica que o pesquisador deve observar na hora de verificar as informações contidas nestes grupos, devendo observar se estas são públicas ou privadas. O pesquisador deve se identificar e mostrar os objetivos da pesquisa, tendo de solicitar, em muitos casos, permissão aos participantes para que os dados possam ser divulgados.
- d) **Checagem de informações com os membros do grupo:** é importante o pesquisador verificar as informações com os participantes dos grupos, como uma forma de legitimar e dar credibilidade à pesquisa.

Montardo e Passerino (2006) salientam, no entanto, que há uma limitação nos estudos de netnografia frente à etnografia tradicional: a identidade e veracidade dos participantes. Em seu estudo sobre blogs, as autoras constataam:

A identidade dos *blogueiros*, bem como da veracidade das informações postadas é questionável. Por isso, torna-se pertinente triangular a técnica de observação netnográfica com outras técnicas de pesquisa como entrevistas, análise de outros documentos disponíveis no ciberespaço, como *sites*, etc. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p. 9)

Assim, a netnografia é uma adaptação dos métodos qualitativos utilizados em pesquisa de consumo, da antropologia cultural, e dos estudos culturais, com o objetivo de permitir estudos contextualmente situados, do comportamento dos participantes de redes sociais e da cibercultura. Este método exige uma combinação envolvente de participação cultural e de observação. Desta forma, a netnografia, como a etnografia na antropologia cultural e nos estudos culturais, enfatiza fortemente a plena participação na cultura estudada, como um membro reconhecido culturalmente. Esta participação constitui um elemento importante do trabalho de campo (KOZINETTS, 1998, p. 2).

A netnografia será utilizada como aporte metodológico no trabalho, para fins de compreender como os indivíduos que participaram do Projeto Locast Civic Media se apropriaram dos espaços urbanos e virtuais através das tecnologias móveis de comunicação e informação. Para este fim, serão utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa:

3.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

Nesta etapa se buscará operar uma série de passos que auxiliarão na construção de dados para que se possa observar a relação entre as tecnologias móveis de comunicação e informação e as redes sociais. Primeiramente, se fará uma abordagem acerca dos fundamentos de cada técnica que serão utilizadas e posteriormente se desenvolverá aspectos objetivos de como cada instância deverá ser aplicada ao objeto estudado.

3.2.1 Observação participante

Neste processo o pesquisador se insere no grupo pesquisado para observar o desenrolar dos fatos. “Não há uma regra, nem um código rígido de comportamento. Depende da sensibilidade do pesquisador” (TRAVANCAS, 2006, p. 103).

A inserção no cotidiano de determinado grupo auxilia na percepção dos eventos que estão acontecendo como os indivíduos. De acordo com Peruzzo (2006, p. 134):

- a) O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação. Porém o investigador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é o de observador. Exceto em situação extrema, em que, por opção metodológica, decide fazer-se passar por membro do grupo, acreditando ser a melhor forma de poder captar as reais condições e os sentimentos de investigação;
- b) O pesquisador é autônomo. O “grupo”, ou qualquer elemento do ambiente, não interfere na pesquisa, no que se refere à formulação dos objetivos e às demais fases do projeto, nem no tipo de informações registradas e nas interpretações dadas ao que foi observado;
- c) O observador pode ser “encoberto” ou “revelado”, ou seja, o grupo pode ter ou não conhecimento de que está sendo investigado.

A observação participante neste estudo é direcionada ao Projeto Locast Civic Media, grupo que será estudado para se tentar compreender como os indivíduos interagem territorialmente entre si utilizando as tecnologias móveis de comunicação e informação. A pesquisadora participou do Projeto como integrante, observando como se deu seu desenvolvimento.

3.2.2 Procedimentos qualitativos e procedimentos quantitativos

Estes procedimentos estão relacionados à coleta de dados para a compreensão do objeto estudado.

A pesquisa quantitativa lida com números e modelos estatísticos para explicar os dados (GASKELL e BAUER, 2002). É dita como uma das técnicas mais precisas na coleta, pois apresenta pontualmente os resultados que se almeja.

Já a pesquisa qualitativa é direcionada à distinção interpretativa das categorias sociais. A curiosidade sobre a natureza tribal do acontecimento, do campo de ação e dos espectadores que estão sendo observados, remete a uma reflexão sobre como se desenvolvem as relações sociais entre os sujeitos quando inseridos em situações partilhadas. Trata-se de uma pesquisa social.

Podemos estudar o campo de ação, e perguntar que acontecimentos estão no campo (o objeto de estudo); podemos experimentar subjetivamente tal acontecimento - o que está acontecendo, como nos sentimos, e quais os motivos para tal acontecimento. (...) finalmente nos concentramos na relação sujeito/objeto que brota da comparação da perspectiva do autor e da perspectiva do observador, dentro de um contexto mais amplo e pergunta como os acontecimentos se relacionam às pessoas que os experienciam (GASKELL e BAUER, 2002, p. 18).

A pesquisa social apóia-se em dados sobre o mundo, construídos nos processos de comunicação. Para os autores, no entanto, não há análise estatística sem interpretação.

(...) é incorreto assumir que a pesquisa qualitativa possui o monopólio da interpretação, com o pressuposto paralelo de que a pesquisa quantitativa chega a suas conclusões quase que automaticamente. Nós nunca realizamos nenhuma pesquisa numérica sem interpretação (GASKELL e BAUER, 2002, p. 24).

Nesse sentido observa-se que uma está ligada a outra quando se fala do estudo das relações sociais. Ambas são importantes para a observação do objeto de estudo deste trabalho.

3.2.3 Questionário

Para a aplicação de pesquisa quantitativa e qualitativa, escolheu-se como instrumento a aplicação de questionário. Nesta proposta salienta-se que as perguntas estipuladas devem partir de questões genéricas para o foco específico. Para alcançar o resultado almejado, o instrumento deverá conter perguntas abertas e fechadas. “As duas formas possuem vantagens e desvantagens que devem ser analisadas na etapa de redação das perguntas. A opção por uma ou outra está relacionada ao direcionamento dos objetivos de pesquisa.” (NOVELLI, 2006, p. 172)

As perguntas fechadas estão relacionadas à pesquisa quantitativa, e proporcionarão coletar dados, haja vista que as perguntas já possuem opções nas quais o entrevistado deve apenas selecionar a que deseja. Com as perguntas abertas é possível conhecer de forma mais profunda a opinião dos entrevistados. Elas estão relacionadas à pesquisa qualitativa, gerando uma grande quantidade de respostas que devem ser agrupadas por categorias durante o processo de análise. O questionário servirá como instrumento para a compreensão, de como os participantes do Projeto observaram seu desenvolvimento durante sua realização.

3.3 OBJETO DE ESTUDO: LOCAST CIVIC MEDIA

O Locast Civic Media³⁴ é uma plataforma móvel e online desenvolvida pela parceria entre MIT Mobile Experience Lab (Laboratório de Experiências Móveis do MIT) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O projeto permite que cidadãos atuem de forma ativa no processo de coletar, reportar e disseminar notícias e informações relacionadas com as suas rotinas urbanas.

Notícias e avisos serão criados, coletados e divididos em tempo real através do site Locast e de um aplicativo especialmente desenvolvido para uso em telefones celulares. Em sintonia com a participação democrática permitida pelo projeto, a população é convidada a

³⁴ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic>

dialogar com os produtores do Locast pelo site e também contribuindo com outros conteúdos captados e enviados pelos seus telefones, câmeras, webcams e gravadores. (LOCAST, *online*)

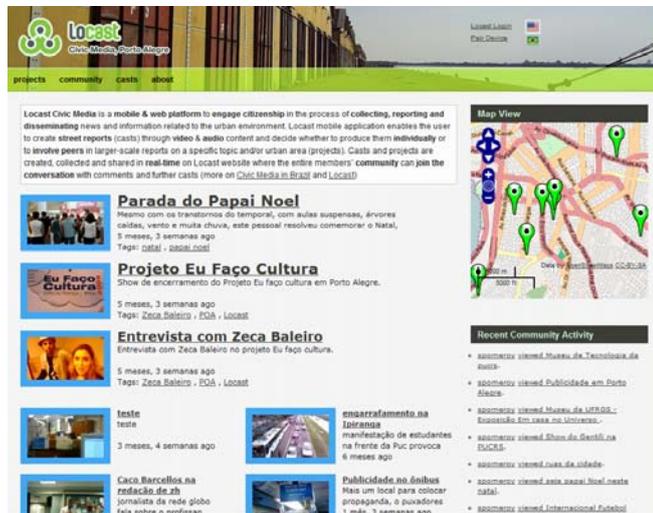


Figura 10: Página online Locast Civic Media

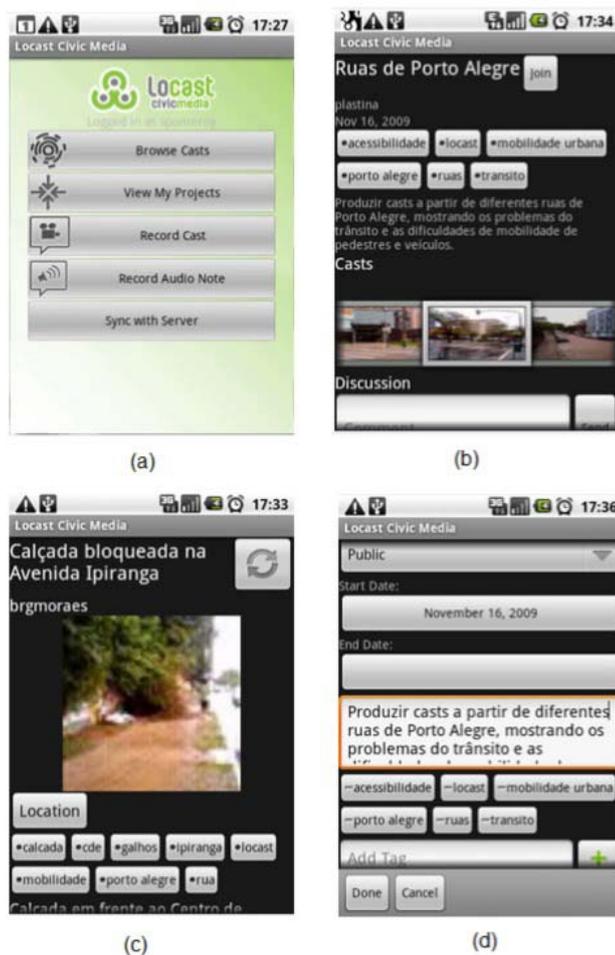


Figura 11: Plataforma móvel Locast Civic Media

Durante o período inicial de aplicação - 16 de novembro a 1º de dezembro de 2009, o projeto contou com o apoio de estudantes de graduação e pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da PUCRS e do grupo de mídia RBS TV que participaram na busca de fatos cotidianos. O Locast Civic Media tem como intenções explorar a mídia cidadã aplicada ao contexto do local como ferramenta para aumentar a divulgação de eventos entre os habitantes e estimular as dinâmicas sociais realizadas nos bairros, permitindo ao público participar de maneira ativa e estimulando a comunidade a utilizar o Locast como espaço de compartilhamento de informações e, além disso, auxiliar no reforço das relações entre as pessoas, as instituições e os cidadãos.

O principal objetivo do projeto é compreender como as redes sociais móveis impactam na cidade e na representação do espaço urbano na mídia, como também, observar de que forma esta ferramenta ajuda as pessoas a se manterem informadas, engajadas socialmente e com participação ativa nos processos de criação das mídias, sobretudo nas relacionadas com as suas comunidades (LOCAST, *online*).

O Locast é uma união de processos de geolocalização, plataforma digital e tecnologias móveis de comunicação e informação, desenvolvido para criar interações hiperlocais altamente conectadas, que, através dos indivíduos que fomentam a plataforma com geração de conteúdo, desenvolve experiências coletivas relacionadas a uma informação associada a um espaço físico urbano. Cada interação, dentro do sistema, pode ser vista pelas pessoas envolvidas no espaço físico, e os participantes *online*. A interligação entre os conteúdos, espaços e pessoas é simultânea e ubíqua.

O Locast pode ser utilizado através de telefones celulares com sistema Android, os *handsets*, onde o indivíduo pode instalar o aplicativo em seu dispositivo móvel. Com este aplicativo os indivíduos poderão gerar *geotags* sobre fatos e publicá-las em tempo real; Podem ser utilizados *laptops* com *webcams*; Também podem ser utilizados quaisquer dispositivos móveis que possuam câmera integrada, *Bluetooth*, internet sem fio, assim como câmeras fotográficas e gravadores de voz. Neste sentido, pode-se observar que, com vários dispositivos móveis é possível fazer parte do processo de construção de informações sobre os territórios urbanos.



Figura 12: Funcionamento projeto Locast

A proposta de estudar o Locast Civic Media, parte da compreensão de que este projeto pode ser observado como uma rede social móvel, unindo os espaços, os indivíduos e as tecnologias móveis de comunicação e informação.

4 COMPREENDENDO O OBJETO: OS RESULTADOS

Com a mobilidade e a ubiquidade possibilitada pelos dispositivos móveis, como o telefone celular, é possível compreender as potencialidades sociais que os indivíduos possuem no atual contexto móvel. Através dos telefones com câmeras fotográficas, um evento, uma coleta de informações sobre atividades ligadas ao contexto local e às questões da vida cotidiana pode ser divulgado a partir de várias perspectivas. Trata-se de uma mídia que proporciona aos indivíduos a circulação de conhecimento, troca de opiniões e interação social a partir do contexto dos espaços urbanos aliados às tecnologias móveis de comunicação e informação.

Este novo contexto proporciona uma maior interação entre os indivíduos e possibilita formas de circulação da informação em espaços físicos e compartilhados em ambientes online. Como se pode observar, os serviços móveis de geolocalização auxiliam a construir progressivamente plataformas geo-sociais de redes em tempo real e de compartilhamento entre os indivíduos, estes são fatores que potencializam e democratizam a participação social.

O objeto de estudo deste trabalho, o Projeto Locast Civic Media envolve a participação dos cidadãos no que acontece ao seu redor nas cidades. É uma forma de mídia cidadã que tem como função fortalecer os laços sociais dentro de uma comunidade ou bairro, criando um engajamento cívico entre os indivíduos. O Projeto refere-se à produção e compartilhamento de mídias promovendo conexões sociais, desenvolvimento de redes sociais entre os indivíduos, buscando, através de ferramentas (tecnologias móveis de comunicação e informação e plataforma *online*), observar as dinâmicas sociais locais, e como estas dinâmicas podem potencializar redes sociais móveis que geram impactos na cidade. O Projeto Locast Civic Media teve seu início em 2009, e proporcionou aos participantes uma forma autônoma de criar relatórios, compartilhar informações através de telefonia móvel e comunicação via internet sem fio, potencializando o espaço urbano com múltiplas camadas de informação hiperlocal em tempo real.

As informações produzidas pelos participantes do Projeto, capturadas com os telefones celulares, foram disponibilizadas na web através da plataforma *online*³⁵. Até maio de 2010 foram realizados 470 vídeos (*casts*). Eles consistem em conteúdos multimídias (vídeos e/ou áudios) que contém geo-coordenadas, descrição de *tags* geo-semânticas que podem ser geradas pelos participantes ou recomendadas pela plataforma.

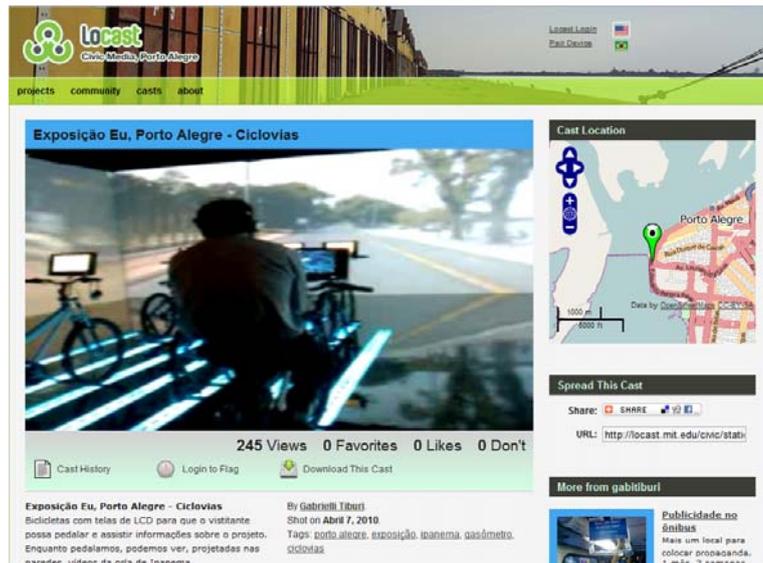


Figura 13: Reportagem realizada durante o projeto Locast

Os 68 participantes do projeto distribuíram-se em diversos locais da cidade de Porto Alegre, buscando informações sobre fatos noticiosos, bem como procuraram retratar o cotidiano das diferentes comunidades que habitam a cidade. Através do gráfico abaixo, busca-se mostrar como foram distribuídos os conteúdos dos *casts* produzidos pelos participantes. Esta pesquisa quantitativa inicial serve de referência para a compreensão de como foram priorizadas as informações a serem reportadas.

Cabe salientar que grande parte³⁶ dos fatos produzidos nos *casts* não foram pautados anteriormente, sendo realizados de forma espontânea pelos participantes. Em workshop realizado no primeiro dia do Projeto Locast Civic Media, profissionais do MIT e da PUCRS, orientaram os participantes sobre as possibilidades de uso da

³⁵ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/>

³⁶ Apenas eventos culturais e shows musicais tiveram agendamento prévio por parte da equipe do Projeto Locast Civic Media

plataforma *online* e da plataforma móvel (telefones celulares), deixando livre a produção de conteúdo. Esta forma de orientação incentivou a espontaneidade na produção dos *casts*, nos quais, cada participante ou grupo de participantes elencou quais as informações que deveriam noticiar com a plataforma.

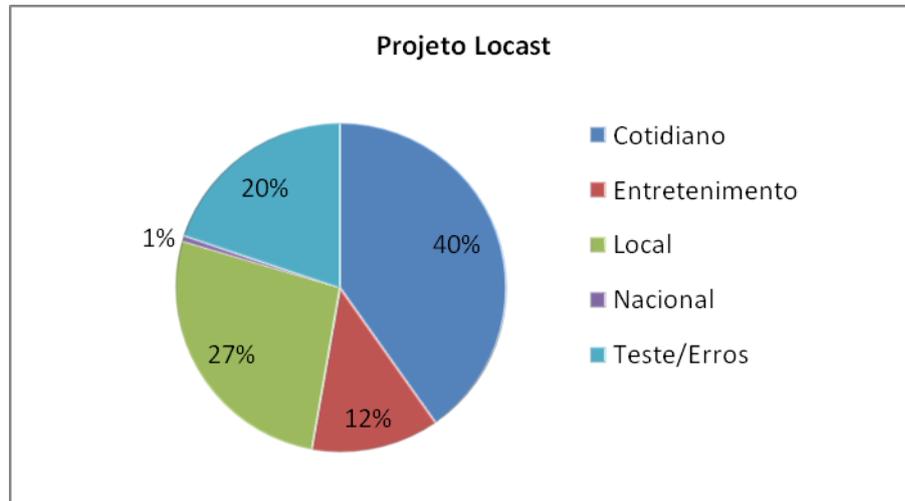


Gráfico 1: Enfoque das reportagens realizadas no projeto Locast

Através de uma observação sobre os conteúdos produzidos pelos participantes do Projeto, chegou-se a quatro categorias que serão norteadoras dos estudos acerca da utilização da plataforma.

Delimitaram-se como *Cotidianas*, as percepções dos participantes em informações referentes a problemas, pontos de vista relacionados a questões vividas diariamente pelas comunidades porto-alegrenses. Como exemplo, pode-se destacar um dos *casts* produzidos, intitulado “Morador do Bairro Nonoai apresenta os problemas da Otacílio Gonçalves da Silva Filho”³⁷, no qual um dos moradores reclama dos problemas de acessibilidade e de tráfego de veículos de uma das ruas mais movimentadas do bairro.

³⁷Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/content/576>



Figura14: Cast – Categoria cotidiano

Como *Locais*, delimitaram-se as pautas abrangentes, que seriam mais prováveis de serem noticiadas pelos meios de comunicação de massa. Trata-se de informações que possuem foco de interesse a uma boa parte dos moradores da cidade de Porto Alegre. O cast “Brigada Militar retira pessoas que invadiram plataforma interdita”³⁸, refere-se a retirada de cidadãos de uma plataforma no Gasômetro, por parte da Brigada Militar, devido a um acidente ocorrido com um indivíduo no local. Este fato é observado como sendo de interesse de grande parte dos moradores de Porto Alegre, devido ao local ser um ponto turístico da cidade.



Figura 15: Cast – Categoria Local

³⁸ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/content/882>

Nacional é o enfoque percebido em informações não apenas de interesse local, mas também de abrangência nacional. Casts produzidos sobre o Fórum social mundial³⁹ estão enquadrados nesta categoria.



Figura 16: Cast – Categoria Nacional

O Entretenimento⁴⁰, outra categoria observada está relacionada aos eventos culturais e shows musicais noticiados na plataforma do Projeto.

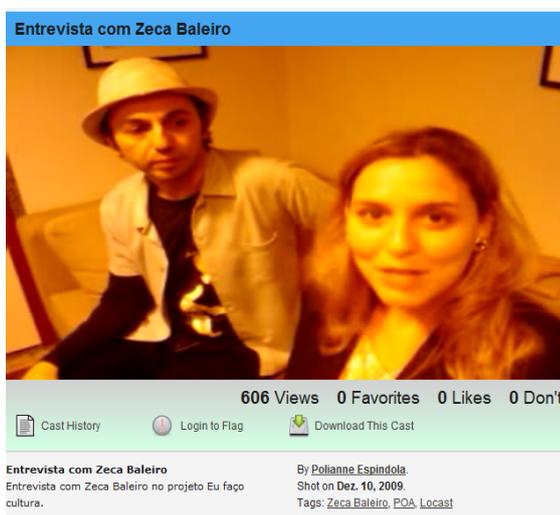


Figura 17: Cast – Categoria Entretenimento

³⁹ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/content/949>

⁴⁰ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/content/888>

Buscou-se também observar os *casts* que fizeram parte dos testes e que apresentaram alguns erros de veiculação na plataforma como forma de realizar uma observação detalhada do contexto do Projeto.

Desta forma, pode-se observar que a ênfase às questões cotidianas foi superior os fatos que envolvem o contexto local de forma geral. Diante deste estudo, ainda que em caráter inicial, observou-se que os fatos percebidos pelos participantes têm relação direta com o sentimento de pertença destes aos assuntos relacionados às comunidades que compõem a cidade de Porto Alegre. As interações hiperlocais, realizadas com o Projeto Locast, retrataram o dia-a-dia dos indivíduos, se sobressaindo mais do que assuntos relacionados a grandes fatos. O cotidiano dos locais foi “capturado” com um telefone celular pelos participantes de forma a mostrar situações que as pessoas vivem diariamente, mas que estão, na maioria das vezes, fora da pauta das mídias convencionais.

Dentre estas subdivisões elencadas, se pode compreender algumas peculiaridades que não se atrelam a apenas uma categoria acima indicada. Elas perpassam entre todas (Local, Nacional, Cotidiano e Entretenimento), pois representam como os participantes do projeto observaram a cidade e seus habitantes durante o período do projeto:

- a) *Reportagens de tempo crítico*: São *casts* produzidos no momento em que o fato a ser noticiado estava acontecendo, no qual o participante estava no momento do acontecimento;
- b) *Narrativas hiperlocais*: Estas narrativas representam a exaltação dos locais da cidade, do cotidiano dos indivíduos nos locais de Porto Alegre;
- c) *Etnografias do cidadão*: Os *casts* estão relacionados à observação da cultura dos cidadãos porto-alegrenses, dos grupos diversos que compõem a cidade, de sua memória;
- d) *Exploração do tecido social*: As manifestações artísticas e culturais se fizeram presentes em *casts* que tinham como foco mostrar o que acontece culturalmente na cidade;

- e) *Engajamento social*: Demonstra que o envolvimento dos cidadãos nos problemas locais, através de manifestações e protestos. Mostra o indivíduo monitorando os acontecimentos da cidade.

Com isto, observa-se que o projeto possui uma potencialidade de novas apropriações dos espaços urbanos, de novos significados dos espaços físicos proporcionados pelas tecnologias móveis de comunicação e informação, juntamente com a geolocalização na construção de práticas de produção para contextos locais em tempo real.

4.1 OBSERVAÇÃO: LOCAST CIVIC MEDIA

Durante a realização do Projeto, no ano de 2009, foram realizados 470 vídeos (casts) que tiveram os mais diferentes enfoques, partindo da percepção de seus produtores. Como já foram expostas neste trabalho, algumas categorias foram elencadas para que a compreensão do material produzido pelos participantes pudesse ser quantificada, como forma de tentar entender quais os tipos de enfoques foram dados, quais direções acabaram sendo delineadas pelos participantes. Neste momento do trabalho, partir-se-á para uma observação mais detalhada, qualificada do objeto de estudo. Esta construção será feita a partir da observação participante da autora deste trabalho, e principalmente a partir da percepção dos participantes do Locast Civic Media, observada através das reuniões realizadas pelo grupo durante a realização do Projeto e de questionários distribuídos aos participantes.

Nas reuniões realizadas, pode-se perceber que as discussões dos participantes giravam entorno da potencialização do Locast Civic Media e das tecnologias móveis como descentralizadoras de informações. Aspectos relacionados a reportagens realizadas sobre eventos pequenos e fatos cotidianos que não eram cobertos pela grande mídia foram fatores bastante debatidos, devido ao fato da emergência atual que a sociedade possui de ser informada sobre notícias envolvendo os locais das cidades, das comunidades, das informações que fazem parte do seu entorno, daquilo que está acontecendo em seu bairro, em sua localidade.

A dificuldade que os meios de comunicação possuem em noticiar fatos, que muitas vezes são considerados pelos jornalistas como não sendo relevantes para a sociedade como um todo, foi um aspecto salientado, pois o Projeto Locast Civic Media tem como proposta fomentar a participação dos cidadãos nas informações sobre seu cotidiano, mostrar aquilo que o indivíduo está vendo, no momento em que está acontecendo. Como já foi observado, na maioria das vezes, e pela demanda de informações que necessitam serem noticiadas diariamente, os profissionais de jornalismo não consideram fatos do cotidiano como relevantes para serem noticiados pela grande mídia, no entanto, um indivíduo pode perceber a sua importância, e com o uso das tecnologias móveis (câmeras fotográficas, telefones celulares, internet sem fio) pode participar do processo de construção de informação sobre os fatos que acontecem em sua comunidade.

Segundo os participantes, o uso de tecnologias móveis possibilita que, tanto profissionais de comunicação, como indivíduos em seu cotidiano podem utilizar a plataforma de forma espontânea. Para o participante A⁴¹ “Não há profissionais em todos os lugares, em todos os cantos da cidade, por isso o tipo de utilização desta plataforma pelos indivíduos é importante.” Diante deste mesmo aspecto, foi observado que em momentos de crise, de alguma catástrofe é que se percebe a dimensão da importância do uso dos telefones celulares pela população. Este enfoque já foi trabalhado nesta dissertação - item 2.3.3: Manifestações sociais e tecnologias móveis de comunicação e informação -, no qual foram demonstrados alguns casos em que o uso das tecnologias móveis foi fundamental para comunicação entre os indivíduos, principalmente em situações adversas.

Nos encontros entre o grupo se observou as funcionalidades e potencialidades das tecnologias móveis de comunicação e informação e sua importância na interação entre os indivíduos, mas durante os debates, buscou-se compreender qual seria então o diferencial do Locast Civic Media. Os participantes apontaram algumas particularidades:

- É possível buscar pelos temas que se deseja. O Locast possibilita que os indivíduos acessem a plataforma e busquem apenas as notícias que lhe são interessantes;

⁴¹ Conforme acordado com os participantes do projeto optou-se por não identificá-los neste trabalho

- É possível buscar pela localização das cidades. Com o sistema de geolocalização nos telefones celulares, que mostra um mapa onde estão localizadas as informações por região, os indivíduos passam a poder procurar informações diretamente de seus bairros, sua comunidade;
- Há um imediatismo da informação. Como a plataforma *online* é fomentada pelas informações “capturadas” via telefone celular com internet móvel, no momento em que o indivíduo busca os fatos ele já pode enviar diretamente para o site.
- A linguagem, a forma como é produzida uma informação é alterada. Devido ao imediatismo de muitas informações, não há tempo para uma grande produção, tampouco se espera que os indivíduos se preocupem com esta etapa como sendo fundamental, o que se acredita é que o conteúdo de um fato seja o determinante para ser dada por um indivíduo em seu cotidiano. A linguagem dos vídeos também é alterada, a imagem não precisa estar perfeita, salientando-se a importância do conteúdo da informação, certamente que um vídeo deve possuir uma qualidade minimamente boa para que a informação possa chegar correta aos indivíduos;
- O Locast mostra que é possível uma maior aproximação entre os jornalistas e os indivíduos em suas comunidades, pois este é um cidadão e também passa a reconhecer os problemas e particularidades de sua localidade;
- O Locast potencializa outros olhares sobre um fato; o olhar do cidadão.

Como se pode perceber, a partir da observação durante o período de realização do projeto, o Locast demonstra que há espaço para a divulgação dos problemas cotidianos, muitas vezes deixados de lado pelos grandes conglomerados de mídia por uma linha editorial específica ou pelo fato destes ignorarem tais eventos como não sendo relevantes para o contexto geral informativo, elencando problemas mais gerais das cidades. Esta questão pode ser percebida quando se observam as reportagens que tratam de problemas que estão ao redor do cidadão, pois com a possibilidade deste noticiar os fatos que estão acontecendo em sua comunidade ou bairro através de um telefone celular, percebe-se a potencialidade de uma mudança no sentido que este indivíduo dará aos lugares. Com o ciberespaço, as relações não somente entre indivíduos, mas entre os indivíduos e os locais de uma cidade foram cada vez mais se voltando para o virtual. O sujeito podia

visitar e conhecer diversas partes do mundo, saber informações mundiais através de um clique, sem sair de casa. Com as tecnologias móveis de comunicação e informação, os indivíduos continuam neste processo, porém possuem a possibilidade de também estarem em diversos locais físicos das cidades, interagindo online com qualquer cidadão em qualquer parte do mundo, mas principalmente com seu vizinho, com os moradores da mesma cidade.

As informações das quais se tinha grande acesso através dos computadores, eram mais voltadas ao contexto global. Sabia-se o que estava acontecendo do outro lado do mundo, mas não se tinha acesso, muitas vezes, ao que se estava acontecendo do outro lado da rua, bem perto do indivíduo. Estas mudanças no olhar que os indivíduos passam a voltar a ter, evidenciam a possibilidade de modificações no significado que estes dão aos espaços urbanos. As dinâmicas das cidades podem passar a ter novos significados pelos indivíduos através das plataformas móveis, podendo estes fazerem parte do que esta acontecendo em seu entorno.

4.2 COMPREENSÃO: LOCAST CIVIC MEDIA

Outras percepções puderam ser apreendidas durante a aplicação de questionário. Foi solicitado a todos os participantes do Projeto que respondessem um questionário para que fossem melhor esclarecidas suas compreensões em relação à sua participação e ao Projeto Locast Civic Media. Obteve-se 11 respostas, as quais proporcionaram novos entendimentos sobre como se desenvolveu o Locast.

O instrumento foi dividido em alguns itens os quais se acreditou que pudessem contribuir para este estudo. Em um primeiro momento foi questionado qual o nível de escolaridade dos participantes, e foi possível constatar que 50% dos indivíduos que responderam ao questionário eram graduandos e os outros 50% estavam cursando a pós-graduação. O curso de Jornalismo foi predominante, cerca de 90% dos participantes possuíam a habilitação, o que possibilitou compreender que a participação no projeto foi mais destacada entre estes profissionais, devido ao

fato do projeto ter como foco a busca pelo desenvolvimento de um jornalismo cidadão.

Em um segundo momento da pesquisa, buscou-se, compreender as motivações que fizeram os participantes fazerem parte do projeto.

- Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto:

Neste aspecto, o motivo mais destacado foi à parceria entre MIT/PUCRS/RBS, o que se acredita ser pelo fato dos participantes perceberem a importância que estas três instituições possuem no desenvolvimento da pesquisa, do ensino e do mercado de trabalho no campo da comunicação. Outro aspecto bastante destacado pelos participantes foi o motivo de sua participação devido à inovação do projeto.

- Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Esta questão foi direcionada aos participantes de forma aberta, na qual os mesmos poderiam responder espontaneamente. De forma geral, pode-se compreender que as expectativas eram boas em relação ao Projeto e se confirmaram durante sua realização. No entanto, alguns aspectos foram salientados pelos participantes, como os problemas que ocorrem na utilização da plataforma durante a publicação dos vídeos. Como as plataformas (site e aplicativo) estavam em teste durante o Projeto, algumas falhas ocorreram na publicação dos casts.

Em outro momento, questionou-se sobre as percepções dos participantes em relação ao Projeto Locast Civic Media, para tal, foi solicitado que os mesmos respondessem às seguintes questões:

- As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

Neste item foi possível constatar que os participantes optaram por realizar pautas pré-agendadas, ou seja, pelo interesse preexistente em algum fato. Este aspecto demonstra que os indivíduos tiveram a oportunidade de buscar informações que fossem ao encontro de seus interesses, sua percepção de qual fato precisasse ser noticiado. A divulgação de temas relacionados à cidade de Porto Alegre e do cotidiano dos cidadãos porto-alegrenses, foi o destaque dos participantes.

A segunda opção mais elencada pelos participantes foram as pautas espontâneas, aquelas realizadas na hora em que o fato estava ocorrendo. De acordo com os participantes, está é uma das características do jornalismo cidadão que se buscou ser explorada. Um aspecto destacado pela maioria dos participantes é que pautas espontâneas também surgiram durante a realização de pautas pré-agendadas, demonstrando que o uso das tecnologias móveis facilita a divulgação de informações que estão acontecendo no entorno, e que dificilmente seriam divulgadas pelos meios de comunicação de massa.

- Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Neste item, a intenção era a de levar os participantes a pensarem sobre as diferenças entre estes tipos de busca de informações. A maioria, 70% dos participantes acredita que há diferenças. Para estes, as pautas espontâneas são mais informais, possibilitam uma aproximação entre as pessoas, entre as pessoas e os problemas e particularidades de suas comunidades. Outros participantes acreditam que ambas aconteceram paralelamente, e que este fator demonstrou a importância de outro olhar por parte de quem está buscando as informações.

- Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

As motivações apontadas pelos participantes foram as mais diversas, mas três aspectos se destacaram na busca de informações por parte dos mesmos: A vontade de divulgar informações sobre o imaginário, o cotidiano dos indivíduos e a memória das cidades, ou seja, aquilo que faz parte da construção social dos cidadãos porto-alegrenses. Os participantes procuraram mostrar quais os significados que são mais destacados pelos indivíduos em seu cotidiano na cidade. Os acontecimentos factuais também foram pontos apontados pelos participantes como sendo motivadores de busca de informações, revelando a espontaneidade dos fatos que acontecem no dia-a-dia dos indivíduos. Outro fator apontado como motivador foi o fato dos participantes, antes de buscar uma informação, pensarem em registrar o que eles gostariam de ver como notícia, e que não se observa atualmente nos meios de comunicação de massa.

- Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Com uma pergunta aberta, direcionada a cada um dos participantes em particular, diversos foram os casts apontados como sendo o mais relevante. No entanto, foi preciso realizar uma triagem, que possibilitasse elencar dois dos casts que mais se destacaram no Projeto Locast, observaram-se para esta seleção as categorias desenvolvidas anteriormente, que delimitavam quatro assuntos como sendo os mais abordados – Local; cotidiano; entretenimento e nacional – buscando através destes grandes temas, quais das informações produzidas pelos participantes se encaixavam com as mais produzidas pelo grupo: Local e Cotidiano, conforme foi observado em análise sobre o conteúdo do Locast.

Desta forma, chegou-se a dois casts:

1) “Este bairro é o coração da Porto Alegre?”⁴²: Um grupo de participantes do Locast realizou entrevistas com os moradores de diversas partes da cidade perguntando se a região onde eles se encontravam era o coração da cidade de Porto Alegre. Observou-se que as participantes buscaram saber do cotidiano dos indivíduos, de quais regiões que eles consideravam como o centro da capital.

Figura 18 – Cast - “Este bairro é o coração da Porto Alegre?”

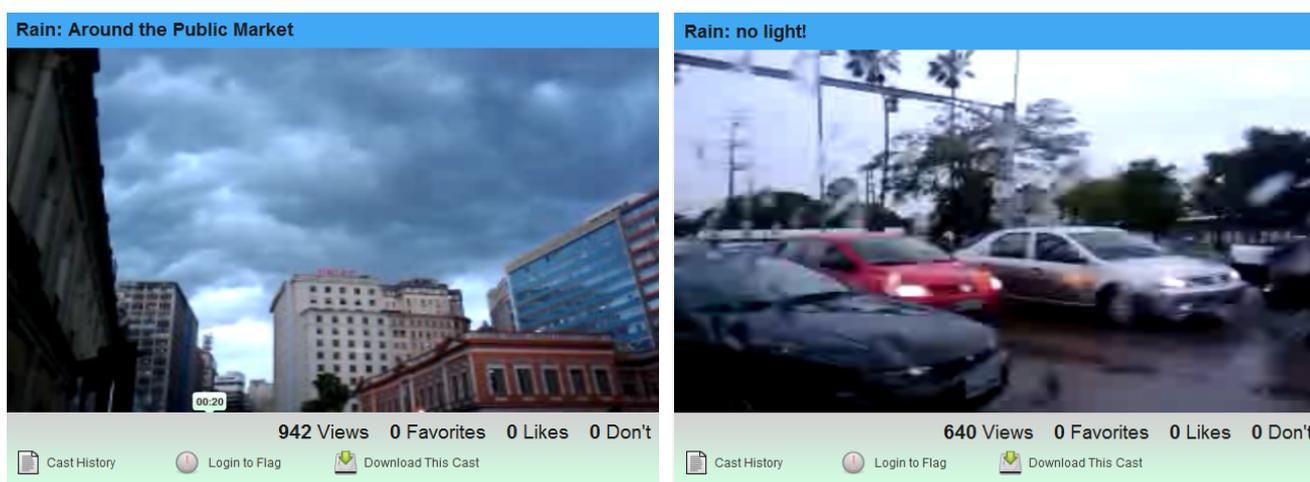


⁴² Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/users/AnaCecilia>

A ideia do grupo transformou-se em pequenos projetos de *casts* não editados, contendo a percepção dos indivíduos em relação aos locais onde moram, onde frequentam na cidade.

2) “Tempestade em Porto Alegre”⁴³: Esta série de *casts* surgiu a partir de um evento factual, na qual um grupo de participantes, buscando outras informações pelas regiões da cidade, se deparou com uma grande tempestade em Porto Alegre. Esta tempestade provocou diversos danos à cidade, como problemas de trânsito nas vias urbanas, devido a queda de árvores e de alagamentos. Demais problemas, como a dificuldade de acesso e a falta de energia elétrica acabaram por suspender as aulas em diversas escolas e universidades como a PUCRS.

Figura 19 – Cast “Tempestade em Porto Alegre”



Com este fato acontecendo diante dos olhos dos participantes, diferentes enfoques das informações foram transformadas em *casts*, mostrando os engarrafamentos do trânsito, a mobilização dos indivíduos para saber o que estava acontecendo e os problemas ocorridos na cidade pela tempestade severa que assolou a cidade de Porto Alegre.

- Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Este aspecto é um dos fatores fundamentais para a construção deste trabalho. Buscou-se compreender como os participantes observavam a utilização dos telefones celulares pelos indivíduos. Metade dos participantes que responderam

⁴³ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/content/user/poliespindola/>

ao questionário enfatizou que essa possibilidade é uma das características que demonstra a possibilidade que os indivíduos possuem em interferir no processo comunicacional na sociedade atual. Para eles, os indivíduos têm a possibilidade de informar sobre fatos que não teriam destaque nos meios de comunicação de massa, fatos estes que irão valorizar o hiperlocal, podendo promover a comunicação e interação entre as comunidades. Segundo os participantes, é a possibilidade da descentralização das informações, que não ficam mais apenas no poder das grandes mídias, mas também passam a ter a contribuição dos cidadãos. No entanto, os participantes salientam que esta nova forma de construção de notícias não exclui o papel do jornalista, que deve estar em parceria com a população na busca de informações.

Na sequência do questionário, solicitou-se aos participantes que respondessem questões referentes à interação, tanto referente ao Projeto Locast Civic Media, quanto à interação social proporcionada pelas tecnologias móveis de comunicação. Este item que contém as respostas dos participantes é de suma importância para a construção deste trabalho, pois ele irá auxiliar na compreensão do desenvolvimento das redes sociais móveis.

- Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Os participantes destacaram que a interação entre o grupo foi boa, possibilitando que as habilidades de cada um fossem bem aproveitadas na construção dos *casts*, gerando assim uma boa convivência entre os participantes. Como aspecto negativo, foi observado a existência de poucos telefones celulares para o desenvolvimento do Projeto. Os aparelhos foram emprestados pela operadora de Telefonia celular TIM, porém não foram suficientes para que cada participante do Projeto pudesse estar com um telefone celular durante todo o período da pesquisa, tendo estes que utilizarem um aparelho para um grupo de 3 ou 4 pessoas. Este aspecto foi destacado, pois impediu que muitas informações factuais deixassem de ser noticiadas pelos participantes, pelo motivo de não estarem como os telefones celulares no momento em que o fato estava acontecendo.

- Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Para 100% dos participantes que responderam ao questionário existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas com o uso de telefones celulares. Segundo os participantes, as tecnologias móveis de comunicação e informação são uma importante forma de compartilhar uma experiência, um conteúdo, podendo gerar assim a formação de redes nas ruas, utilizando a plataforma na produção de notícias, bem como uma rede voltada para o interesse em comum dos indivíduos sobre um determinado assunto. Para o Participante B: “Apenas consigo enxergar uma equipe, um grupo trabalhando nas ruas com o celular, não um indivíduo sozinho”.

- O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

A maioria dos participantes (90%) acredita que sim, que o uso de tecnologias móveis de comunicação e informação pode gerar mobilização social pelo fato desta ser, atualmente, um dos dispositivos que permitem que o cidadão tenha voz na sociedade. Com o uso das tecnologias móveis as comunidades seriam melhor representadas se os indivíduos pudessem noticiar os interesses de sua localidade. Alguns participantes apontaram que outras plataformas como sites do Youtube e Twitter já proporcionam formas de mobilização entre os indivíduos, no entanto enfatizam que o uso de telefones celulares para interação social tende a intensificar estas possibilidades de mobilizações.

Apenas 10% dos participantes acreditam que não, que o uso de telefones celulares não potencializa mobilizações sociais e, como justificativa, enfatizam que ainda existem poucas pessoas que possuem telefones celulares com internet sem fio, deixando de utilizar as potencialidades do dispositivo. Para estes participantes, outras plataformas são mais favoráveis a possibilitar mobilizações sociais do que as tecnologias móveis de comunicação e informação.

Com estas reflexões, pode-se perceber que com o uso de tecnologias móveis de comunicação e com plataformas como o Locast Civic Media, os indivíduos podem perceber o que está acontecendo à sua volta, e aqueles fatos que

podem ser considerados de pouca relevância pública, podem passar a ter uma grande importância para este indivíduo. Esta possibilidade de utilização de um aparato tecnológico, unido a uma plataforma virtual, pode gerar manifestações sociais em prol do desenvolvimento das cidades, do cotidiano dos indivíduos. O projeto Locast é um bom exemplo disto, ele serve como potencializador das redes sociais móveis que podem surgir em busca de um interesse comum entre os indivíduos. Os espaços híbridos podem propiciar a formação destas redes, e o uso das tecnologias móveis de comunicação e informação no contexto das cidades pode gerar nova significação aos lugares, destacando assim um sentimento de pertença por parte dos sujeitos. Com o Locast, “cada interação dentro do sistema pode ser vista simultaneamente pelas pessoas envolvidas no espaço físico e aquelas que participam *online*. A interligação entre os conteúdos, espaços e pessoas é simultânea e ubíqua.” (CASALEGNO, 2010, p. 7)

Os *casts* produzidos foram coletados através do aplicativo contido na plataforma móvel (telefone celular) e compartilhados em tempo real na plataforma *online* (site) do Projeto Locast, os quais permitiram que os indivíduos pudessem se juntar a conversas e comentários em relação aos *casts*. Através deste Projeto pretende-se compreender as dinâmicas que envolvem os cidadãos nas cidades, buscando compreender como se dá a interação entre os indivíduos e aquilo que acontece em suas comunidades. Para Casalegno,

O objetivo principal do projeto foi entender como redes sociais móveis poderiam impactar a cidade e a mídia representativa com as pessoas, ajudando o outro a manter-se informado, socializado e participar ativamente do processo de produção. (2010, p. 10)

Este objetivo é um dos pontos que darão sequência ao Projeto. A experiência de 2009 possibilitou que se salientassem alguns aspectos que se tornaram fundamentais para o Locast prosseguir como forma de auxiliar os indivíduos na participação e divulgação daquilo que acontece em seu entorno, possibilitando o desenvolvimento de redes sociais móveis.

Com a participação não só de estudantes, mas também de jornalistas veiculados a uma empresa de comunicação o Grupo RBS, foi possível perceber que estes profissionais, utilizaram a plataforma como uma extensão das atuais

plataformas de publicação e divulgação de informações (PELLANDA, 2010). Pode-se enfatizar que os jornalistas puderam descobrir as potencialidades da plataforma de mídia cidadã, agrupando suas formas de coletar informações ao telefone celular. A proposta do Projeto em agregar participantes que trabalham no dia-a-dia em um grande veículo de mídia era a de buscar compreender qual a visão que este profissional passaria a ter depois de utilizar a tecnologia móvel em seu cotidiano de trabalho. Segundo o Participante C, um dos jornalistas do Grupo RBS “O projeto deixou claro a relevância desse tipo de tecnologia e a participação que ela terá no futuro da produção de conteúdo.” Os profissionais usaram esta plataforma como um complemento da matéria tradicional, em alguns casos como um *making of* da cobertura, como também utilizaram para capturar fatos que não teriam espaços nos meios tradicionais. (PELLANDA, 2010).

Um exemplo é o cast “Hidrantes em risco na capital”⁴⁴ produzido pela equipe do jornal Zero Hora:



Figura 20: Cast - “Hidrantes em risco na capital”

Neste cast, o participante além de se utilizar das ferramentas convencionais que o auxiliam da divulgação de informações, utilizou o telefone celular para capturar a informação de forma diferenciada, demonstrando o complemento que o dispositivo móvel proporcionou para a realização da reportagem.

Este aspecto está relacionado a espontaneidade na produção de informações. Os casts produzidos pelos participantes geraram vídeos publicados

⁴⁴ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/content/856>

sem cortes, segundo Pellanda (2010, p. 19) “esta característica foi percebida pelos participantes como um ponto positivo no sentido de relatar fatos. A impressão foi de realismo, uma imagem mais próxima da cena do que a de matérias de TV.”

Desta forma, pode-se observar que o Projeto Locast procurou também salientar como esta ferramenta ajuda as pessoas a estarem informadas, e com participação socialmente ativa nos processos de criação das mídias, sobretudo nas relacionadas com as suas comunidades (PELLANDA, 2010). Não apenas às comunidades onde moram, mas àquelas em que vivem o seu cotidiano, que compartilham com os demais, como no trabalho e no lazer. Quando os indivíduos estão em grupos que compartilham um determinado conteúdo ou interesse comum, acabam trocando experiências e influenciando outros indivíduos, de certa forma. Esta sociação (SIMMEL, 2006) é que pode impulsionar estas redes sociais móveis, objetivo maior do Projeto Locast. Este aspecto, aliado às tecnologias móveis pode apontar relações diferenciadas entre os indivíduos, mídias e os espaços de sociabilidade. Como podemos perceber, o Locast evidenciou estes aspectos, Casalegno (2010, p. 10) os aponta:

- **Hiperlocal:** O Locast Civic Media fala sobre sua cidade, região, bairro, rua. Propõem-se narrações locais para complementar as globais provenientes de meios de comunicação oficiais.
- **Participativo:** Os cidadãos de forma autônoma criam reportagens, discutem com a comunidade e redefinem a agenda de pautas.
- **Flexível:** O Locast oferece várias opções para participar na comunidade. Qualquer pessoa com um equipamento digital básico e uma conexão à internet pode encontrar uma maneira de fazer a sua voz ser ouvida.
- **Space 2.0:** O Locast aumenta o espaço físico com múltiplas camadas de informações que são democraticamente geradas de baixo para cima por seus usuários.
- **Tempo Real e Onipresente:** Jornalistas e cidadãos usando o aplicativo móvel estão estreitamente relacionados com o resto da comunidade. Quando a conversão

é criada, ela se torna imediatamente disponível *online* para ser analisada e visualizada pelos outros membros.

Como se pode perceber, a comunicação móvel a cada dia vem fazendo mais parte da vida dos indivíduos, do seu cotidiano. Pelo fato dos dispositivos serem portáteis e pessoais, estes acabam impactando nas experiências vividas pelos indivíduos, em suas práticas sociais, podendo-se assim observar seus reflexos em diferentes dimensões da atividade humana. O Locast possibilita a propulsão de um mesmo sentimento e motivação podendo surgir uma espécie de coletivismo que pode ser direcionado para os mais diversos fins e que, em grupo, o indivíduo pode passar a ir além das noções de consciência individual. Este coletivismo pode se manifestar através da vivência do aqui - agora, desenhando os contornos, os enquadramentos da vida em sociedade, fomentando desta forma o cimento social (MAFFESOLI, 1996).

Um dos fatores do Projeto Locast Civic Media que pode contribuir para a concretização do cimento social é a possibilidade das trocas de informações e da interação gerada através da conversação possibilitada na plataforma. Além de o indivíduo ter acesso a informações geolocalizadas, ele também tem a possibilidade de ver o que os outros estão comentando⁴⁵. Seja dando opinião sobre o vídeo, se aprovou ou não e ainda podendo descrever sua opinião sobre o *cast*.

The image shows a screenshot of a video player interface. The video title is "Exposição Eu, Porto Alegre - Ciclovias". The video content shows a person riding a bicycle with a screen on the handlebars. The interface includes a title bar, a video player, and a metadata section with statistics (846 Views, 0 Favorites, 0 Likes, 0 Don't), a description, and a "No Comments Yet!" section with a comment input field.

⁴⁵ Durante o projeto, que ainda não foi disponibilizado para outros indivíduos, não houve comentários acerca dos *casts* publicados, devido ao fato deste ser um próximo passo para o desenvolvimento da plataforma.

Figura 21: Ferramenta comentários – Plataforma Locast

Certamente que a disponibilização da ferramenta comentários não é nenhuma novidade apresentada pelo Projeto; diversos sites e blogs disponibilizam a ferramenta para que a opinião dos indivíduos possa ser expressa. A peculiaridade desta ferramenta no Locast é o fato de que ela está associada a uma localização específica, na qual o indivíduo que deseja saber informações sobre determinada localidade poderá obter comentários direcionados especificamente a este local. Esta possibilidade pode evidenciar e fomentar um sentimento de pertença do indivíduo em relação a sua comunidade, contribuindo para que redes móveis se conectem em prol de um interesse em comum.

Salienta-se que o Locast não pretende ser comparado a outras mídias, como os meios de comunicação de massa (MSM), atribuindo a tal fato um juízo de valor. Obviamente, compreende-se que existem diferenças na utilização da plataforma. No Locast, diferentemente dos MCM, não existem tantos indivíduos olhando uma informação, no entanto há diversas informações sobre os mais diferentes lugares, que podem ser acessadas através da geolocalização dos fatos⁴⁶.

⁴⁶ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/map/content/>

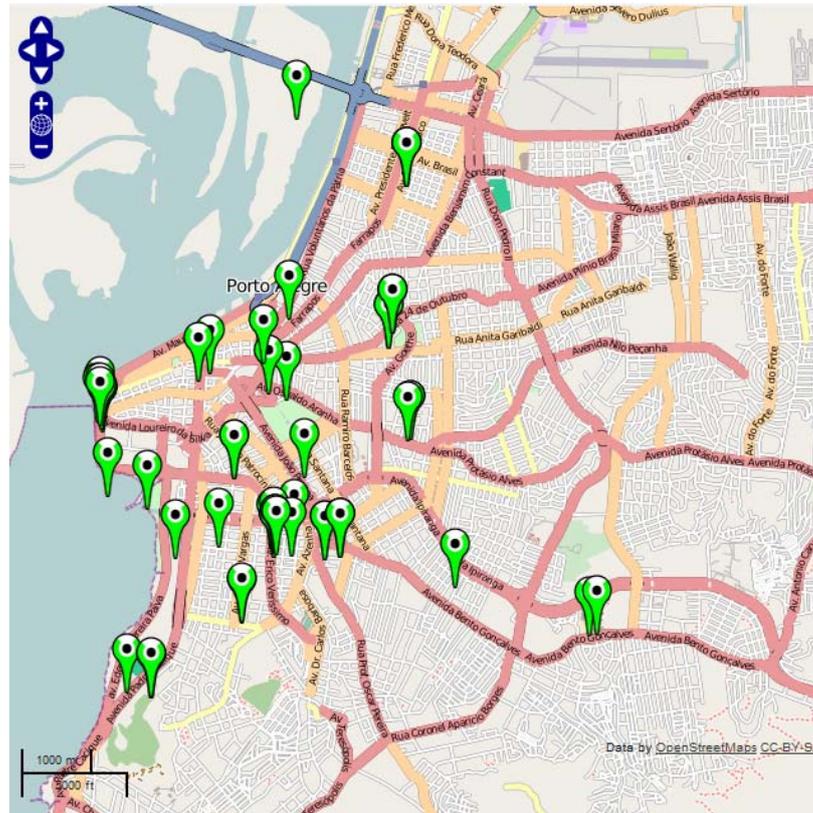


Figura 22: Geolocalização – Plataforma Locast

Com esta possibilidade de geolocalização das informações, a formação de redes móveis, que possuem uma característica atual que é a mobilidade, é possibilitada pelas reuniões momentâneas originadas por um interesse em comum dos indivíduos. Como se viu esta mobilidade parte principalmente das formas de comunicação entre os indivíduos, pois quando se comunica, movem-se signos, mensagens, informações (LE MOS, 2009) como se viu anteriormente. Com isso se compreende que a mobilidade faz parte do ser humano, as tecnologias móveis apenas potencializam as formas de comunicação e interação entre os indivíduos.

Como citou Castells (1999) a informação age sobre a tecnologia, e é isto que se pode observar no Projeto Locast. A emergência das trocas entre os indivíduos em espaços híbridos suscitou novas plataformas tecnológicas que pudessem suprir determinadas necessidades dos indivíduos. Durante a realização do Projeto, percebeu-se que a cidade territorial passou a fazer parte de uma nova narrativa que enfatiza outra dinâmica dos espaços físicos – a cibercidade - lugares onde a conexão pode se dar de forma permanente e ubíqua, transformando a cidade não apenas em um território informacional, mas também em um espaço híbrido

permeado de interação social. Desta forma, constata-se que o Locast dá visibilidade a processos de mobilidade urbana, no qual o nomadismo informacional foi possibilitado pelo uso das tecnologias móveis de comunicação e informação. Vive-se atualmente em uma cultura da conexão generalizada, que altera as relações de espaço e tempo (GREEN, 2002).

As experiências são bem diferentes para um indivíduo quando este utiliza um telefone celular para assistir ou produzir um vídeo, e de quando este o assiste em um televisor em sua casa ou produz um vídeo com um equipamento profissional, por exemplo. O telefone celular possui um pequeno visor e cabe na palma da mão do indivíduo, podendo ser utilizado em qualquer lugar, em qualquer tempo. Com esta tecnologia se está muito mais presente no espaço físico, como afirma Manovich (2005), ao citar que estas experiências estão amparadas em *tecnologias cellspace*. Não mudam apenas as experiências individuais, mas também são alteradas as noções de agrupamento. Através dos sistemas de geolocalização (GPS), acoplados nos telefones celulares pode-se identificar durante o Projeto Locast, em quais regiões os demais participantes estavam produzindo casts. Isto possibilitou que os espaços fossem compartilhados, construindo desta forma uma atividade coletiva e um evento de proximidade (LICOPPE e INADA, 2009). Com o Locast “o mapa de acontecimentos no site permite uma nova visualização dos acontecimentos, de maneira que o próprio indivíduo possa fazer suas próprias conexões entre os fatos que são pertinentes ao seu cotidiano” (PELLANDA, 2010, p. 20).

Estes aspectos estão diretamente inseridos no que Jenkins (2006) chamou de convergência das mídias, uma nova cultura na qual toda história precisa ser contada tonando os indivíduos parte fundamental da circulação de conteúdos na sociedade. As tecnologias móveis são os nós que possibilitam a potencialização desta convergência, e, com a possibilidade de estar conectado em qualquer lugar, e portando diversas mídias em uma única plataforma - o telefone celular, há a possibilidade de coordenação de agrupamentos, como ocorre nos exemplos citados neste trabalho, referentes as *flash* e *smart mobs* (RHEINGOLD, 2002).

A possibilidade de tornar público qualquer informação que está a sua volta, dependendo do contexto que o indivíduo deseja enfatizar, faz parte do que Bruno

(2008) chama de “estética do flagrante”, na qual salienta que o olhar amador, do sujeito possui características de jornalismo cidadão, proposta principal do Locast. O que foi possível de perceber, e que servirá de base para o desenvolvimento futuro do Projeto, é que esta característica é inerente ao “cidadão-jornalista” (GILLMOR, 2004) que não é mais um mero espectador dos fatos que estão acontecendo, mas é também potencialmente um difusor de conteúdo em rede.

Como se observou nas análises realizadas até o momento, os participantes do Locast, embora todos possuíssem uma relação com os processos comunicacionais, tiveram a oportunidade de olhar os acontecimentos de um ângulo que não aquele visto pelos meios de comunicação de massa, mas um olhar enquanto cidadão pertencente a uma determinada localidade. Este aspecto suscita um dos pontos-chaves da discussão que envolve a possibilidade dos cidadãos produzirem informações. Com o Locast é possível compreender que esta confiança vai depender da reputação do indivíduo na Rede, ou seja, de sua credibilidade com as informações que publica. Quando Gillmor (2004) fala em “cidadão-jornalista” ele salienta que o mais importante é a intenção, e menos o meio pelo qual o indivíduo produz informações, e que estes podem vir a se tornar jornalistas profissionais. O que se deseja apontar com os estudos sobre o Projeto Locast, é que de forma alguma há uma exclusão dos jornalistas por formação, bem ao contrário, o projeto pretende mostrar as potencialidades que os indivíduos têm em se tornarem produtores de conteúdos que podem auxiliar os jornalistas na construção de reportagens, revelando fatos do cotidiano que passam muitas vezes despercebidos pelos profissionais.

Com isto, faz-se necessário procurar responder a uma questão central deste trabalho. Afinal, a partir da experiência relatada em relação ao Projeto, **pode-se considerar o Locast Civic Media uma rede social móvel?**

A resposta é sim, pois o durante o projeto, o que se observou foi uma sensação coletiva que permeou toda a atividade dos participantes, desenvolvendo uma lógica de rede. Isto pode ser percebido em relação aos temas abordados, pois estes estavam relacionados à escolha dos participantes, há uma afinidade enaltecida pelos processos de compreensão dos fatos que estavam acontecendo ao seu redor, em localidades específicas.

É preciso ressaltar outro aspecto. O conteúdo produzido pelos participantes estava relacionado a experiências coletivas de vivência do cotidiano, elemento que pode ser observado como o combustível para as redes sociais móveis. O Locast Civic Media enquanto potencializador destas redes mostrou que a vontade humana em participar do que está acontecendo, acaba por unir os indivíduos em agrupamentos fluidos e efêmeros. Esta é uma das características da sociedade pós-moderna, na qual há uma união entre a tecnologia e os sentimentos que influenciam o desenvolvimento de laços sociais (MAFFESOLI 1996), este fator é determinante na formação de redes sociais móveis, pois essa tecnologia amplia a mobilidade dos indivíduos nos espaços, e os aproxima dos demais pela facilidade e amplitude das possibilidades de interação. Este aspecto é salientado por Castells (2009, p. 334), quando este busca refletir sobre o uso das tecnologias móveis pela sociedade em rede, “as tecnologias de comunicação sem fios ampliam a lógica em rede da organização e da prática social, em qualquer lugar e em todos os contextos, com a única condição de se fazer parte da rede móvel.”

Assim, pode-se salientar que as tecnologias móveis de comunicação e informação têm profundos efeitos sociais na formação de uma lógica de rede, que define uma das características da sociedade atual. O Locast demonstra isso nas atividades realizadas pelos participantes. Com o uso destas tecnologias, houve uma nova narrativa das cidades, dos espaços urbanos, conectando aspectos relacionados aos indivíduos em uma rede. As tecnologias móveis utilizadas enfatizaram a potencialidade de uma cidade conectada, da cibercidade enfatizada por Lemos (2007).

Ao questionar quais as mudanças que ocorrem com as redes sociais móveis dispersas nas cidades, percebemos através do estudo do Projeto Locast, que, como afirma Lefebvre (1999), os espaços são um meio de ação dos indivíduos na cidade, compostos de experiências. Neste espaço urbano (SANTOS, 1994) estaria a história das atividades que na cidade se realizam. As tecnologias móveis poderiam estar associadas ao que Augé (1994) chama de não lugares, devido ao fato da mobilidade proporcionada, que delinham os espaços como locais de passagem, do efêmero. Com as redes sociais móveis estes não lugares passam a recriar identidades, não sendo apenas lugares de passagem, pois ao transitar por estes espaços, os

indivíduos dão novos sentidos quando referenciam a outras pessoas a localização e os aspectos relacionados a estes locais. Pode-se observar isto com os *casts* produzidos pelo Projeto Locast. Uma rua, em um bairro é um local de passagem, um não lugar para a maioria das pessoas, no entanto, quando se observa esse local, devido algum problema gerado para a comunidade, o espaço passa a ter novo significado. Um exemplo de *cast* produzido por um grupo de participantes do Projeto evidencia bastante este aspecto:



Figura 23: *Cast* - “Comerciante protesta contra demora no conserto de buraco”

Neste *cast* - “Comerciante protesta contra demora no conserto de buraco”⁴⁷, os participantes publicaram um vídeo no qual um comerciante de um bairro em Porto Alegre colocou um boneco, chamado de “João Buracão”, em uma rua, para protestar contra a demora no conserto de um buraco. Sua ideia era chamar a atenção dos moradores, dos indivíduos que por ali transitam, para o problema que estava ocorrendo. Pode-se compreender que a publicação na plataforma do Locast mostra que há um novo sentido dado a este local, que antes passava despercebido pelos indivíduos. A possibilidade de formação de redes sociais móveis em prol deste evento, podendo desencadear outros aspectos referentes a este local, é perceptível. Há neste fato uma potencialidade de troca social entre os indivíduos que poderá gerar novas apropriações a este espaço.

⁴⁷ Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/content/684>

Desta forma, se percebe que as cidades passam a ganhar novos significados pelas tecnologias móveis, pois elas, nestes casos são utilizadas como forma de fomentar manifestações sociais em rede buscando protestar, mostrar os problemas, apontar os aspectos dos fatos ocorridos nas regiões das cidades. São nestes espaços sociais de constante mobilidade entre os indivíduos - os espaços híbridos (SOUZA e SILVA, 2005) que se desenvolvem as redes sociais móveis. Como enfatiza Lemos (2009a), essa possibilidade só se dá com o que ele caracteriza como mídias locativas, ou seja, os processos de conteúdo informativo e comunicacional que são vinculados aos lugares. Estas mídias possibilitam, como se viu, alterar as formas como as interações sociais são organizadas, caracterizando um lugar onde as ações sociais são realizadas (LING, 2004).

Por fim, salienta-se o aspecto de possibilidade de produção de conteúdo sobre os mais diversos fatos, observada com o projeto Locast. Para Cunha (2010, p. 34), participante do Projeto, “todos se interessaram por narrar. Muitos narraram à cidade. Outros narraram os seus fatos, aqueles que lhes eram caros ou com os quais estavam envolvidos. Em boa dose, muitos narram para si e não para uma audiência, como se constitui nos processos tradicionais de comunicação.” É neste aspecto que se enfatiza o Locast como uma rede social móvel.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto no trabalho, diversas são as peculiaridades nas quais é possível perceber as mudanças nas relações sociais desenvolvidas com as novas tecnologias. Passa-se a alterar as formas de comunicação quando se começa a interagir com outros indivíduos através da mediação dos computadores, onde o ciberespaço tornou-se um lugar de trocas sociais. A internet, através dos sites de relacionamento vem desde o início do século XXI proporcionando a formação de tribos *online* que se reúnem pela vontade, pela identificação dos indivíduos em comunidades virtuais. Com o desenvolvimento das tecnologias móveis, através de telefones celulares e redes de internet sem fio, as redes sociais móveis estão cada vez mais emergindo na sociedade atual pós-moderna, mostrando que outras formas de agrupamento em locais podem ser construídas, possibilitando uma nova apropriação dos espaços físicos.

Além da difusão das tecnologias móveis de comunicação e informação pode-se compreender com este trabalho, que a formação de redes sociais móveis é possível devido à maneira como vivem os indivíduos na sociedade atual. Os sujeitos vivem em grupos a partir de uma solidariedade social, onde as emoções e repulsões é que predominam na formação de redes sociais e são compartilhadas apontando para a característica de fluidez das relações. Esta fluidez como se viu, não pode ser vista como algo prejudicial à sociedade, mas sim como algo emergente do cotidiano dos indivíduos.

Com as tecnologias móveis de comunicação e informação, surgiu um potencializador na difusão do espaço de fluxos enquanto estrutura do cotidiano, no qual as relações sociais na pós-modernidade são caracterizadas pela rapidez e pela fluidificação das interações entre os indivíduos. No contexto das redes sociais não poderia ser diferente, o que demonstra que embora o indivíduo seja o centro do processo, a valorização das relações e do cotidiano das redes é fator que determina as relações entre os sujeitos. As interações sociais, com o desenvolvimento de computadores e da Web passaram a ser realizadas, em grande parte, via espaço virtual, o qual se percebia que havia uma desterritorialização das relações. Com a

utilização de tecnologias móveis de comunicação e informação há uma nova forma de apropriação dos espaços de socialidade possuindo como consequência uma mudança nos padrões de relacionamento, bem como uma re-definição de espaços públicos e privados.

Estes novos espaços onde os indivíduos interagem são híbridos, pois agregam as tecnologias móveis e os espaços urbanos das cidades, os quais passam a mesclar o cotidiano dos indivíduos com o cotidiano das cidades, acrescentando a estes espaços novas apropriações, dando novos sentidos aos locais. São nestas cibercidades, amplamente conectadas que surgem as redes sociais móveis, partindo de um pressuposto da emergência que os indivíduos possuem em participar daquilo que acontece em seu entorno.

Com as tecnologias móveis, os “nós”, passam a serem móveis, carregados por indivíduos que se deslocam pelo espaço físico, apontando assim para uma ruptura com uma interface estática. Assim, os impactos sociais gerados com as redes móveis espalhadas nas cidades são perceptíveis, pois há uma outra forma de troca realizada pelos sujeitos, que passaram a olhar novamente os espaços físicos das cidades como locais de interação, mas não apenas como uma interação realizada face a face, que nunca deixou de acontecer, nem mesmo com a amplificação das relações mediadas pelo computador, mas também como uma interação que permite a troca entre sujeitos conectados à redes de internet sem fio *always on*, juntamente com aqueles que estão transitando pelas ruas. Esta é a característica fundamental das redes sociais móveis, elas apenas são possíveis, pois unem o virtual ao físico, proporcionando uma hibridização dos espaços. Pode-se perceber seu potencial para as manifestações sociais entre os sujeitos quando se observa os casos em que o telefone celular foi estratégico para que os indivíduos pudessem comunicar um fato inesperado a outros, como se viu (e se vê) em caso de grandes catástrofes. Há nestes casos uma interação entre os sujeitos que gera manifestações em prol de um fato ocorrido em um local em tempo real, o que apenas pode ser possível com o desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação e informação.

Desta forma, observou-se também que a mobilidade permite aos indivíduos a possibilidade de estar presente nos fatos, no momento em que eles estão

acontecendo, e, potencializada pelas tecnologias móveis, proporciona que os sujeitos possam recorrer ao seu sistema de relevância para escolher os tipos de informação, de interação social e dos locais atribuindo-lhes significados. Assim, percebeu-se que há um coletivo inteligente, distribuído por toda parte, nos atuais tempos móveis vividos pela sociedade. Estes novos tempos constituem formas de socialidade nas quais o cimento social é fortificado por um anseio de estar-junto, de construção de laço social, valorizando a mais-valia do vivido durante as interações sociais. As tecnologias móveis de comunicação e informação são potencializadoras destas relações pós-modernas, contexto atual onde o mundo da vida do indivíduo se confunde com o do outro.

Pode-se perceber que atualmente os indivíduos são como nômades em territórios informacionais, atribuindo sentido aos locais e remetendo a eles novos significados, que quando compartilhados com o outro, através da interação social mediada pelas tecnologias móveis de comunicação e informação, constituem as redes sociais móveis. Os laços constituídos com estas redes podem ser em sua maioria, fracos em um primeiro momento, porém devido às relações de proximidade são passíveis de se tornar fortes.

Outro ponto importante foi a percepção da mobilidade destas redes. Como elas são dinâmicas e fluidas há a necessidade da reciprocidade e da visibilidade dos indivíduos agregados aos locais. Nos espaços urbanos, são os grupos informais que constituem as redes móveis, formadas por uma atração mútua, misturando as histórias vividas pelos indivíduos ao cotidiano das cidades constituindo assim um meio para a ação social.

Com os estudos sobre as potencialidades da plataforma Locast Civic Media, pode-se entender que quando os indivíduos passam a ter a possibilidade de produzir e receber conteúdos de qualquer local, sobre os mais diversos fatos, há uma mudança nas concepções dos fluxos de informações, pois estas passam a permear não apenas os espaços virtuais, as mídias, mas passam a representar algo que está arraigado ao sentimento de pertença dos indivíduos aos locais da cidade. Esta nova forma de tornar o indivíduo produtor e receptor de conteúdos relacionados aos espaços onde circula demonstra que há um potencial de formação de rede sociais que possuem como grande aliada as tecnologias móveis de comunicação e

informação. O projeto Locast é um bom exemplo destas relações, onde podemos observar que o cotidiano dos indivíduos é destacado em quase metade (40%) das reportagens produzidas, e as motivações que uniram os participantes do projeto, a comunidade e as tecnologias móveis formaram um tripé, demonstram a possibilidade de novas apropriações dos espaços urbanos por meio da hibridização dos espaços físico e virtual. É a emergência do hiperlocal que representa a exaltação dos locais da cidade, do cotidiano dos indivíduos nos locais de Porto Alegre. O Locast mostrou que o indivíduo pode monitorar os acontecimentos que acontecem em seu bairro, em sua comunidade.

Além disso, mostrou-se que o Locast possibilita aos indivíduos acessarem a plataforma para buscar apenas as notícias que lhe são interessantes, que estão relacionados ao pertencimento do sujeito em relação a determinado fato. Diferentemente de outras formas de participação dos indivíduos como produtores de conteúdo, em sites de jornais *online*, por exemplo, o Locast proporciona uma aproximação entre as pessoas, entre as pessoas e os problemas e particularidades de suas comunidades, devido ao fato do conteúdo estar relacionado a locais específicos da cidade e produzido por seus próprios habitantes. Esta é uma possibilidade de descentralização das informações, que não ficam mais apenas no poder das grandes mídias, mas também passam a ter a contribuição dos cidadãos. Cabe salientar que outros sites como o Youtube e Twitter, também proporcionam formas de mobilização entre os indivíduos, no entanto é importante enfatizar que o uso de telefones celulares e da plataforma Locast para interação social intensifica estas possibilidades de mobilizações dos indivíduos em prol de um interesse em comum.

Outro ponto a ser destacado está relacionado aos sistemas de geolocalização, que são importantes na formação de redes móveis, pois podem proporcionar reuniões momentâneas, despertadas pela possibilidade dos indivíduos observarem onde estão seus amigos, onde estão acontecendo os fatos em tempo real. Com a geolocalização, o indivíduo tem acesso aos locais onde estão outros indivíduos, podendo assim encontrá-los ou mesmo acrescentar algumas informações aos locais onde eles estão. Um dos sites que surgiu com este propósito é o Foursquare, como se viu anteriormente. Ele tem como objetivo tornar as cidades

mais interessantes de serem exploradas pelos indivíduos, que podem interagir através da plataforma, podendo ser considerado também uma rede social móvel, assim como o Locast. Esta observação mostrou a potencialidade de futuros desdobramentos para estudo destas novas formas de socialidade possibilitadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação. Assim, os sistemas de geolocalização agregados a esta plataforma podem contribuir para tornar os encontros significativos e influenciar no curso das interações.

Desta forma, pode-se compreender com este trabalho que o fator da mobilidade nas redes sociais, proporcionado pelas tecnologias móveis de comunicação e informação pode gerar redes sociais móveis, como se viu nos exemplos citados e no estudo aprofundado da plataforma Locast Civic Media. Este trabalho se torna uma forma de percepção das mudanças que as novas tecnologias introduzem na sociedade atual pós-moderna, apontando para os aspectos que ressaltam a amplitude da interação social entre os indivíduos e para a possibilidade que estes passam a ter quando munidos de tecnologias móveis, conectados *always on*. Com esta dissertação, tornou-se possível compreender que as relações sociais passam a ter novos significados, assim como os espaços urbano e virtual, hibridizados pelos indivíduos quando passam a unir as tecnologias ao seu cotidiano, atribuindo assim novos sentidos às cidades.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana, NATAL, Georgia, VIANA, Lucina. [Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital](#). In: **Revista Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, ed. 20, Dez.2008.

AMARAL, Adriana. [Os conceitos de cyberpunk e sua disseminação na comunicação e na cibercultura](#). In: [Razón y Palabra](#), v. 52, p. 06, México, 2006.

_____. [Uma breve introdução à subcultura cyberpunk](#). Estilo, alteridade, transformações e hibridismo na cibercultura. **E-Compós**, Brasília, v. 03, p. 01-22, 2005.

_____. [Cyberpunk e Pós-modernismo](#). In: **BOCC, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Portugal, 2003.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus Editora, 1994.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Editora vozes, 2002.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1966.

BRUNO, Fernanda. Controle, flagrante e prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades. In: [Revista Famecos](#), vol.1, n. 31, 2008.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASALEGNO, Federico. Apresentação: Locast: Transmissões baseadas no local geográfico, computação móvel em rede conteúdo pelo usuário. In: PELLANDA, Eduardo (ORG). **Locast Civic Media: Internet Móvel, cidadania e informação hiperlocal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010

CASARE, Sara J. **Uma ontologia funcional de reputação para agentes**. 2005, Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3141/tde-22052006-221632/> Acesso em 15 jun 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

_____. **Comunicação Móvel e sociedade**. Uma perspectiva Global. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

CUNHA, Magda. Narração caminhante: as possibilidades da plataforma Locast. In: PELLANDA, Eduardo (ORG). **Locast Civic Media: Internet Móvel, cidadania e informação hiperlocal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

GIST E HALBERT. **A cidade e o homem**. A sociedade urbana. Rio de Janeiro: Editora Fundo de cultura, 1961;

GREEN, Nicola. On the Move: Technology, Mobility, and the Mediation of Social Time and Space. In: **The Information Society**, 18:281–292, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora ALEPH, 2006.

KOZINETS, Robert. **On Netnography: Inicial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture**. 1998. Disponível em: <http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsOnNetnography.pdf>. Acesso em 20 ago 2010.

_____. **The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing Research in Online Communities**. 2002. Disponível em <http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsFieldBehind.pdf>. Acesso em 20 ago 2010.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade: A era da conexão**. 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>. Acesso em 20 jun 2009.

_____. Cibercultura e Mobilidade., Lemos, André (org)., Comunicaciones Móviles, in Razón y Palabra, n. 41, Octubre/Noviembre 2004. México.

_____. Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais., In: Matrizes, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação., USP, ano 1, n.1, São Paulo, 2007, ISSN 1982-2073, pp.121-137.

_____. Mídias Locativas e territórios informacionais. In: SANTAELLA, L. (org). **Estéticas Tecnológicas. Novos modos de sentir.** São Paulo: EDUC, 2008.

_____. Cultura da Mobilidade. In Revista Famecos, vol.1, n. 40, 2009.

_____ (org). **Cidade Digital.** Salvador: Eufba, 2007a.

_____ (org). **Cibercidade. As cidades na cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. e-papers, 2004.

_____. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. 2004. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cidadeciborgue.pdf>. Acesso em: 10 nov.2010

Lemos, André, Josgrilberg, Fabio (orgs). **Comunicação e Mobilidade.**, Salvador: EDUFBA, 2009a.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **A Inteligência Coletiva, por uma Antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 1998.

LICOPPE, Christian; INADA, Y. Shared encounters in a location aware and proximity aware mobile community. The Mogi case. in WILLIS, K., ROUSSOS, G., CHORIANOPOULOS, K., STRUPPEK, M. (eds). **Shared Encounters.** Springer, UK, 2009.

LICOPPE, Christian; SMOREDA, Zbigniew, Are social networks technologically embedded? How networks are changing today with changes in communication technology. in: **Social Networks**, 2005, 27(4).

LING, R. **Where is mobile communication causing social change**, 2004. Disponível em: http://www.rheingold.com/texts/Ling_2004_Socialchange.htm#_ftn9. Acesso em: jun.2010.

LITTLEJOHN, Stephen W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências** Petrópolis: Editora vozes, 1996.

_____. **O conhecimento comum: Introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

_____. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Sobre o nomadismo**. São Paulo: Editora Record, 2001.

MANOVICH, L. **The Poetics of Augmented Space: Learning from Prada**. 2005. Disponível em: <http://www.manovich.net/DOCS/augmented_space.doc>. Acesso em: jun. 2010.

MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA, 1967.

MITCHELL, Willian J. **E-topia: A vida urbana – mas não como a conhecemos**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

MONTARDO, Sandra; PASSERINO, Liliana. Estudo dos Blogs a partir da Netnografia: Possibilidades e Limitações. In: **Revistas de Novas Tecnologias na Educação - RENOTE**.V. 4 Nº 2, Dezembro, 2006.

MORAES, Denis de. Ativismo digital. In: **BOCC, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Portugal, 2001.

MORAES, Patrícia. Propostas e desafios na cidade digital. In: LEMOS, André (org). **Cibercidade. As cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. e-papers, 2004.

NOVELLI, Ana Lúcia R. Pesquisa de opinião. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

PARAGUAI, Luiza. “Tecnologias móveis: circulação e comunicação”. In: SANTAELLA, L. (org). **Estéticas Tecnológicas. Novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2008.

PELLANDA. Eduardo C. **Internet móvel: Novas relações na cibercultura derivadas da Mobilidade na comunicação**. Tese de doutorado. PUCRS, 2005.

_____. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In Lemos, André, Josgrilberg, Fabio (orgs). **Comunicação e Mobilidade**., Salvador: EDUFBA, 2009a.

_____. Desdobramentos dos “olhares” móveis sobre o terrorismo em Londres: como as vítimas viraram repórteres. 2005a. In: **E-Compós**, Brasília, Dez 2005.

_____. Projeto Locast como exemplo de pesquisa aplicada em comunicação. In: PELLANDA, Eduardo (ORG). **Locast Civic Media: Internet Móvel, cidadania e informação hiperlocal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010

PERUZZO, Cicilia Maria K. Observação participante e pesquisa-ação. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel da C. **Memes em weblogs: Proposta de Taxonomia**. 2006. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/1969/1785>
Acesso em 12 mai 2009.

RECUERO, Raquel da C. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Roward. **Multitudes inteligentes. La proxima revolución social.** Barcelona: Gedisa, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores.** São Paulo: EDICON, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo.** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações sociais.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **The Structures of the Life-world.** Northwestern: University Press, 1973.

SCHWINGEL, Carla; SILVA, Lídia; ABREU, Jorge. Átomos e bits em fluxos: redes sociais nas cidades territoriais e digitais. In: LEMOS, André (org). **Cibercidade. As cidades na cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. e-papers, 2004.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

SOUZA E SILVA, Adriana de. **De MUDs como a espaços como MUDs: Interfaces Móveis de Comunicação e Subjetividade Contemporânea.** 2005. Disponível em: <http://www.souzaesilva.com/lectures/06conferences/intercom2005/Intercom2005.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2010.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006.

WAGNER, Helmut. A abordagem fenomenológica da sociologia. In: **Fenomenologia e relações sociais.** SCHÜTZ, Alfred. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WELLMAN, Barry. The Networked Nature of Community Online and Offline.y life. In: **IT & Society** (1), Summer, 2002.

SITES:

LOCAST CIVIC MEDIA: Disponível em: <http://locast.mit.edu/civic/>

7 ANEXOS

ANEXO A – Questionário 1

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 20

1.2 SEXO

() Masculino (X) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

(X) Graduação () Pós-Graduação () Professor () Outros:

1.4 CURSO

() Jornalismo () Relações Públicas (X) Publicidade () Outros:

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

PUCRS RBS MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

Parceria PUCRS/RBS/MIT.

Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

Pela inovação do projeto.

Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

Outros _____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Entrei no projeto poucos dias antes do início, interessei-me pela inovação e pela oportunidade de mostrar Porto Alegre de forma semelhante ao projeto realizado na Itália. Depois do início das reuniões, entendi a diferença do projeto aqui, para o anterior. No início, foi um pouco frustrante a plataforma não funcionar corretamente e os vídeos terem a localização errada e deverem ser carregados e enviados pelo computador - embora assim fosse mais fácil de escrever a descrição. A realização dos vídeos, porém foi muito boa e revelou-se melhor que o esperado.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

Pré-agendadas (pelo fato em si)

Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

Espontâneas (factuais)

Outras _____

Por quê?

Como havia poucos aparelhos, tivemos que nos separar em grandes grupos, com média de 6 cada. Por isso, definimos previamente pautas que interessavam a todo o grupo e pautas em que cada um poderia cobrir por proximidade ou interesse próprio, em horários opostos a aula ou ao projeto. Ocorreram, entretanto, pautas espontâneas; oportunidades que surgiram durante o trajeto ou durante a cobertura de uma pauta programada.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Sim, as pautas pré-agendadas foram melhor planejadas, quanto a entrevistas, ângulos, OFFs. As espontâneas, algumas vezes, foram feitas o mais rápido possível, antes que perdêssemos o fato, o que deixou-as com um tom de informalidade, que acabou caracterizando o Locast.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

As pautas que fiz individualmente buscaram mostrar formas diferenciadas de publicidade em Porto Alegre, como no medias, ações promocionais, experimentações em universidades, como os orelhões customizados do Campus do Centro da UFRGS, que há muito tempo tinha vontade de mostrá-los, e encontrei no Locast uma oportunidade. Além disso, buscamos retratar eventos culturais e de lazer na cidade, tanto aqueles mais famosos, como treinos e jogos do Grêmio e outras ocasionais, como a palestra de Tom Wolfe no Fronteiras do Pensamento, e palestras sobre o Universo no Museu da UFRGS.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

A entrevista realizada com o professor da USP sobre o ano internacional da astronomia no Brasil foi um das mais relevantes pois partiu de um fato atual (na época) e ao mesmo tempo que pode ser visto muito tempo depois, sem perder o

sentido e que traz na integra informações muito interessantes e que não teriam tanto espaço em um telejornal.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Há fatos que passam sem destaque na mídia, pois o volume de informação é muito grande. Com plataformas como o Locast, qualquer cidadão pode, embora não vá substituir o papel de um jornalista, trazer a informação que passa pelo seu cotidiano e que pode ser vista em seguida ou procurada tempos depois pela localização em que ocorreu.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Foi muito boa, aproveitamos as habilidades e afinidades de cada um para a divisão de pautas, mas houve pouca interação através de outras mídias. Meu grupo, por exemplo, comunicou-se mais por mensagens de celular ou ligações e até pessoalmente do que pelo Twitter ou messenger.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Sim Não

Por quê?

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim Não

Por quê?

O youtube e o twitter já geram mobilizações que viram notícias nos meios tradicionais, posteriormente. O uso de celulares só intensificaria esse "imediatismo" e rapidez nas mobilizações digitais.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Obrigada!

ANEXO B – Questionário 2

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 28

1.2 SEXO

() Masculino (x) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

() Graduação (x) Pós-Graduação () Professor () Outros: _____

1.4 CURSO

(x) Jornalismo () Relações Públicas () Publicidade () Outros: _____

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(x) PUCRS () RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

Parceria PUCRS/RBS/MIT.

Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

Pela inovação do projeto.

Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

Outros

Pela possibilidade de criar novos conteúdos e novas narrativas para um projeto de jornalismo diferenciado, podendo sair do padrão tradicional de notícias.

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Na verdade, eu não tinha muita expectativa, pois fiquei sabendo do projeto quando ele já estava encaminhado. Algumas reuniões já haviam ocorrido quando eu entrei no grupo. Informei o meu futuro orientador, naquela época (Eduardo Pellanda), que voltaria da França no final de outubro para fazer as provas de seleção do mestrado. Nesta conversa ele me convidou para o projeto. Após ter participado do projeto fiquei com uma impressão super legal, de que realmente é possível produzir novos conteúdos e muito melhor contextualizados. Gostei muito de poder usar pessoalmente a plataforma, foi um super contato e aprendizado. Também fiquei super feliz com a continuidade do projeto, que se estendeu a entrevistas com o pessoal do MIT e papers.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

- ()Pré-agendadas (pelo fato em si)
- ()Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)
- ()Espontâneas (factuais)
- (.x.)Outras

Foram espontâneas e ao mesmo tempo pré-agendadas.

Por quê?

O meu grupo não fez necessariamente uma pauta. Criamos um projeto. A idéia era percorrer os bairros da cidade tentando descobrir onde ficava o coração/centro da cidade, perguntando para as pessoas que passavam pelos locais.

Bom, essa idéia não foi agendada. Estávamos andando no centro da cidade atrás de algum assunto quando começamos a pensar sobre o centro, sua história sua importância... E aí que veio a idéia. Fizemos o primeiro vídeo e a partir daí sim, os outros foram agendados.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Na verdade não. Todos os vídeos seguiram um mesmo padrão. Uma mesma idéia.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

O próprio conteúdo da pauta. Quando a gente olha o mapa da cidade, vemos uma estrutura radial, sem centro geográfico. O centro de Poa se formou assim por questões históricas. Mas a cidade mudou muito, os bairros se modificaram, a cidade ganhou autonomia através da malha viária... Certamente isso deveria impactar o imaginário a respeito dessa idéia de centro. E poder planificar esse imaginário sobre o próprio mapa da cidade seria muito legal. Para as pessoas, falar da cidade cidade é sempre algo relevante, que mexe com a memória. Achamos que as pessoas gostariam de ler, por elas mesmas, a transformação do cotidiano da sua cidade.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Eu me envolvi somente neste projeto sobre o coração de porto alegre. Pra mim foi relevante porque pude exercitar uma nova narrativa, uma nova linguagem em um outro suporte. A relevância deste projeto para os cidadãos acho que pode ser conferida pela alta aceitação e participação dos entrevistados. A grande maioria se interessou pelo assunto.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Eu acho muito bacana. A tecnologia está aí, é pra usar mesmo. Se apropriar, criar, inventar. Quanto mais pessoas experimentam, mais se pode ver se uma plataforma tem potencia ou não, tem aderência ou não. Tem muito assunto no mundo para ser reportado e esse assunto é das pessoas.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Acho que foi ótimo. Sempre que tive dúvidas fui apoiada pelos coordenadores. Se formou uma relação de confiança e liberdade para executar o trabalho, e isso eu acho ótimo. A única coisa que poderia ser melhor é ter mais técnicos para problemas de sistema. Lembro que tinha um rapaz e que as vezes tinha muita gente em cima dele, pois as pessoa estavam com problemas de login, upload de vídeo, etc etc.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

(.x.) Sim (..)Não

Por quê?

Eu não entendi esta questão. Isso é entre as pessoas do projeto ou pessoas em geral? Vou responder de forma geral. Acho que sim, existe a possibilidade de aproximação. Talvez não diretamente na operação de gravar um conteúdo no

celular, mas compartilhar a experiência ou o próprio conteúdo em si pode interessar a mais pessoas.

Profissionalmente, não enxergo um repórter solitário com o seu celular. Enxergo uma equipe navegando pelas ruas, tentando farejar algo. Talvez quem vai apertar o botão vai ser uma pessoa, mas o trabalho é do grupo.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim Não

Por quê?

Bem, como vimos recentemente no caso do Rio de Janeiro e os traficantes no morro do alemão, foi graças ao celular dos cidadãos que muitas informações eram disseminadas, via twitter. Um twitter da comunidade chegou ao absurdo de passar em um dia de 5 mil seguidores para 22 mil (não tenho certeza absoluta do número, mas sei que é por aí).

O celular é a maior arma de um cidadão, que precisa se ligar tanto com outros membros de uma comunidade, quanto com a mídia ou com uma outra pessoa em qualquer lugar do planeta. Ele é móvel, pode acionar as pessoas nos seus percursos cotidianos, pode mudar a rota das pessoas. Pode agrupá-las e desagrupá-las.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Obrigada!

ANEXO C – Questionário 3

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 19

1.2 SEXO

() Masculino (X) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

(X)Graduação ()Pós-Graduação ()Professor ()Outros: _____

1.4 CURSO

(X)Jornalismo ()Relações Públicas () Publicidade ()Outros: _____

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(X)PUCRS ()RBS ()MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

)Parceria PUCRS/RBS/MIT.

)Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

)Pela inovação do projeto.

) Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

)Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

)Outros_____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

A minha expectativa antes da realização do projeto era grande. Pensava que essa seria uma oportunidade de explorar o jornalismo cívico utilizando uma ferramenta móvel e com isso ter um conhecimento maior do que aos poucos se torna tendência na sociedade. Foi exatamente isso que experienciei, fazendo com que o projeto correspondesse e até superasse as minhas expectativas.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

)Pré-agendadas (pelo fato em si)

)Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

)Espontâneas (factuais)

)Outras

As pautas eram pré-agendadas, pois fizemos algumas coberturas de eventos, mas tentamos mostrar o factual/ espontâneo de cada acontecimento, fugindo do óbvio e do que a imprensa tradicional já faz muito bem

Por quê?

Tentamos ter um foco e trabalhar com a questão dos bastidores de acontecimentos. Isso aconteceu na cobertura de uma coletiva de imprensa e treino do Grêmio e na hora do jogo do time contra o Palmeiras. Conseguimos mostrar instalações da imprensa, o camarote no estádio Olímpico e até a rotina dos paramédicos durante a partida. Optamos por esse tipo de cobertura para explorar um lado que só uma ferramenta como o Locast proporciona.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Não tivemos entrevistas, por exemplo, pré-agendadas ou um grande planejamento do que seria cada cobertura. Esperamos pelo inusitado, mesmo que ele fosse muito simples, como um elevador do camarote do Olímpico estragado na hora do jogo. Portanto, não conseguimos ter uma noção precisa dessas diferenças.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

As pautas que escolhemos mostravam pequenos factuais (que a mídia tradicional não cobre), mas que despertam a curiosidade e podem alterar a rotina de um grupo de pessoas.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Estádio Olímpico- Assessor de Imprensa do Palmeiras foi a reportagem mais relevante que fiz. Isso porque foi o primeiro pronunciamento da Diretoria do clube em um momento delicado de expulsões. Enquanto todos os veículos faziam a cobertura do fato e aguardavam o final da partida para ver que da Diretoria poderia falar sobre o assunto, consegui pegar o comentário na hora, enquanto ninguém estava preparado e todos estavam de cabeça quente.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

A possibilidade é extremamente interessando e pode mudar o entendimento de circulação da informação. Os jornalistas continuam tendo seu papel, mas deixam de ser os donos da notícia

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

A relação foi muito boa e a divisão em grupos de trabalho ajudou muito, tendo em vista que tudo era muito novo e precisava ser extremamente explorado. O único ponto negativo foi não ter interagido muito com os participantes que trabalham na RBS, acho que poderia acrescentar ainda mais o trabalho dos estudantes

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Sim Não

Por quê?

Quando se publica assuntos de um interesse muito específico, torna-se mais fácil uma empatia e troca de informações. Acho que com isso podem se formar comunidades.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim Não

Por quê?

Dependendo da relevância da plataforma em número de acessos e da importância da notícia, uma mobilização pode ser gerada. Não é algo simples, mas existe a possibilidade. O conteúdo tem que ser exclusivo e de interesse de muitos.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Obrigada!

ANEXO D – Questionário 4

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 22 anos

1.2 SEXO

() Masculino (X) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

(X) Graduação () Pós-Graduação () Professor () Outros: _____

Obs. No momento do projeto, a graduação estava em andamento ainda.

1.4 CURSO

(X) Jornalismo () Relações Públicas () Publicidade () Outros: _____

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(X) PUCRS () RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

Parceria PUCRS/RBS/MIT.

Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

Pela inovação do projeto.

Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

Outros

É importante ressaltar que a experiência em si era muito enriquecedora, especialmente para quem estava estudando comunicação, trazendo a possibilidade de experimentação de uma plataforma inovadora e com possibilidades diferentes da mídia tradicional, além da possibilidade de trabalhar com outros profissionais e aprender com eles.

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Minhas expectativas eram de experimentação de uma nova plataforma de comunicação, de uma maneira que fosse possível repensar os processos comunicacionais. Acho que elas se confirmaram sim. Foi muito bom pensar no celular como o dispositivo para a captura de conteúdo e poder agregar isso a geolocalização.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

Pré-agendadas (pelo fato em si)

Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

() Espontâneas (factuais)

(X) Outras

Por quê?

Acho que espontâneas, mas não factuais, talvez possa-se dizer agendadas pelo interesse pré-existente. Nas pautas, fomos a lugares importantes de Porto Alegre e perguntamos sobre qual era o coração da cidade. Depois partimos para alguns dos lugares apontados, sendo que o próximo lugar era definido em grande parte pelas repostas obtidas nos vídeos anteriores, por isso talvez se possa dizer que era por interesse pré-existente, mas aí depende da definição que tu estás dando para esta categoria.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Fizemos poucas pautas pré-agendadas, mas foi possível perceber sim. Me parece que as pautas espontâneas combinam mais com a plataforma, pois registram mais um momento específico. Filmamos uma tempestade forte que teve na cidade, por exemplo, algo que não poderíamos prever. Acho que a plataforma se distingue justamente por uma abordagem diferente da tradicional.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

Filmamos e registramos o que achamos que gostaríamos de ver como espectadores, o que consideramos interessante e uma abordagem diferente da tradicional. Acho que os critérios também fugiram dos tradicionais critérios de noticiabilidade.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Acho que a é a série toda de “Onde fica o coração de Porto Alegre?”, pois considero que a plataforma e o uso do celular fizeram diferença no resultado final.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Isso já vem acontecendo. É um movimento que vem ganhando cada vez mais força. Se produz fotos, vídeos, conteúdos. Acho que é interessante dar a possibilidade do

teu leitor participar de uma cobertura, não que isso substitua o trabalho do profissional, do jornalista. São abordagens diversas.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Acho que foi positivo. O trabalho em grupos possibilitou abordagens diferentes e pontos de vista diversos.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

(..) Sim (..)Não

Por quê?

Não entendi a pergunta. Possibilidade de aproximação de um usuário produtor de conteúdo com outro? Não sei dizer. Acho que é possível, caso este poste esse conteúdo na internet e gere comentários, ou algo nesta linha.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

(X)Sim ()Não

Por quê?

Com certeza, principalmente se o tema for de interesse público. Reivindicações de melhorias de estradas, ruas ou serviços geram mobilização e a internet e as redes são muito propícias para isso, assim como os celulares, que hoje também estão constantemente conectados.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto à utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

A experiência com a plataforma Locast foi muito proveitosa, sendo possível observar uma maneira diversa de se produzir conteúdo.

Obrigada!

ANEXO E – QUESTIONÁRIO 5

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 26_____

1.2 SEXO

(X) Masculino () Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

() Graduação (X) Pós-Graduação () Professor () Outros: _____

1.4 CURSO

() Jornalismo () Relações Públicas () Publicidade () Outros: _Comunicação Social__

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(X) PUCRS () RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

Parceria PUCRS/RBS/MIT.

Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

Pela inovação do projeto.

Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

Outros

Por ser um dos assuntos de meu interesse de pesquisa acadêmica.

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Se confirmaram plenamente. Houve, inclusive, uma superação de expectativas, tanto em aspectos de engajamento dos envolvidos (estudantes), quanto dos colaboradores institucionais e parceiros de viabilização do projeto.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

Pré-agendadas (pelo fato em si)

Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

Espontâneas (factuais)

(..)Outras_____

Por quê?

Por ser a ideia inicial do projeto e ser característica do jornalismo cívico.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Houve uma pauta pré-agendada, a cobertura de um show, na qual a diferença foi a necessidade de cumprir a realização da pauta. Além de ter havido credencial de imprensa, o que me colocou em certa “vantagem”_como público. Talvez, sem a credencial não tivesse obtido os vídeos que fiz.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

Notícias que julguei ser de interesse da sociedade, que influenciariam em seu cotidiano, de alguma forma. Informações mais de serviços.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Cobertura do Show de Jason Marz, no Pepsi On Stage, pelo fato de ser um show internacional na capital gaúcha.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

De extrema relevância social. A descentralização das informações em rede é uma característica fundamental para legitimação de uma sociedade livre, em todos os sentidos.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Positivos, o engajamento dos participantes. Não evidencio aspectos negativos.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Sim (..)Não

Por quê?

Nem sempre, às vezes é apenas uma narrativa observatória, sem interação direta com os atores sociais.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim ()Não

Por quê?

Definitivamente, sim, desde que, claro, haja um canal para disponibilizar tais informações.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Foi uma experiência bastante enriquecedora, os acontecimentos sociais e urbanos passam a ser observados por uma outra perspectiva, no sentido de dar um significado diferente para os eventos cotidianos.

Obrigada!

ANEXO F – Questionário 6

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 41

1.2 SEXO

() Masculino (x) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

() Graduação (x) Pós-Graduação () Professor () Outros:

1.4 CURSO

() Jornalismo () Relações Públicas () Publicidade () Outros: música

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(x) PUCRS () RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

Parceria PUCRS/RBS/MIT.

Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

Pela inovação do projeto.

Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

Outros _____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Esperava que o projeto fosse bem prático, o que se confirmou.

Tinha também a expectativa de que os vídeos fossem sair um pouco melhores, mas a qualidade dos vídeos de celular (e do som) é muito ruim, especialmente à noite.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

Pré-agendadas (pelo fato em si)

Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

Espontâneas (factuais)

Outras _____

Por quê?

Por que o grupo tinha que decidir alguma coisa, e achamos que ambos os tipos de pautas fossem válidos.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

As pautas espontâneas são mais interessantes e os resultados também, e me parecem mais adequadas à proposta da plataforma (o cidadão que encontra um fato interessante e inesperado pode relatá-lo). No caso das pautas agendadas, percebe-se que a plataforma pode ser direcionada para as instituições de jornalismo, para facilitar a mobilidade dos repórteres.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

Eu realmente não pensei em pautas relevantes para a sociedade e nem estou preocupada com isso, talvez porque eu não pense mesmo como um jornalista. As pautas que realizei estavam relacionadas a meus interesses pessoais. E acredito que isso é o que moveria um cidadão comum a participar em um site com a plataforma locast, caso ele viesse a existir.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Eu não realizei nenhuma reportagem relevante; como disse, procurei coisas que se relacionam a lugares que frequento e meus interesses em arte e cultura. Claro, são assuntos interessantes para mim, mas se “relevante” nessa questão está relacionado a algum tipo de importância social, política, etc, então realmente as minhas não foram.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Eu acho que normalmente os cidadãos já estão produzindo informação na internet, mesmo que não seja de maneira móvel. Mas agora que o celular conectado está se tornando bastante popular, acho natural que esse tipo de coisas aconteça. As redes sociais em geral já estão se prestando para isso; o Twitter me parece a mais relevante rede de transmissão rápida de informações no momento. As pessoas fazem esse uso espontâneo de qualquer plataforma que possibilite essa forma de apropriação; obviamente, nem todas as “notícias” publicadas tem cunho jornalístico.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Foi positiva a troca de experiências, ver o que cada grupo estava fazendo. Negativa talvez a falta de feedback ou comentários sobre as notícias coletadas.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Sim Não

Por quê?

Eu queria marcar talvez, ao invés de sim, mas não tinha a opção. Haveria aproximação se as informações fossem conectadas a perfis que permitissem a interação interpessoal além da interação com as notícias. Só consigo imaginar nesse caso.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim Não

Por quê?

Poderia haver algum tipo de adesão espontânea a algum tipo de causa que fosse significativa para um grupo de pessoas, caso o acesso às notícias se tornasse tão popular quanto o YouTube, por exemplo. Mas é apenas uma hipótese, possivelmente remota.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Eu acho que o grande problema neste projeto é a intencionalidade da produção de notícias. Para jornalistas isso pode parecer algo fantástico, mas penso que muitos

cidadãos (como eu) não tenham esse tipo de desejo, de encontrar e transmitir notícias. Considerando o exemplo dessa pessoa que não quer ser um produtor de notícias, diria que eventualmente todo mundo quer espalhar alguma coisa, e isso já se faz muito bem por meio do Twitter. A impressão que eu tenho é que o Locast se torna uma coisa séria demais, ainda que aberta aos textos e imagens produzidas por não-profissionais. Não acredito que ele se popularizaria dessa forma.

Obrigada!

ANEXO G – Questionário 7

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 22

1.2 SEXO

() Masculino (x) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

(x) Graduação () Pós-Graduação () Professor () Outros: _____

1.4 CURSO

(x) Jornalismo () Relações Públicas () Publicidade () Outros: _____

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(x) PUCRS () RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

Parceria PUCRS/RBS/MIT.

Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

Pela inovação do projeto.

Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

Outros _____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

A única coisa que não foi como esperado foi o envolvimento que a rbs teve. Imaginei, que nós estudantes de jornalismo, teríamos mais contato e troca de experiências com os profissionais da instituição.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

Pré-agendadas (pelo fato em si)

Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

Espontâneas (factuais)

Outras _____

Por quê?

Por acreditar que desta forma se assemelharia ao jornalismo que é feito pelo cidadão.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Não

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

Os fatos que estavam acontecendo no dia e que interessavam ao grupo.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Entrevista com Danilo Gentili. Por ele ser uma das celebridades da comedia no momento. Foi a que teve mais visitas

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Acho que ampliará a possibilidade de todos terem acesso a informação e produzir conteúdo sobre os assuntos que acha importantes.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Acredito que a PUC e a MIT souberam trabalhar muito juntas. No entanto, não achei que os profissionais da RBS acrescentaram muito.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Sim (..)Não

Por quê?

Qualquer meio de comunicação bem utilizado serve para aproximar as pessoas. Basta saber utilizar.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim ()Não

Por quê?

Pessoas com o mesmo interesse poderão se unir em favor de alguma causa através dos post produzidos pelo celular.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Obrigada!

ANEXO H – Questionário 8

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 25

1.2 SEXO

() Masculino (x) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

() Graduação (x) Pós-Graduação () Professor () Outros: Relações Públicas

1.4 CURSO

() Jornalismo (x) Relações Públicas () Publicidade () Outros: _____

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(x) PUCRS () RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

()Parceria PUCRS/RBS/MIT.

()Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

(x)Pela inovação do projeto.

(x) Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

()Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

()Outros _____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

As minhas expectativas eram positivas, posto que se tratava de algo inédito e que permeia ambiências muito atuais da tecnologia da informação. Após o término dos testes, senti que a projeto é uma possibilidade real de utilização para notícias geolocalizadas de forma profissional ou Civic Media.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

()Pré-agendadas (pelo fato em si)

(x)Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

()Espontâneas (factuais)

(..)Outras _____

Por quê?

Em sua maioria foram notícias ligadas ao cotidiano e cultura. Desta forma, íamos atrás da notícia sabendo do objeto. Mas alguns fatos foram reportados conforme necessidade, como no caso da grande chuva em Poa que deixou a PUC sem energia ou o protesto dos estudantes da PUC contra o aumento da mensalidade.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Em realidade o que diferenciou as pautas espontâneas das pré-agendadas foi o imprevisto necessário para realizar a pauta.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

O fato das pautas serem ligadas à cultura e ao cotidiano de Porto Alegre. Bem como, no caso das pautas espontâneas, de fatos relevantes a todos (no caso da chuva, por ser um fato inesperado e que atingiu boa parte da população da cidade e, no caso do protesto em frente à PUC, por ter reorganizado o trânsito no local e reivindicar algo comum a todos os estudantes de uma grande universidade).

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

A que envolvia a questão da chuva e da falta de energia na cidade, por questões citadas acima; por ser de interesse geral para a cidade e se tratar de algo incomum no cotidiano da cidade.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Acredito possível, mas vejo isso pautado e com cautela por parte da fonte que divulgará tais informações. Caso o site seja disponibilizado sem mediador, podem ocorrer inverdades e apropriações indevidas.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Na minha perspectiva, não ouve aspecto negativo que possa ressaltar por parte da PUC/MIT. Apenas houve falta de interação entre os repórteres da Zero Hora com os alunos, exceto poucas exceções. Muitos nem sabiam do projeto ou do que se tratava.

O que destaco de mais positivo foi a troca entre tantas diversidades e a geração de ideias e notícias provenientes de profissionais ou graduandos com diferentes perspectivas.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Sim Não

Por quê?

No caso dos envolvidos com a notícia, a troca é essencial e benéfica à qualidade do que será gerado. No caso dos interagentes/receptores das informações, há uma aproximação pelo interesse na temática abordada e, *a posteriori*, aproximação por dicas de notícias, por exemplo, ou mais interesses em comum que possibilite não só a interação on-line ou não só por conta das informações já geradas.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim Não

Por quê?

A priori ainda não, pois em nossa realidade atual, poucas pessoas tem acesso à telefones celulares com internet de boa qualidade a ponto de utilizar-se de serviços como o 4Share ou Locast diariamente via celular para interagir de forma a produzir mobilização em massa.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Acredito na validade do projeto e na necessidade de geolocalização quanto à produção de notícias, mas acredito que esta sementinha vai germinar aos poucos, à medida que for real e significativo o número de usuários de telefonia móvel com possibilidade de interação (com internet de boa qualidade), será viável que estes e

muitos outros projetos entrem no cotidiano das pessoas e sejam utilizados assiduamente.

Obrigada!

ANEXO I – Questionário 9

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM
 Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 24

1.2 SEXO

() Masculino (X) Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

(X)Graduação ()Pós-Graduação ()Professor ()Outros: _____

1.4 curso

(X)Jornalismo ()Relações Públicas (X) Publicidade (X)Outros: Formada em Publicidade, Jornalismo em curso.

1.5 instituição proveniente

(X)PUCRS ()rbs ()mit

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

(X)Parceria PUCRS/RBS/MIT.

(X)Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

()Pela inovação do projeto.

() Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

(X)Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

()Outros _____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao

mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Antes do projeto não sabia bem como poderia ser feito jornalismo por um celular. As coisas não eram bem claras. Pensava que a qualidade no passar a notícia cairia muito. Após o trabalho realizado vimos as vantagens em se ter uma forma de todos sermos jornalistas ou produtores de conteúdo, com velocidade e qualidade, ainda que tenhamos mais imagens tremidas do que de costume. É interessante pensar que em algumas situações, informações só são divididas com o público, porque alguém estava lá no momento exato fazendo o registro e divulgando o conteúdo, antes da imprensa tomar conhecimento.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

() Pré-agendadas (pelo fato em si)

(X) Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

(X) Espontâneas (factuais)

(..) Outras _____

Por quê?

Sabíamos de alguns eventos que mereciam cobertura (maioria dos casos), outros fatos foram registrados por membros da equipe que portavam o celular e viram algo interessante.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Sim, as espontâneas era livres de qualquer planejamento. As pré-agendadas, mesmo que soubéssemos apenas a data do evento, nos dava mais tempo para pensarmos e discutirmos como trabalharíamos.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

Além de fatos corriqueiros, eventos e parte do cotidiano portoalegrense, algumas pautas eram eventos culturais de pequeno porte, coisas que talvez não teriam a atenção da grande mídia. Para nós era algo que merecia atenção.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

A passagem pelo Estádio Olímpico foi bastante interessante porque foi uma sequência de pontos diferentes que foram abordados. Além de participarmos de uma coletiva de imprensa com o Rospide fizemos quase que um tour lá dentro, pelos bastidores. Fomos a espaços que o próprio torcedor muitas vezes não conhece. Foi uma forma de mostrar ao público (gaúcho ou não) pontos que não estão acostumados a ver.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Basicamente, penso que seria um passo importante para a democratização da distribuição da informação. Auxilia também no fluxo de notícias mais locais e de menor porte, que muitas vezes fogem dos grandes veículos, facilitando também a comunicação entre comunidades ou da mesma localidade.

4. Interação

4.1 em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Como positivo vejo a mobilização e a dedicação dos grupos, os resultados foram surpreendentes, principalmente no que diz respeito a pontos abordados. Os colegas fizeram coberturas muito boas de coisas que pautas que a primeira vista pareciam comuns. O resultado do trabalho de todos foi muito bom.

Não vi nada de negativo quanto à interação, só o que dificultou um pouco do processo foi termos apenas um celular por equipe. Às vezes era preciso cobrir duas pautas simultaneamente, tivemos que estabelecer algumas prioridades assim. Alguns integrantes do grupo perderam a pauta por não terem o celular em mãos. Mas nada que estivesse ligado diretamente à interação dos participantes.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

(X) Sim (..)Não

Por quê?

O telefone por si só, com as suas funcionalidades já aproxima as pessoas. Acredito que com a publicação de conteúdos via celular isso só aumente, isso porque a aproximação resultante do uso de um computador com internet podem ser feitas agora pelo celular.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

(X)Sim ()Não

Por quê?

Acredito que sim. Fica mais fácil para comunidades serem melhor representadas ao cobrir os interesses da sua própria localidade.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

O projeto Locast Civic Media é uma experiência que traz todo o potencial de velocidade da informação unida à mobilidade. Eram alunos e profissionais da comunicação atuando como o cidadão-repórter, peça-chave do jornalismo colaborativo. Foi uma experiência incrível poder medir/sentir parte o enorme potencial do jornalismo aliado à tecnologia nesse a era da convergência. A Comunicação num geral vai tomar novas formas. Nós experimentamos um pouco disto.

Obrigada!

ANEXO J – Questionário 10

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 29 anos

1.2 SEXO

(x) Masculino () Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

() Graduação (x) Pós-Graduação () Professor () Outros: Cursando mestrado

1.4 CURSO

(x) Jornalismo () Relações Públicas () Publicidade () Outros:

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

(x) PUCRS () RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

- Parceria PUCRS/RBS/MIT.
- Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.
- Pela inovação do projeto.
- Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.
- Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.
- Outros _____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Minha expectativa era a de produzir material com os telefones celulares para as plataformas disponíveis, principalmente pela RBS, devido a parceria. Nesse sentido, me senti realizado em relação a liberdade que nos foi dada e ao resultado do trabalho, porém, não consegui visualizar uma orientação ou a utilização do material dos alunos por parte da RBS. Talvez tenham até utilizado mais do que penso, mas não cheguei a ver isso claramente. Esperava mais no que diz respeito a essa parceria com a RBS, mas quanto a minha participação e motivação pessoal, minhas expectativas foram confirmadas.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

- Pré-agendadas (pelo fato em si)
- Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)
- Espontâneas (factuais)

(x)Outras: Creio que foi um pouco de cada. De certa forma algumas foram pré-agendadas, outras foram pelo interesse preexistente do grupo e outras foram totalmente espontâneas.

Por quê?

Acredito que pelo fato do grupo contar com bastante gente, cada um tinha uma idéia, alguns queriam cobrir pautas sobre atividades pré-agendadas ou “aproveitar” o interesse que tinha por determinado evento para, assim, aproveitar a sua presença para cobrir tal pauta. Por outro lado, também foi feito material totalmente espontâneo, como por exemplo, quando fomos no Mercado Público, ou quando as colegas foram para a Azenha. Acho que o resultado foi muito bom em todos os casos.

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

Creio que houve. Nas pré-agendadas, muitas vezes caímos na armadilha de fazer a cobertura da mesma forma que a mídia convencional, ou seja, entrevistando fontes oficiais, dando um panorama geral do local, etc. Nas espontâneas foi mais dinâmico, mais diferente da cobertura das mídias tradicionais. Também percebo que houve uma interação maior entre quem estava filmando com o celular e as pessoas anônimas, que se tornavam fontes. Sinceramente, achei muito mais interessantes as coberturas espontâneas. As pré-agendadas seriam interessantes se tivesse acontecido algum flagra, como por exemplo, alguma briga de torcida em um jogo de futebol, a agressão de policiais à cidadãos, etc. Ou seja, seriam eventos inesperados dentro de um evento esperado.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

São varias as motivações. A primeira, e mais presente, é a denúncia social, ou seja, você mostrar como um buraco na rua está prejudicando milhares de pessoas que passam por ali todos os dias, mostrar o trabalho infantil nas ruas, falcatruas de golpistas, etc. Mas existem outras, como por exemplo, contar histórias de caráter humanitário. Você mostrar como é interessante a vida de uma pessoa “comum” que de repente pode ser o seu vizinho. Ou, a partir de um acontecimento inesperado, você descobrir outros acontecimentos. Um exemplo hipotético: você está passando na frente de uma casa de massagens e vê uma garota saindo do local. Você conversa com ela, que se mostra receptiva, e a partir de então você faz outras investigações que podem revelar muitas histórias interessantes e até denúncias. De certa pode até ir ao encontro da idéia do New Journalism, como por exemplo,

quando Gay Talese conta que teve a idéia de escrever “A mulher do próximo” quando passeava com a esposa e passou em frente a uma casa de massagens. A partir disso ele desenvolveu um trabalho espetacular de jornalismo. Claro que isso demanda dedicação, tempo, etc, entretanto, pode ser tomado como exemplo para se desenvolver em escala menor, contar uma história curta do garoto que viu o seu cachorro ser atropelado por um caminhão no momento em que o repórter-cidadão passava pelo local, etc.

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

Devido às limitações que tive em relação a minha disponibilidade de tempo, participei de um baixo número de reportagens. Dentre as que participei, considerei as imagens que fiz no trajeto a pé percorrido até o estádio Olímpico para acompanhar Grêmio x Palmeiras pelo Brasileirão de 2009, pois, mostrei uma movimentação que sempre ocorre nos jogos, que apresenta curiosidades, como a forte atuação de cambistas, as concentrações de bebedeiras, etc, e que nunca são mostrados pelas mídias tradicionais.

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

Considero essa participação positiva, pois muitas vezes o cidadão comum flagra algo relevante para a sociedade, numa situação em que até o carro da reportagem chegar ao local o flagra já pode ser perdido. Voltando ao New Journalism, recordo que o Caco Barcellos contou em “Rota 66” como ele teve que fazer plantão no IML de São Paulo para flagrar que os corpos dos bandidos assassinados pela polícia de São Paulo já chegavam sem vida ao hospital. Entretanto, esse flagra poderia ser feito muito antes, de forma muito mais simples, se alguém que estivesse no local “por acaso” filmasse e enviasse para os meios. Ou seja, creio que deve haver uma parceria entre meios e o cidadão, mas sem “forçar a barra”, como por exemplo quando a Globo coloca no meio do jogo um torcedor fazendo algum comentário superficial sobre a partida. Isso irrita o telespectador que pode facilmente trocar de canal. Por outro lado, cria-se uma expectativa dos torcedores em se verem na TV. Nesse caso, tem que “medir” o que é mais interessante para a emissora: evitar que seus telespectadores fiéis se irrite, ou abrir canais para tentar trazer novos telespectadores, mesmo perdendo alguns menos pacientes com algumas idéias que podem facilmente ser interpretadas como toscas?

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Como positivo, acho que foram os encontros e a forma de produção e distribuição dos celulares foram bem organizados. Também achei positiva as exposições feitas pelos grupos e as discussões feitas sobre jornalismo, entretanto, se houvessem mais telefones teria sido ainda mais produtivo. Outro aspecto que considerei “negativo” foi a pouca utilização do material por parte da RBS, pelo menos em relação aquilo que eu esperava.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

Sim (..)Não

Por quê?

Acho que essa produção inicialmente parece ser mais individualizada, entretanto, há sim a possibilidade da aproximação. No caso de um evento pré-agendado, por exemplo, um grupo de pessoas podem acompanhar diversos aspectos de tal evento para fazer uma cobertura diferente da feita pela mídia convencional. Portanto, há sim essa possibilidade de aproximação. Já por parte do receptor, que vai ver esse vídeo na internet ou em outro canal, também há, pois a partir de um vídeo os outros receptores também podem contribuir.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim ()Não

Por quê?

A partir do momento que as pessoas se derem conta do poder que elas têm nas mãos segurando um telefone celular que filma, ou até mesmo uma máquina digital pequena que filma, elas vão cumprir uma das funções de jornalismo que é a de fiscalizar os poderes e, de certa forma, a sociedade, mas não no sentido de repressão. Por exemplo: em Santo Ângelo um cliente de um bar filmou um vereador humilhando um garçom, berrando, completamente bêbado, “sabe com quem você está falando, seu vagabundo?”, e no outro dia o vídeo foi assistido por muitas

pessoas no youtube e foi mencionado na imprensa impressa da cidade. Ou seja, quando mais pessoas tiverem consciência desse “poder” elas vão passar a filmar cada vez mais policiais exercendo abuso de poder, casos de exploração infantil (tanto relacionado a sexo quanto a trabalho), casos de corrupção, etc.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

Creio que a utilização de telefones celulares para a produção de notícias pode ocorrer nos mais variados campos do jornalismo: policial, esportivo, político, econômico, cultural, etc. Acho que minhas principais considerações foram mencionadas durante as respostas do questionário e considero o projeto Locast inovador e com muitos campos e pontos a serem explorados, ou seja, não creio que isso interesse somente à comunicação, mas outras áreas podem se interessar por isso, como o Direito, a História, as Artes, a Psicologia, etc.

Obrigada!

ANEXO K – Questionário 11

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

Procedimentos Metodológicos - Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado: “O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast”

Mestranda: Sandra Henriques

Orientador: Dr. Eduardo Campos Pellanda

Questionário

1. Perfil

1.1 FAIXA ETÁRIA

Idade: 25

1.2 SEXO

(x) Masculino () Feminino

1.3 ESCOLARIDADE / ATIVIDADE

(x) Graduação () Pós-Graduação () Professor () Outros: _____

1.4 CURSO

(x) Jornalismo () Relações Públicas () Publicidade () Outros: _____

1.5 INSTITUIÇÃO PROVENIENTE

() PUCRS (x) RBS () MIT

2. Motivações

2.1 Motivo(s) pelo(s) qual (ais) realizou o projeto

Parceria PUCRS/RBS/MIT.

Pela condição de utilização de uma plataforma móvel para gerar notícias.

Pela inovação do projeto.

Pelo interesse de gerar notícias, através de um celular e com a possibilidade de geolocalização.

Pela conscientização da possibilidade de um jornalismo cívico.

Outros _____

2.2 Antes da realização do projeto Locast, quais eram suas expectativas quanto ao mesmo? Elas se confirmaram durante e após a sua realização?

Esperava que trabalhássemos num produto editorialmente relevante e tecnologicamente inovador. Elas se confirmaram com a experiência.

3. Projeto Locast Civic Media

3.1 As pautas suas (ou de seu grupo) foram, em sua maioria:

Pré-agendadas (pelo fato em si)

Pré-agendadas (pelo interesse preexistente)

Espontâneas (factualis)

Outras _____

Por quê?

3.2 Ao realizar as pautas, houve diferenças entre as espontâneas e as pré-agendadas? Explique.

3.3 Quais as motivações que o fizeram selecionar determinada pauta como relevante para a sociedade?

3.4 Destaque qual a reportagem que você fez (nomeando-a), que considerou mais relevante e por quê?

3.5 Como observa a possibilidade de qualquer cidadão produzir informação a partir de telefones celulares?

A relevância para alguns segmentos de informação está na possibilidade de serem tratadas no fogo do acontecimento. Velocidade e conveniência são qualidades importantes para notícias de tráfego, cultura e vida comunitária, por exemplo. Esses conteúdos são passíveis de serem produzidos pelos cidadãos, que têm no telefone celular uma ferramenta importante para essa realização.

4. Interação

4.1 Em relação à interação entre os participantes do projeto Locast, quais aspectos destacaria como positivos e negativos?

Foi positiva a troca de informações e a vivência de trabalho. Faltaram momentos formais de avaliação.

4.2 Existe a possibilidade de uma aproximação entre as pessoas, através do uso de telefones celulares para produzir informações?

(x) Sim (..)Não

Por quê?

Twitter nos mostrou que a participação gera a qualificação do perfil, que por sua vez, chama a atenção de outros usuários e a conseguinte aproximação.

4.3 O uso de telefones celulares, para produzir notícias, pode gerar mobilização social?

Sim () Não

Por quê?

O aumento no número de usuários com tecnologia capaz de produzir e consumir notícias dessa natureza é prova de seu potencial de uso. Historicamente, descobrimos que ferramentas adequadas e relevância são os ingredientes necessários a mobilização social.

5. Comente, de maneira livre, outras observações quanto a utilização de telefones celulares para produção de notícias e em relação ao projeto Locast.

O projeto deixou claro a relevância desse tipo de tecnologia e a participação que ela terá no futuro da produção de conteúdo.

Obrigada!